

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

LILLIAN BASTIAN

RURAL DE PORTO ALEGRE: PERCEPÇÕES DE MORADORES DE MUNICÍPIOS DA
REGIÃO METROPOLITANA

Porto Alegre

2010

LILLIAN BASTIAN

RURAL DE PORTO ALEGRE: PERCEPÇÕES DE MORADORES DE MUNICÍPIOS DA
REGIÃO METROPOLITANA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como quesito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio

Série PGDR - Dissertação n° 120

Porto Alegre

2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

B 326c

Bastian, Lillian

Rural de Porto Alegre : percepções de moradores de municípios da região metropolitana / Lillian Bastian . – Porto Alegre, 2010.

140 f. : il.

Orientador: Fábio Kessler Dal Soglio.

(Série PGDR-Dissertação, n. 120).

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2010.

1. Desenvolvimento rural : Espaço rural : Percepção : Porto Alegre, Região Metropolitana de (RS). 2. Desenvolvimento rural : Turismo rural : Porto Alegre, Região Metropolitana de (RS). I. Dal Soglio, Fábio Kessler. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. III. Título.

CDU 332.1Des

LILLIAN BASTIAN

RURAL DE PORTO ALEGRE: PERCEPÇÕES DE MORADORES DE MUNICÍPIOS DA
REGIÃO METROPOLITANA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências
Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como quesito parcial para obtenção do título de
Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 24 de maio de 2010.

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio – Orientador
PGDR/UFRGS

Prof. Dr. José Geraldo Wizniewsky
Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural/UFSM

Prof. Flávia Charão Marques
PGDR/UFRGS

Prof. Dr. Saionara Araújo Wagner
Faculdade de Veterinária/UFRGS

A quem incentivou, indiretamente,
a jornada no mestrado:
meus pais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que foram essenciais para a elaboração desta Dissertação e estiveram envolvidas diretamente e indiretamente no processo de pesquisa.

Inicialmente gostaria de direcionar estes agradecimentos à minha família, insubstituíveis pai, mãe, mano e mana. Sem eles nada disso seria possível. Agradeço principalmente a minha Mãe que esteve sempre presente me fornecendo apoio nos momentos mais difíceis não medindo esforços e conseqüências para que superasse dificuldades.

Agradeço ao querido amigo Jonas pelos conselhos e pela ajuda! A Eliane que sempre esteve por perto do início ao final desta jornada. Ambos sempre abertos para me acolher e conversar. À minha amiga Gil pela qual tenho um carinho mais do que especial. Minha parceira e conselheira. Miga, ninguém me entende como você! Agradeço aos momentos de cumplicidade experimentados nas conversas presenciais ou virtuais. Fizeram-me acreditar que não estamos sozinhos e que existem pessoas como a gente.

Aos meus colegas de mestrado e doutorado, pelos conselhos e força. Novos amigos que compartilhavam momentos idênticos e parecidos aos meus.

Aos dois professores do PGDR que tive oportunidade de trabalhar conjuntamente em pesquisas e nas atividades ligadas ao mestrado. Professor Dr. Marcelino de Souza e, especialmente, quero agradecer ao professor Dr. Fábio Kessler Dal Soglio, meu orientador nesta pesquisa, que aceitou me guiar e acreditou em minha idéia de pesquisa. Agradeço pela confiança e pelo incentivo. E, é claro, pelas inúmeras leituras e correções às versões elaboradas.

Aos agricultores familiares ecológicos do rural de Porto Alegre, especialmente em nome de Silvana, “Juca”, “Dodô” e Vera. Pela disponibilidade, pela estadia em dias frios, pelas conversas, por compartilhar comigo seus cotidianos e pelo aprendizado.

Aos informantes que se dispuseram em participar das entrevistas.

À todos os irmãos da casa de estudante (CEU). Que aos poucos foram tornando a CEU a minha casa! A casa onde encontrava tudo o que precisava: morada, alimentação (no RU), diversão e amizades! Aos momentos de descontração compartilhados nas festas no DCE, hall de andares, nos filmes, festinhas de aniversários (que eram muitas!), recepção de calouros e, mais recentemente, saraus (literário). E aos colegas da CEU que auxiliaram e contribuíram com ajustes: Cristiano, Eliane, Fabiana, Fernando e Miguel.

E as pessoas que estiveram mais próximas (ou mais distantes) durante este percurso. Especialmente ao Ricardo. Presente em todos os momentos (iniciais e) finais de escrita. Uma presença que fez total diferença.

Ao final, ainda quero agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas bolsas concedidas durante o período de realização do Mestrado e elaboração desta pesquisa.

RESUMO

A noção de rural revisitada após a década de 1970, período em que o modelo de desenvolvimento é questionado, passa a figurar abordando as diversidades deste espaço. Neste espaço, que era reduzido ao agrícola, passam a ser identificadas atividades não-agrícolas, que auxiliam na composição das rendas familiares e atividades ligadas ao consumo, onde pessoas residentes em cidades grandes sentem-se atraídas por modos de vida em ambientes mais naturais. Nestas situações, há aproximações entre populações urbanas e rurais ocorrendo distintas relações. Em Porto Alegre, o interesse pelo rural tem acontecido de diferentes formas. Nesta pesquisa, são identificadas três maneiras que se dão pela Feira Ecológica José Bonifácio, pelos roteiros turísticos Caminhos Rurais e quando se observa que residentes do urbano mudam seus locais de moradia para o espaço rural (novos rurais). A prática de contato com o rural de distintas formas indica que estas pessoas têm percepção do rural. Isto porque as percepções estão na base da prática assim como de todo o saber. Partindo desta perspectiva os objetivos desta pesquisa estão circunscritos a identificar quais são as percepções do rural de Porto Alegre em pessoas que se relacionam de distintas formas com este espaço (usuários da feira, turistas e novos rurais) e quais as aproximações entre o rural descrito conforme as percepções dos informantes desta pesquisa e vertentes teóricas que abordam o espaço rural. O método de coleta de dados consiste em duas técnicas da etnografia, entrevistas semi-estruturadas e diários de campo, aplicadas nos três grupos de informantes. A análise dos dados se deu através da ferramenta de Análise de Discurso denominada referência. A aplicação da referência ocorreu após a identificação nas entrevistas dos trechos onde constavam as percepções. A partir disso, buscou-se por similaridades de sentidos com o texto do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre. Este foi o texto escolhido para referência por ser um documento público que gere a forma como ocorre a ocupação do solo neste município. Após a análise dos dados, apareceram diferentes categorias de percepções para o rural de Porto Alegre independentes da forma como o informante relacionava-se com o espaço rural. Conforme estas percepções o rural de Porto Alegre foi descrito como lugar agroecológico, qualidade, em situação de isolamento, de contradições e liberdade. A aproximação destas percepções com as compreensões teóricas do rural dão-se em dois sentidos. Para o caso da categoria lugar em situação de isolamento, há semelhanças com vertentes teóricas anteriores à concepção de rural posterior a 1970. Já, as demais

compreensões percebem o rural de formas parecidas às identificações neste espaço originadas posteriormente à crise do modelo de mecanização da agricultura. A aproximação entre percepções do rural de Porto Alegre e textos teóricos que abordam o rural indica que atualmente ocorre uma construção social do rural. Nesta forma assumida pelo rural, pessoas que se relacionam indiretamente com este espaço podem apresentar identificação com suas características expressando-as mesmo em contextos não relacionados com o rural. Além disso, concluí-se que há entre os grupos de informantes desta pesquisa um lugar em comum que é o agroecológico. Este lugar, no sul de Porto Alegre, tem se apresentado como um foco de resistência à descaracterização auxiliando na conservação do espaço rural e do ambiente natural deste município.

Palavras-chave: Percepção. Rural de Porto Alegre. Agroecológico.

ABSTRACT

The notion of rural revisited after the 1970s, period in which the development model is questioned, starts to address the diversity of this area. This space, which has been reduced to agriculture, becomes identified also with non-agricultural activities, which help in the composition of household incomes and activities related to consumption, where people living in big cities are attracted by lifestyles in natural environments. In these situations, there are contacts between urban and rural populations, experiencing different relationships. In Porto Alegre, interest in the countryside has happened in different ways. This research identifies three ways: the Ecological open market José Bonifácio, the Rural Roads touristic tours and when urban residents change their places of housing to rural areas (the neorural). The practice of contact with the rural in different ways indicates that these people have the perception of the countryside. It happens because the perceptions underlie practice as well as all knowledge. From this perspective, the goals of this research are identify what are the perceptions of rural people in Porto Alegre that relate different ways in this space (the fair goers, tourists and neorural) and the different approaches of rural between the described perceptions of informants of this research and theoretical perspectives that addresses the countryside space. The method of data collection consists in two techniques of ethnography, semi-structured interviews and field diaries, applied in three groups of informants. The data analysis was made through the Discourse Analysis' tool called reference. The application of reference occurred after the identification of perceptions contained in the interviews. From this we sought for similarities of meanings with the text of Porto Alegre's director plan for environmental and urban development. This was the chosen text of reference for being a public document that manages how land use occurs in this county. After the data analysis appeared different categories of perceptions for the Porto Alegre's rural, independently how the informant related himself with the countryside space. According these perceptions, the Porto Alegre's rural was described as a place of agroecology, quality, in situation of isolation, of contradictions and freedom. The approximation of these perceptions with the theoretical understandings of rural is given in two directions. For the case of the category 'place in situation of isolation' there are similarities with theoretical pre-conception of rural after 1970. Already the other comprehensions perceive the rural in similar ways to the identifications in this space originated after the crisis model of agricultural

mechanization. The rapprochement between perceptions of Porto Alegre's rural and theoretical texts that address the rural, states the occurrence of a social construction of the rural. In this form assumed by the rural, people that relate themselves indirectly with this space can present identification with their characteristics, expressing them even in contexts not related with the rural. Moreover, I conclude that, there is between the informant groups of this research a commonplace called agroecological. This place, at Porto Alegre's south, has emerged as a resistance focus to the mischaracterization, supporting the conservation of the rural space and the natural environment of the county.

Keywords: Perception. Rural of Porto Alegre. Agroecological.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Península que servia de porto e evolução da ocupação urbana: acessos e aglomerações populacionais (meados século XIX).....	24
Figura 2 - Crista de Porto Alegre (delineada em vermelho) e Ocupação Intensiva e Rarefeita ..	28
Figura 3 – Propriedade rural bairro Belém Velho Estrada Belém Velho, Porto Alegre	31
Figura 4 – Paisagem rural de Porto Alegre vista do bairro Lami	31
Figura 5 – Parreiral. Sítio Dom Guilherme bairro Belém Velho, Porto Alegre.....	32
Figura 6 – Diversificação de cultivos agroecológicos. Sítio Tio Juca bairro Lami.....	33
Figura 7 – Cultivo diversificado plantas perenes e temporárias. Sítio Recanto das Pedras bairro Lomba do Pinheiro.....	33
Figura 8 – Localização da Feira Ecológica José Bonifácio.....	40
Figura 9 - Foto da Feira Ecológica José Bonifácio em junho de 2009.....	43
Figura 10 – Banca de produtos beneficiados e <i>in natura</i>	45
Figura 11 – Banca de produtos <i>in natura</i>	45
Figura 12 – Momento de comercialização e conversa com amigos usuários da feira.....	46
Figura 13 – Grupo de turistas organizado pela agência Webber turismo em visita ao Cycas e Palmeiras bairro Lami.	50
Figura 14 – Grupo de estudantes de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sítio Tio Juca bairro Lami.	51
Figura 15 – Grupo de estudantes de Nutrição da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Sítio Capororoca bairro Lami.	51
Figura 16 - Porto Alegre: Caminhos Rurais	52
Quadro 1 – Municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre e ano das respectivas inclusões	26

LISTA DE SIGLAS

AGA - Associação Gaúcha de Apicultores

APEL - Associação de Produtores Ecológicos do Lami

APRESUL - Associação dos Produtores Rurais Ecológicos da Zona Sul de Porto Alegre

ARCOOÍRIS - Cooperativa de Produtores Ecológicos de Porto Alegre Ltda

ASSUDETE - Associação dos Moradores e Produtores Rurais do Sudoeste de Porto Alegre

CR - Caminhos Rurais

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

DMAE - Departamento Municipal de Água e Esgoto

EMATER - Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEJB - Feira Ecológica José Bonifácio

GFU - Grande Fraternidade Universal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPTU - Imposto sobre a Propriedade Territorial e Predial Urbana

PDDUA - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SENAR-RS - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SMIC – Secretaria Municipal de Indústria e Comércio

SMTur - Secretaria Municipal de Turismo

TCL - Taxa de Coleta de Lixo

UEU - Unidades de Reestuturação Urbana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DESCRIÇÃO DOS LOCAIS DA PESQUISA	23
2.1 BREVE HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE E CONTEXTUALIZAÇÃO DO RURAL	23
2.2 FEIRA ECOLÓGICA JOSÉ BONIFÁCIO (FEJB)	37
2.3 ROTEIROS TURÍSTICOS CAMINHOS RURAIS	46
3 PERCEPÇÃO DO ESPAÇO RURAL	54
3.1 A PERCEPÇÃO	54
3.2 PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA E AMBIENTAL	57
3.3 ESPAÇO RURAL	61
3.4 PERCEPÇÃO E DISCURSO	66
4 MÉTODOS DE PESQUISA.....	72
4.1 MÉTODO DE COLETA DE DADOS	72
4.2 O PERCURSO DO MÉTODO	75
4.3 A IDENTIFICAÇÃO DAS PERCEPÇÕES	77
5 PERCEPÇÕES DO RURAL DE PORTO ALEGRE.....	79
5.1 OS LUGARES DO RURAL DE PORTO ALEGRE	80
5.2 PERCEPÇÕES DE NOVOS RURAIS: ANTES E DEPOIS DE RESIDIR NO RURAL DE PORTO ALEGRE	99
6 RURAL E PERCEPÇÕES	105
6.1 FATORES DETERMINANTES NAS PERCEPÇÕES	105
6.2 RELAÇÕES ENTRE ABORDAGENS TEÓRICAS DO RURAL E PERCEPÇÕES DO RURAL DE PORTO ALEGRE	110
6.3 “LUGAR” AGROECOLÓGICO DE PORTO ALEGRE	120
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126

APENDICE A – Ponto de similaridade entre informantes.....	135
APÊNDICE B - Roteiros de entrevista	136
APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	139

1 INTRODUÇÃO

Linha 20, Baixada, é uma comunidade rural localizada no município de São Domingos do Sul – RS. Neste local, existem famílias de agricultores que tem seu principal meio de sobrevivência proveniente do meio rural.

O desejo de estudar o espaço rural está alicerçado no fato de ter nascido neste meio e querer conhecer mais sobre o mundo em que fui gerada. Ser filha de agricultores familiares levou-me a tomar a decisão de prestar vestibular na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul para cursar bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial.

Após a conclusão da graduação, o ingresso no mestrado teve duas motivações principais: a primeira era a necessidade de aperfeiçoamento para atuar como desenvolvimentista rural e gestora agroindustrial. A segunda está ligada a minha história de vida. Ao longo da graduação passei a observar com mais atenção minha família assim como outras realidades rurais. Alicerçada nos conhecimentos obtidos, encontrei explicações que me encheram de um forte desejo de compreender mais estas realidades para poder criar algumas mudanças proporcionando o desenvolvimento e uma vida melhor.

No mestrado em Desenvolvimento Rural, por sugestão do primeiro professor que tive oportunidade de trabalhar, comecei a pesquisar o turismo rural no município de Porto Alegre. Naquele momento, ainda não tinha delimitado exatamente meu tema de pesquisa e decidi aceitar a sugestão, já que era um tema que meu então orientador vinha pesquisado há alguns anos.

Entretanto, no segundo ano como mestranda, quando escrevia meu projeto de pesquisa, fui me interessando por uma abordagem do rural onde se consideravam os fatores motivacionais que levavam os turistas a visitarem o espaço rural praticando a atividade denominada de turismo rural. Algumas leituras me faziam crer que a maior proporção de ambiente natural presente no rural era um destes fatores.

Entretanto, o rural não se compunha somente pelo seu aspecto natural, existiam outras características que não seriam consideradas entre os atrativos que faziam pessoas se interessar pelo turismo rural, caso considerasse somente a natureza deste espaço. Assim, me decidi pelo estudo à luz da teoria da percepção uma vez que teria a possibilidade de abarcar o rural conforme todos os fatores deste espaço identificados por moradores do urbano. Assim, minha discussão não seria somente sobre a natureza enquanto um atrativo do turismo rural, mas

sobre os fatores do rural presentes nas percepções de diferentes grupos de pessoas que os levam a desempenhar diferentes práticas no espaço rural.

Com base nas motivações expostas acima, o estudo para conclusão do curso de mestrado trilhou caminhos que levam ao texto que começa a ser descrito. A pesquisa passou a se inscrever em discussões recentes que consideram as diversidades existentes no rural. Este enfoque teve início recentemente após a década de 1970. Originou-se de um período de questionamentos ao modelo de desenvolvimento que era baseado na intervenção estatal e uso de recursos naturais de maneira indiscriminada. Estes questionamentos estão ligados, principalmente, à utilização sem prescrições dos recursos naturais insustentáveis.

O modelo de desenvolvimento anterior a década de 1970 incluía o mundo rural em uma perspectiva que considerava essencialmente sua porção agrícola. Desta forma, o rural tinha como funções básicas a produção de alimentos para os moradores de cidades e o fornecimento de insumos para a indústria. Esta produção agrícola era planejada baseando-se na modernização das práticas agrícolas.

Conforme este modelo, havia uma direção para o desenvolvimento que partia do atrasado para o moderno e mais evoluído. Nesta perspectiva o espaço rural estava localizado na primeira posição e o urbano na segunda. Assim, o desenvolvimento era compreendido como uma evolução que ia do rural para o urbano.

Esta visão do rural ligada fortemente ao agrícola e como local atrasado, começou a ruir conjuntamente aos questionamentos sobre o modelo de desenvolvimento. Assim, o rural começa a reproduzir-se com base em outras atividades que não as agrícolas e a apresentar demais características que não estavam visíveis aos olhos de quem estava “fora” deste espaço (PIRES, 2004).

Antes mesmo desta discussão sobre o modelo de desenvolvimento, no rural já eram desempenhadas atividades não-agrícolas. Estas atividades passam a aparecer também motivadas pelo fato de serem otimizadas posteriormente ao modelo modernizante da agricultura como uma estratégia para aumentar as rendas de famílias de agricultores (SCHNEIDER, 2004). E, dentre outras transformações, o rural passa a ser consumido pela população externa, principalmente por pessoas que vivem em grandes cidades e são atraídas por modos de vida em ambientes mais naturais. A busca pelo consumo do rural foi acompanhada por uma maior interação com o entorno urbano e (re)valorização do rural (FROEHLICH, 2002).

Estas são características que, como é possível observar, são incompreendidas através de um viés que vê este espaço conforme sua produção agrícola. No entanto, estão presentes no

rural e precisavam ser consideradas para que os estudos e pesquisas venham a demonstrar maior abrangência e reproduzir ao máximo as situações da realidade estudada.

Além de considerar que o rural é um espaço diverso, multidimensional, para além do agrícola, tem-se que observar variações que estão relacionadas às distintas regiões. No caso brasileiro, devido à sua extensão e as características diferenciadas de ecossistemas de seu vasto território, é necessário ponderar sobre as variadas realidades. Por exemplo, os estados localizados no Nordeste, onde os agricultores desenvolvem estratégias de reprodução condicionadas pela escassez de chuvas, diferenciam-se dos estados localizados na região Centro-Oeste onde existe majoritariamente propriedades muito grandes não condicionadas fortemente pela escassez de água. E de estados como Santa Catarina, onde o perfil das unidades de produção rural é relativamente pequeno se comparado com as propriedades da região Centro-Oeste. Então, percebe-se que não é possível falar de um rural brasileiro sem que se considere a diversidade de “rurais” existentes neste país.

Ainda, existem heterogeneidades particulares aos próprios estados. Por mais que se utilize de estatísticas para cada unidade da federação, estas “não podem retratar as grandes heterogeneidades internas em cada estado, que são fruto de fatores históricos [...] ou mesmo de condições meramente físicas, como a presença de ecossistemas particulares [...]” (KAGEYAMA, 2008, p. 118). Assim, para que não ocorram comparações equivocadas sem a consideração das distintas realidades, Veiga (2005), propõe considerar grupos distintos de cidades. Segundo esta divisão, são agrupados municípios com características parecidas. Neste caso evitam-se comparações entre municípios que são capitais e municípios de pequeno porte.

A forma adotada para definir áreas urbanas e rurais no Brasil segue um padrão que considera como urbana toda aglomeração populacional onde se encontra a sede municipal, independente do número de pessoas que esta sede abrigue (VEIGA, 2003). Mas, para o caso das metrópoles como Campinas (MIRANDA, 2004) e Porto Alegre, observa-se que há uma denominação diferenciada. Nestas metrópoles a totalidade de seus territórios é considerada como pertencente à cidade, e, portanto, apresentam espaço territorial definido em sua totalidade como urbano. No caso de Porto Alegre, esta medida foi tomada para que o poder público obtivesse um controle maior no planejamento da forma de ocupação do solo com objetivo de diminuir a ocorrência de ocupações irregulares (SCHNÄDELBACH, 2004).

Apesar desta medida, Porto Alegre tem área rural a sul e a norte de seu território com cultivos e criações diversificados. Além das atividades agrícolas, na área rural ao sul, há um leque de outras atividades sendo desenvolvidas entre os agricultores familiares, sendo possível visualizar turismo rural e elaboração de produtos beneficiados para a comercialização

(MENEGAT, 2006). A presença deste rural faz com que uma porção de seu território seja nomeada de “cidade rururbana” (PORTO ALEGRE, 1999).

Neste município, há porções territoriais de ocupação com atividades urbanas que se localizam próximas a ocupações com atividades rurais, proporcionando a ocorrência de relações sociais entre pessoas que desempenham distintas atividades. Esta proximidade determina algumas alterações nas identidades dos agricultores, pois são apreendidos alguns aspectos da cultura urbana originando uma hibridização da identidade social. Assim, estes agricultores familiares de Porto Alegre, especialmente do bairro Vila Nova, não são somente pessoas que desempenham uma atividade sócio-econômica, mas apresentam traços culturais que se identificam com a cultura rural apresentando tessitura social complexa e rica (SCHNÄDELBACH, 2004).

A proximidade entre áreas denominadas como urbanas e um espaço rural ocasiona contato entre pessoas destes dois mundos em diferentes proporções. Estes contatos podem ocorrer de distintas formas. Em Porto Alegre é possível observar pelo menos três formas distintas de ocorrência: por meio da Feira Ecológica José Bonifácio (FEJB), Roteiros Turísticos Caminhos Rurais e quando moradores do urbano optam por morar no rural transformando-se em novos rurais.¹

Deste modo, pode-se compreender o rural em Porto Alegre como um espaço marcado pela presença de diversas atividades dos distintos setores primário, secundário e terciário onde são estabelecidas relações imbuídas de pessoalidade entre o grupo de moradores de determinada localidade rural. As relações pessoais, em diferentes intensidades, se estendem para o meio mais urbanizado quando há interações com os residentes deste espaço (GOMÉZ, 2001).

As formas de contato com o rural de pessoas externas a ele através de práticas distintas fazem presumir que existem percepções relacionadas com este espaço (SOUZA, 2009). A percepção está na base das ações das pessoas assim pode-se supô-la por um determinado conjunto de práticas. Não só está na base de todas as práticas como compõe o princípio de todo o saber, pois é por meio da percepção que se compreende o mundo. A percepção depende de toda a trajetória da pessoa e é influenciada pelos contextos que são experimentados por ela moldando-se ao longo da vida e pelo contato social (MERLEAU-PONTY, 2006).

¹ Este termo é esclarecido nas próximas páginas.

Particularmente um ramo específico da percepção denominado percepção geográfica se interessa em compreender a conduta do homem no espaço levando a esclarecimentos, por meio de descrições, sobre determinadas decisões em um dado espaço e auxiliando em seu planejamento (XAVIER, 2007; LYNCH, 2006).

Partindo do pressuposto que o rural pode ser experimentado por pessoas externas a ele, seja pelo contato com agricultores ou visitação em propriedades rurais, e que esta prática relacionada com o rural indica que existe uma percepção do rural, chega-se a uma pergunta para esta pesquisa que se projeta a partir das considerações expostas acima: o rural de Porto Alegre, descrito por meio de percepções de grupos de pessoas, usuários da Feira Ecológica José Bonifácio, turistas dos Caminhos Rurais e novos rurais de Porto Alegre, que se relacionam de distintas formas com este espaço, aproxima-se de “noções teóricas” gerais que trazem abordagens sobre o que é o rural?

A partir desta questão tem-se como objetivo principal: compreender as percepções do rural de Porto Alegre de pessoas que se relacionam com este espaço através da Feira Ecológica José Bonifácio, dos Roteiros Turísticos dos Caminhos Rurais e pela residência neste espaço de Porto Alegre e identificar as aproximações do rural descrito pelas percepções com abordagens teóricas do rural.

E os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as percepções do rural de Porto Alegre de pessoas usuárias da Feira Ecológica José Bonifácio, turistas dos Caminhos Rurais e novos rurais de Porto Alegre;
- Verificar se houve alteração de percepções do rural de Porto Alegre no grupo novos rurais após estabelecerem residência no rural;
- Identificar relações entre as percepções destes informantes do rural de Porto Alegre e noções gerais teóricas que trazem abordagens do rural.

O quadro de informantes desta pesquisa é composto por três diferentes grupos. *Usuários da feira* (Grupo 1) que são consumidores de produtos ecológicos da Associação de Produtores Ecológicos do Lami (APEL) que tem como um ponto de comercialização a Feira Ecológica José Bonifácio (FEJB). Outro grupo é formado por turistas (Grupo 2) do rural que conhecem este espaço através de roteiros turísticos dos Caminhos Rurais. Os Caminhos Rurais são alguns roteiros diferentes que acontecem pelo sul de Porto Alegre passando por diferentes locais, entre eles, propriedades de produtores agroecológicos. O último grupo é

composto por *novos rurais*² (Grupo 3), pessoas que eram residentes do espaço urbanizado da capital e, por motivos diversos, foram residir no sul rural almejando desenvolver práticas ligadas a produção ecológica como modo de reproduzir-se socialmente e economicamente.

A pesquisa com diferentes grupos de informantes está relacionada com a obtenção de diferentes “níveis” de percepção do rural de Porto Alegre, pois estas pessoas têm uma ligação com o rural que aparenta ser em proporções diferente. As pessoas do primeiro grupo têm um contato momentâneo com agricultores familiares quando vão à feira. É desta forma que elas se relacionavam com o rural: com os agricultores agroecológicos do Lami e de outros municípios através da obtenção de produtos ecológicos. O segundo grupo tem contato com o rural e com agricultores familiares quando fazem turismo pelo rural de Porto Alegre. Este contato parece ser mais aprofundado uma vez que os turistas se relacionam com agricultores agroecológicos nas propriedades rurais podendo visualizar cultivos e degustar produtos diversos. O terceiro grupo composto por novos rurais passa a ter um contato permanente com o rural quando passam a residir neste espaço.

Estes grupos de informantes, além de terem um contato de diferentes formas com o rural, também apresentam contato com agricultores que cultivam produtos com base em princípios da Agroecologia, conforme o especificado no Apêndice A. Então a pesquisa com estes diferentes grupos almejava identificar se contatos em diferentes níveis com o rural também conformam diferentes percepções.

Nestes termos, esta pesquisa assemelha-se com outras pesquisas sobre o rural. Froehlich (2002), em análise com distintos grupos da região central do estado do Rio Grande do Sul, próximo ao município de Santa Maria, verificou que houve uma alteração de sentidos atribuídos ao rural. O autor desenvolve em sua tese a idéia que o rural foi *ressemantizado*, ou seja, as palavras que são associadas a este espaço mudaram. Assim, as palavras com conotação positiva associadas ao rural por diferentes grupos (idosos, estudantes e um grupo aleatório) foram tranquilidade, natureza e campo, principalmente. Enquanto que as palavras que eram atribuídas anteriormente a este período davam a este espaço uma conotação de lugar

² Novos rurais são tratados aqui como pessoas da cidade que passam a valorizar o rural. Segundo Giuliani (1990, p. 2) esta revalorização faz “reviver os valores próprios do mundo rural, transformando-os em força crítica das formas em que a sociedade inteira se desenvolve, é uma livre escolha bem precisa e particular. Isto é, quando as pessoas decidem não mais morar na cidade e não mais trabalhar em profissões urbanas, resolvendo se mudar para o campo e trabalhar na agricultura ou na criação de animais”. Este movimento é chamado pelos franceses de neo-ruralismo. Segundo Giuliani (1990), trata-se de um conceito genérico, aplicado a uma realidade não muito precisa. Usado para fenômenos que estão à margem das dinâmicas atuais da agricultura. Além do que foi exposto, não busca trazer demais componentes desta discussão, apesar de considerá-la. Nesta pesquisa, a denominação novos rurais é usada com o intuito de nomear um grupo de pessoas do meio urbano que passaram a desenvolver um apressado pelo rural mudando-se para este espaço ocupando-se com atividades do rural.

perigoso, sombrio e árduo. Esta ressignificação está relacionada com a problemática ambiental. Deste modo, considerando esta questão, a natureza se comporia em matriz importante de novos sentidos para o rural.

Ademais, os novos significados atribuídos ao rural relacionavam-se com experiências de moradores de grandes cidades onde se estabeleceram características de fracionamento da personalidade nas interações sociais (SOLARI, 1973) e situações inadequadas para a qualidade de vida, tais como: a poluição sonora, visual, ambiental e a violência (SEVCENKO, 1999). Estas características atuais de grandes cidades e metrópoles, como São Paulo, despertaram em seus moradores interesses por espaços, modos de viver e atividades diferentes dos experimentados no meio urbano. Estes interesses se expressam de maneiras distintas, tais como pela assinatura de uma revista tipicamente rural, como é a revista Globo Rural, participação em rodeios e uso frequente de clubes de músicas sertanejas (SILVA, 2009).

Com base nestes estudos se imaginava em que medida o rural de Porto Alegre poderia aparecer para moradores desta metrópole e região metropolitana. Imaginava-se que as relações com o rural, expressas de diferentes formas, estariam conectadas com a forma de vida adotada na cidade. Também que o espaço rural era um lugar alternativo frente a situações degradantes da qualidade de vida dos grandes centros urbanos.

O espaço rural localizado ao sul de Porto Alegre, foco desta pesquisa, é um local onde estão presentes as últimas porções de áreas naturais deste município. Próximo ao limite de dois biomas: Mata Atlântica e Pampa (PORTO ALEGRE, 2008), este município abriga espécies vegetais variadas. Algumas destas porções se encontram nas delimitações de parques como a Reserva Biológica do Lami e no Parque Municipal Saint-Hilaire.

Entretanto, parte significativa das espécies existentes em Porto Alegre está em áreas naturais não pertencentes aos parques e localizadas em propriedades rurais. Por isso, é importante observar um grupo de agricultores deste espaço que desenvolve cultivos em suas propriedades conforme princípios da Agroecologia. Estas práticas se identificam com a manutenção da biodiversidade, pois manejam o ecossistema de forma sustentável.

Deste modo, as diferentes percepções identificadas auxiliariam na projeção de medidas para mudar a forma como o rural de Porto Alegre é percebido alterando atos que poderiam vir a prejudicar este ambiente. Compondo uma base para medidas de desenvolvimento rural e proteção ambiental fundamentada na conscientização. Assim, novas percepções arraigadas nas populações fariam com que alguns comportamentos não fossem mais aceitos e se estimulasse um estilo de vida diferenciado aos padrões convencionais.

Como produto desta pesquisa foram elaborados capítulos relacionados com os temas concernentes. Além desta introdução, o capítulo seguinte trás uma descrição dos locais onde os informantes foram contatados. Estes locais se encontram no município de Porto Alegre por isso o capítulo inicia com um histórico da capital gaúcha que se desenrola até chegar a momentos mais atuais e ao sul rural de Porto Alegre composto por agricultores agroecológicos e novos rurais. Na sequência, é feita uma descrição da Feira Ecológica José Bonifácio e, por último, dos roteiros turísticos dos Caminhos Rurais.

Na sequência tem-se um capítulo do referencial teórico que descreve as percepções enquanto um elemento da vida de todas as pessoas. Indica que elas acontecem nas diferentes ações e espaços da vida da pessoa inclusive sobre o espaço rural. Deste modo, são apresentados os referenciais teóricos da percepção e da percepção geográfica. Também, é apresentada uma delimitação teórica sobre o rural. Ainda, ao final deste capítulo, é feita uma aproximação entre dois referenciais teóricos: percepção e Análise de Discurso com o intuito de clarificar a forma como foi feita a análise dos dados. São apresentadas as diferenças e similaridades entre percepção e discurso. É salientado que a Análise de Discurso, através da ferramenta denominada referência, constitui-se em um instrumento pertinente para análise de trechos perceptivos.

O tema do capítulo 4 relaciona-se com o método da pesquisa. Metodologicamente foi realizada através de uma aproximação ao método etnográfico usando algumas de suas técnicas: observação participante e entrevistas. Aqui, também é descrito como aconteceu a operacionalização da pesquisa em termos de coleta e análise dos dados.

No capítulo 5, são descritas as categorias de percepções do rural de Porto Alegre que por sua vez, são discutidas no capítulo 6 da dissertação, onde é demonstrando que as percepções estão relacionadas com noções interpretativas e características do rural. Neste capítulo, também são feitas breves discussões sobre a influência do contexto em geral na percepção. E, próximo ao final, é apresentado um lugar no rural de Porto Alegre denominado de agroecológico que vem apresentando uma importância dentro do contexto que se encontra atualmente o sul deste município. As considerações finais apontam principalmente as idéias conclusivas que se originaram do trabalho sobre a percepção.

2 DESCRIÇÃO DOS LOCAIS DA PESQUISA

A descrição dos distintos locais de pesquisa começa por um histórico de Porto Alegre e segue até a definição dos locais de menor densidade populacional, localizados ao sul do município, onde está o espaço referência para as percepções. Posteriormente, trata do detalhamento da Feira Ecológica José Bonifácio e, por último, de uma descrição dos Roteiros Turísticos dos Caminhos Rurais.

2.1 BREVE HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE E CONTEXTUALIZAÇÃO DO RURAL

Porto Alegre é a capital do estado do Rio Grande do Sul e, como qualquer outro município, iniciou seu desenvolvimento por meio de um pequeno agrupamento de pessoas. Desde o início de seu desenvolvimento até períodos mais recentes, sua população aumentou muitas vezes e, ao longo do tempo, foi distribuindo-se pelo território de uma maneira peculiar. Motivadas por seu relevo característico, as pessoas concentraram suas residências ao norte e nas proximidades do rio Guaíba. Já o sul do município ficou condicionado a baixa densidade populacional, pois apresentava uma barreira natural ao deslocamento da população: a Crista de Porto Alegre. É neste espaço com menor ocupação populacional que as atividades rurais persistem.

2.1.1 Breve Histórico de Porto Alegre

A origem do município de Porto Alegre remete ao século XVIII, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal. Neste contexto, a região ao sul precisava ser colonizada, pois estava em disputa com a Espanha. Segundo Flores (1987), ambos os países tinham interesse em povoar as terras ao sul do território brasileiro, onde hoje existe o estado do Rio Grande do Sul, pois havia gado solto e em abundância.

Com a ameaça da Espanha de tomar as terras do estado mais ao sul do Brasil, Portugal adotou medidas para defender esse território. Nesta conjuntura, uma península que se encontrava às margens do Rio Guaíba que constituía um porto (pertencente à Porto Alegre, localizada onde hoje existe a Usina do Gasômetro), passou a ser em ponto estratégico de defesa do território pelos portugueses (Figura 1). Isso porque o caminho para adentrar as terras mais interioranas do estado tinha que ser feito pelas águas da Lagoa dos Patos, que são irrigadas pelo Rio Guaíba e afluentes (FLORES, 1987).

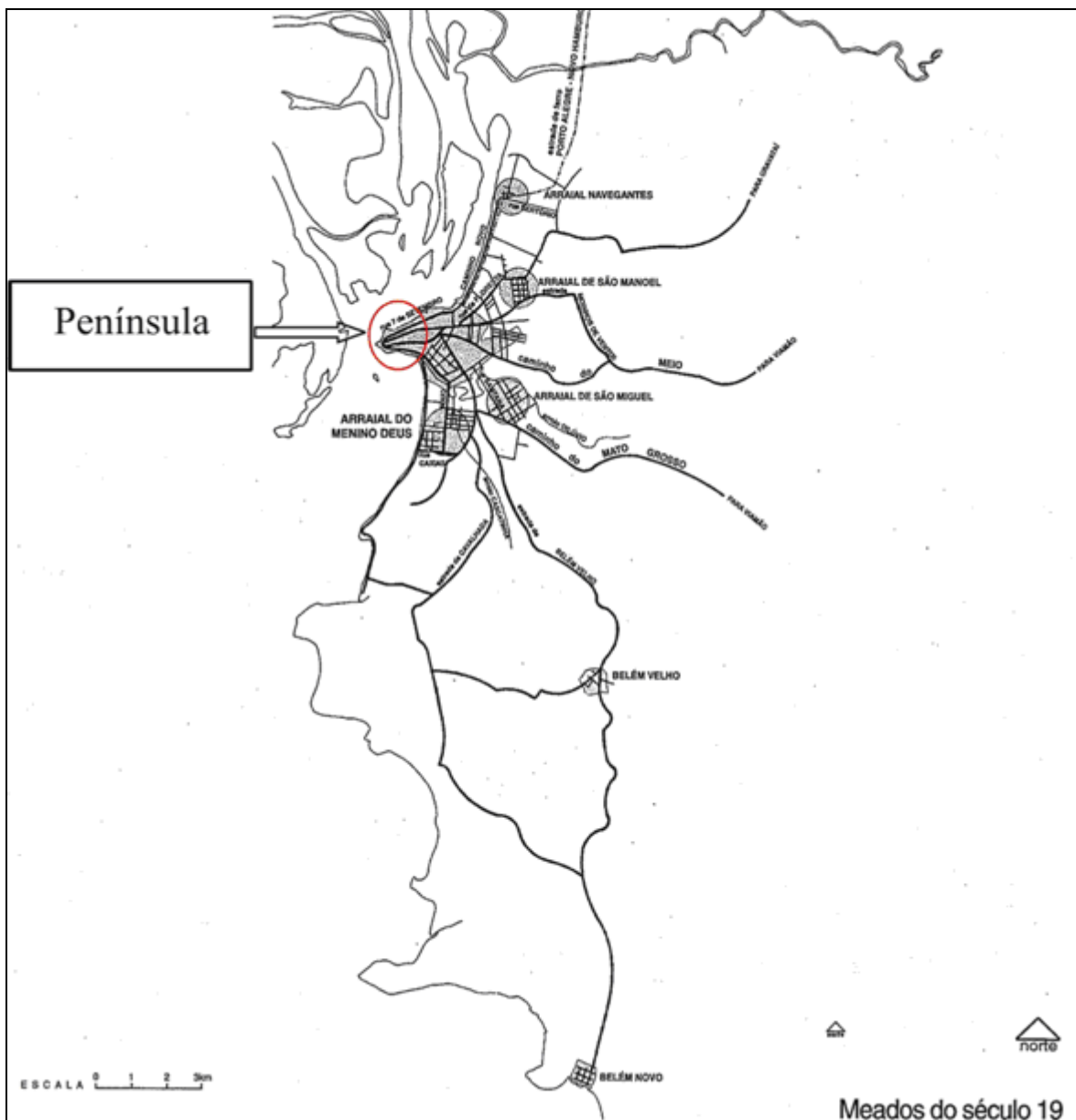


Figura 1 – Península que servia de porto e evolução da ocupação urbana: acessos e aglomerações populacionais (meados século XIX).

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Souza e Müller (2007, p. 62).

Considerando as possibilidades oferecidas pela península e com a determinação de proteger este território, no ano de 1752 ancoraram casais vindos das Ilhas dos Açores, localizadas no Oceano Atlântico.¹ Estes casais se alojaram nas proximidades ao porto e passaram a produzir trigo. Foram instalados neste local vinte anos depois da data de sua ancoragem, quando a colônia lhes distribuiu terrenos (FLORES, 1987).

A colonização iniciada mais fortemente com os casais açorianos, determinou a denominação das terras localizadas nas proximidades à península. Estas passaram a serem chamadas de Freguesia de São Francisco de Porto dos Casais.² Esta denominação foi adotada até 1772, quando o aglomerado populacional se torna centro administrativo do estado do Rio Grande do Sul recebendo o nome de Porto Alegre (MACEDO, 1982; FLORES, 1987).

Segundo Flores (1987), Porto Alegre foi designada a capital deste estado por estar situada em ponto estratégico e onde o embarque e desembarque de cargas era feito sem necessitar de maiores transportes terrestres.

Considerando estes aspectos históricos ligados a denominação e à formação inicial, Souza e Müller (2007), indicam diferentes funções desempenhadas por Porto Alegre. Em um primeiro momento, as funções assumidas eram definidas pelo potencial portuário, defesa militar, e escoamento da produção do povoado. Depois, foi fortemente orientada ao recebimento de imigrantes alemães e italianos que desembarcavam em seu porto e deslocavam-se para o norte, distribuindo-se pelas várzeas dos afluentes do rio Guaíba (Sinos, Caí, Jacuí e Taquari) e pelas estradas que ligavam ao município de Gravataí e Viamão.

Em seguida, no ano de 1850, quando já havia mudado da denominação vila para cidade, a península apresentava um núcleo populacional principal circundado por núcleos menores que adentravam as terras disponíveis (Figura 1). No ano de 1874 foi construída uma estrada de ferro que ligava Porto Alegre a São Leopoldo. Mais tarde, entre 1890 e 1945, Porto Alegre, influenciada por condições externas, assumiu uma tendência à industrialização em ritmos parecidos ao restante do Brasil. Nos anos posteriores a 1945, foi identificado por Souza e Müller (2007) um período de “metropolização” da região de Porto Alegre que incluía municípios como Canoas, Novo Hamburgo e São Leopoldo. Exerceu forte influencia nesta integração a estrada de ferro e a rodovia, denominada posteriormente de BR 116, construída em 1939 (SILVA, 2003).

¹ Já havia uma sesmaria no local desde 1732. Pertencente a Jerônimo de Ornelas Menezes que se instalou no Morro Santana com intenção de criar gado. Entretanto, houve a possibilidade de ancoragem destes casais neste local, pois segundo as cartas de concessão de sesmarias, as margens de sesmarias que davam para águas navegáveis poderiam ser usadas como logradouros públicos (MACEDO, 1982).

² Neste período, já existia o traçado de algumas das ruas de Porto Alegre como a Rua da Praia (Andradas) e do Cotovelo (Riachuelo) (SOUZA; MÜLLER, 2007).

A partir daí, com a criação de um parque industrial em Porto Alegre e outro nos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo, emancipado de São Leopoldo em 1927, grandes contingentes populacionais do restante do estado passam a migrar para a região, atraídos por oportunidades tais como a disponibilidade de empregos. Isto ocasiona um crescimento da população com emancipação de municípios em torno a BR 116. Dentre estes municípios emancipados estão Sapiranga e Esteio em 1954; Campo Bom, Dois Irmãos e Estância Velha em 1959 e Sapucaia do Sul em 1961 (SILVA, 2003).

Apesar dos primeiros indícios da metropolização de Porto Alegre terem surgido em 1945, sua instituição só ocorreu em 1973 através da Lei Complementar Federal nº 14. A legislação do estado do Rio Grande do Sul sobre regiões metropolitanas consta na Constituição Estadual de 1989, com alterações propostas pela Emenda Constitucional nº 28 de 2001 e Lei Complementar nº 11.740 de 2002, ambas estaduais. A região metropolitana era composta por 14 municípios. Os critérios para a criação desta região metropolitana foram: “continuidade dos espaços urbanizados, fluxos de transporte, fundamentalmente de passageiros e funções exercidas por cada centro urbano periférico em relação ao espaço urbano da capital” (SILVA, 2003, p. 70).

Além destes 14 municípios, outros foram sendo incluídos em virtude de emancipações, relações comerciais e de serviços, proximidade com a região metropolitana ou mesmo por apresentarem alta taxa de urbanização, elevado PIB e concentração da população em ocupações dos setores terciários e secundários. Em 1989, foram incluídos mais oito municípios e de 1994 até 2001 foram incluídos mais nove municípios totalizando os 31 que hoje compõem a região metropolitana de Porto Alegre (SILVA, 2003).

1973	1989	1994	1998	1999	2000	2001
Alvorada Cachoeirinha Campo Bom Canoas Estância Velha Esteio Gravataí Guafba Novo Hamburgo Porto Alegre São Leopoldo Sapiranga Sapucaia do Sul Viamão	Eldorado do Sul Glorinha Nova Hartz Dois Irmãos Ivoti Parobé Portão Triunfo	Charqueadas	Nova Santa Rita Araricá	Taquara São Jerônimo Montenegro	Santo Antônio da Patrulha Arroio dos Ratos	Capela Santana

Quadro 1 – Municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre e ano das respectivas inclusões

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Silva (2003).

2.1.2 Ocupação Demográfica de Porto Alegre

A ocupação demográfica de Porto Alegre iniciou-se com a chegada dos casais de açorianos. A partir do pequeno agrupamento que se constituiu na península, a população foi aumentando ao longo dos anos. Em 1780 a população era de aproximadamente 1.500 pessoas e em 1803 já havia mais do que duplicado, passando para 3.927 habitantes. No ano de 1900 eram 73.274 pessoas e em 1990 a população chegou ao patamar de mais de um milhão de moradores (SOUZA; MÜLLER, 2007). Já no ano de 2007, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de residentes era de 1.420.667.

Retratando como ocorreu a distribuição desta população, é possível dizer que os primeiros agrupamentos de habitantes, para além do localizado nas proximidades do porto, já apareciam em meados do século XIX. Na época, estes agrupamentos eram chamados de “arraiais” e se localizavam onde hoje existem os bairros Cidade Baixa, Navegantes, Santana e na Praça Maurício Cardoso, localizada no bairro Moinhos de Vento (Figura 1). Estes arraiais se constituíram nestes pontos pela localização próxima à península, pelas condições do terreno e pela facilidade de acesso (SOUZA; MÜLLER, 2007).

No final do século XIX, o sistema viário, que também condicionava a ocupação das pessoas, era marcado pelos caminhos onde atualmente estão as avenidas Voluntários da Pátria, Assis Brasil, Benjamin Constant, Plínio Brasil Milano, 24 de Outubro, Oswaldo Aranha, Bento Gonçalves, João Pessoa, da Azenha, André da Rocha, Oscar Pereira, da Cavalhada, Teresópolis e Nonoai, e ruas Cristóvão Colombo e Barros Cassal (SOUZA; MÜLLER, 2007). Neste período, as moradias foram construídas em torno destas vias e o mais próximo possível dos núcleos que já estavam formados ao redor da península. Deste modo, “a cidade apresentava uma ocupação intensiva em toda a área da península central, se rarefazendo à medida que se afastava do centro em direção aos caminhos” (SOUZA; MÜLLER, 2007, p. 64).

Deste modo, a distribuição populacional que partia das imediações do porto, começou a distanciar-se deste centro mais organizado a medida que não havia mais terras disponíveis nas proximidades ao porto. Como foi visto, a população tomava como fatores influenciadores na escolha de seus locais de residência, a facilidade de locomoção e as características do relevo, principalmente. Este último fator, em especial, dificultou a expansão de pessoas de forma homogênea pelo território do município (MENEGAT, 2006).

Porto Alegre tem uma geografia peculiar com algumas regiões planas e outras mais onduladas. As regiões mais planas, com alguns morros isolados, estão ao sul e ao norte, enquanto que próximo ao centro do mapa do município há uma sequência de morros dispostos próximos uns aos outros. Esta sequência de morros é denominada de Crista de Porto Alegre (Figura 2) (MENEGAT, 2006).

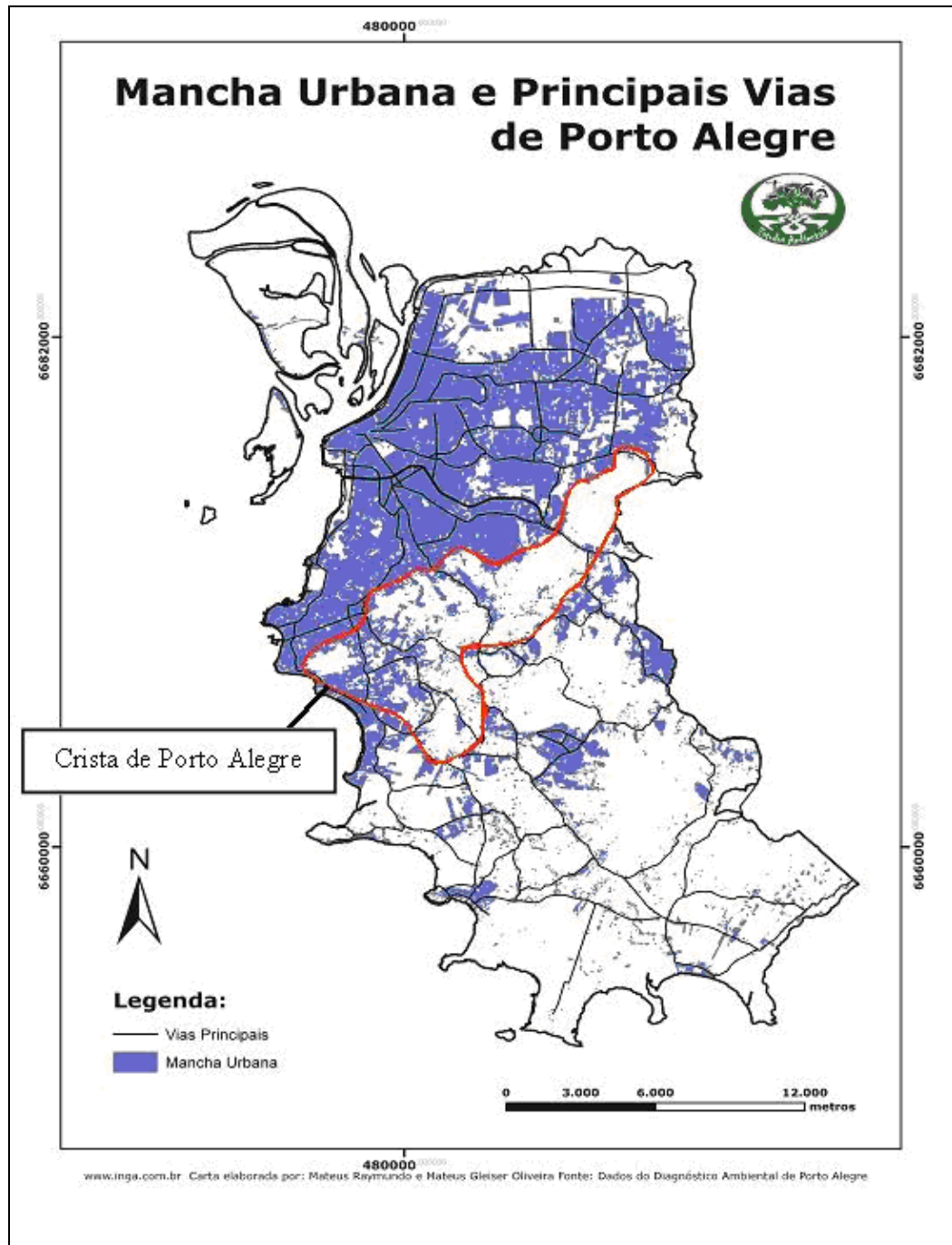


Figura 2 - Crista de Porto Alegre (delineada em vermelho) e Ocupação Intensiva e Rarefeita
 Fonte: Elaborada pela autora. Mapa coletado do CD do Minicurso de Áreas Naturais e Rurais de Porto Alegre organizado pelo INGÁ Estudos Ambientais de autoria de Raymundo e Oliveira (2009).

A Crista de Porto Alegre tem 22 quilômetros de comprimento por seis de largura máxima. Ela é cortada por dois pequenos vales: do arroio Cavalhada, que fica mais próximo ao Rio Guaíba, e pelo vale do Arroio Dilúvio, que inicia a leste e segue em direção a oeste desembocando no Guaíba. A altitude destes morros com relação ao nível do mar varia de 120 metros (Morro da Cruz) a 311 metros (Morro Santana) (MENEGAT, 2006). Segundo Souza e Müller (2007), esta característica geográfica da região central de Porto Alegre com morros e relevo acidentado retardou a expansão para o sul do município constituindo em obstáculos para a própria comunicação dentro de um mesmo bairro (FLORES, 1987).

Além de dificultar a comunicação, segundo Menegat (2006), se constituía em uma barreira natural em virtude dos equipamentos disponíveis para o transporte. Estes equipamentos não apresentavam condições para circular facilmente por terrenos com estas peculiaridades. Assim, as pessoas não se sentiam atraídas para superar essas dificuldades impostas pela Crista de Porto Alegre e nem motivadas para residir neste espaço. Era vantajoso ocupar os terrenos disponíveis que se localizavam próximo ao centro urbano onde havia os serviços disponíveis e onde as vias de acesso já estavam abertas, proporcionando locomoção mais facilitada. Esta característica do relevo de Porto Alegre foi um fator determinante da ocupação demográfica deste município.

Como consequência desta característica geográfica de Porto Alegre, atualmente é possível perceber que a norte da Crista de Porto Alegre há uma ocupação residencial mais intensiva, prevalecendo as construções de prédios e de residências, ao contrário das áreas do sul, marcadas por regiões de ocupação residencial rarefeita e apresentando em sua maior parte áreas verdes.

No mapa de ocupação de Porto Alegre (Figura 2), é possível visualizar a distribuição do aglomerado urbano. Em azul a concentração de ocupação urbana do município de Porto Alegre. Ao sul da capital estas manchas indicam o bairro Restinga, localizado mais ao centro do mapa, a oeste o bairro Lomba do Pinheiro. Nas margens do Rio Guaíba, os aglomerados populacionais do bairro Belém Novo e, mais ao sul, do bairro Lami. Circulando estas áreas é possível observar em branco uma porção significativa do território de Porto Alegre onde pequenos pontos de ocupação demográfica existem, porém não assumem os níveis de concentração existentes nas áreas representadas em azul. A menor densidade populacional das áreas representadas em branco é um dos fatores que determina que ao sul da Crista de Porto Alegre e na própria crista haja a presença de áreas rurais rurais.

2.1.3 O Rural de Porto Alegre

As áreas da capital que se localizam ao sul da Crista de Porto Alegre são de uma ocupação mais rarefeita de residências e com número de pessoas menor por área (MENEGAT, 2006). Segundo o poder público municipal, o número de habitantes, no ano de 2000, em bairros como Lami e Lageado, ao sul da crista, eram de uma pessoa por hectare. Em bairros como Belém Novo e Belém Velho, eram cinco e nove pessoas por hectare, respectivamente. Já nos bairros localizados a norte da Crista de Porto Alegre, como o Centro Histórico, Cidade Baixa e Independência, os números de habitantes por hectare eram de 162, 210 e 160, respectivamente (PORTO ALEGRE, 2000).

As pessoas que residem no sul de Porto Alegre distribuem-se principalmente em aglomerados populacionais denominados Restinga, Lami, Belém Novo, Renascença e Parque Belém e ao longo das estradas Oscar Pereira, Belém Velho, Costa Gama, Afonso Lourenço Mariante e do Rincão. Este espaço também é caracterizado pela presença de alguns parques de preservação e conservação do ambiente natural como a Reserva Biológica do Lami, José Lutzemberger e uma pequena parte do Parque Municipal Saint-Hilaire, que tem o restante de sua área localizada no município de Viamão.

Ainda o espaço³ ao sul de Porto Alegre abriga atividades ligadas ao setor secundário e terciário (SCUSSEL, 2007). Existem indústrias como a Embapel, localizada na Avenida do Lami, no bairro Lami, que fabrica e comercializa embalagens de papel e a Arts Fire indústria de fornos cerâmicos, localizada na Avenida Juca Batista, no bairro Belém Novo. E atividades do setor de serviços, como o tratamento de água por parte do Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE), localizado na Avenida Inácio Antônio da Silva, no bairro Lami⁴.

Para além destas ocupações, há predominância de áreas sem edificações onde prevalecem ambientes naturais e ocupados com atividades agrícolas (Figura 3 e 4). Estas áreas começam desde os terraços fluviais do Arroio do Salso, localizado na crista, em direção ao sul pelas margens do Rio Guaíba e percorrem os limites municipais com o município de Viamão até chegar novamente à crista (MENEGAT, 2006; RECHENBERG, 2007). É neste espaço onde se instalam pessoas de origem urbana ocupando-se de práticas do rural e tornando-se novos rurais.

³ A definição de espaço engloba as áreas que ainda não foram ocupadas pelo homem efetivamente além das áreas ocupadas com atividade humanas relacionadas à produção, comércio, transportes dentre outras ocupações (SOUZA, 1995).

⁴ Informações coletadas em período de contextualização da pesquisa e durante a coleta de dados.



Figura 3 – Propriedade rural bairro Belém Velho Estrada Belém Velho, Porto Alegre

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).



Figura 4 – Paisagem rural de Porto Alegre vista do bairro Lami

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).

Neste espaço, existem atividades do setor primário que aparecem em 260 estabelecimentos agropecuários (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006). Um estabelecimento agropecuário é compreendido como

[...] todo terreno de área contínua, independente do tamanho ou situação (urbana ou rural), formado de uma ou mais parcelas, subordinado a um único produtor, onde se processa uma exploração agropecuária, ou seja: o cultivo do solo com culturas permanentes e temporárias, inclusive hortaliças e flores; a criação, recriação ou engorda de animais de grande e médio porte; a criação de pequenos animais; a silvicultura ou o reflorestamento; e a extração de produtos vegetais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006).

Nestes estabelecimentos agropecuários, em 2006, 1163 pessoas dedicavam-se a atividades agrícolas, produzindo variados produtos, dentre eles arroz, milho, feijão, frutas e hortaliças; criação de bovinos, ovinos e aves (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006). Nas Figuras 5, 6 e 7 é possível observar algumas das atividades agrícolas do rural de Porto Alegre. Os inúmeros tipos de produtos originários do rural de Porto Alegre estão vinculados à proximidade deste espaço a mercados.



Figura 5 – Parreiral. Sítio Dom Guilherme bairro Belém Velho, Porto Alegre.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).



Figura 6 – Diversificação de cultivos agroecológicos. Sítio Tio Juca bairro Lami.

Fonte: Arquivo da autora (set. 2008).



Figura 7 – Cultivo diversificado plantas perenes e temporárias. Sítio Recanto das Pedras bairro Lomba do Pinheiro.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).

Silva (2003), aponta a existência de uma população urbana e outra rural em Porto Alegre. Segundo Censo Demográfico (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000) a população urbana era de 1.320.739 habitantes, enquanto a população rural era de 39.851 habitantes correspondendo, respectivamente, a 97,07% e 2,93% da população total.

Considerando as regiões de características diferenciadas de Porto Alegre, o Plano Diretor⁵ de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, criado pela Lei 434 de 1º de dezembro de 1999, dividiu estrategicamente este município em diferentes espaços de características parecidas. Conforme o modelo espacial traçado, a cidade de Porto Alegre foi dividida em duas diferentes áreas: Área de Ocupação Rarefeita (AOR) e Área de Ocupação Intensiva (AOI). A AOR é, como diz o próprio nome, de ocupação rarefeita e no Plano Diretor, tem como característica a preservação da flora, da fauna e demais elementos naturais. Para a sua perpetuação e sustentabilidade admite-se atividades de cunho habitacional, turístico, lazer e pesquisas científicas que sejam compatíveis com o estímulo ao desenvolvimento da produção primária (PORTO ALEGRE, 1999).

Ainda, estas unidades territoriais maiores se dividem em porções menores que são denominadas Macrozonas, Unidades de Reestruturação Urbana (UEU) e Regiões de Gestão do Planejamento. A divisão do território municipal em Macrozonas caracteriza-se pela estruturação em conjuntos de unidades menores (UEU) com peculiaridades quanto aos aspectos socioeconômicos, paisagísticos e ambientais (PORTO ALEGRE, 1999).

As Macrozonas 6 e 8, localizadas a sul e a oeste do município de Porto Alegre, denominam-se “Eixo Lomba do Pinheiro Restinga” e “Cidade Rurubana”. Dentre os bairros pertencentes a estas duas Macrozonas estão: Lomba do Pinheiro, Lami, Belém Velho, Belém Novo e Lajeado. São basicamente estas duas Macrozonas que compõem a AOR e é principalmente, neste espaço que está o rural⁶ de Porto Alegre (PORTO ALEGRE, 1999).

Apesar do Plano Diretor organizar o território de Porto Alegre conforme suas características peculiares, abordou de forma generalista os diferentes espaços quando a totalidade do território de Porto Alegre foi definida como cidade. A partir desta denominação

⁵ Segundo Villaça (1995, p. 238), um plano diretor parte de um “diagnóstico científico da realidade física, social, econômica, política e administrativa da cidade, do município e de sua região”. A partir disso é elaborado e apresentado um “conjunto de propostas para o futuro desenvolvimento socioeconômico e futura organização espacial dos usos do solo urbano, das redes de infra-estrutura de elementos fundamentais da estrutura urbana, para a cidade e para o município, propostas estas definidas para curto, médio e longo prazos, e aprovadas por lei municipal”.

⁶ Há a norte do município extensões de terra que são utilizadas para cultivo temporário que não fizeram parte desta pesquisa (KOZENIESKI, 2009).

o imposto pelo uso do solo seria o Imposto sobre a Propriedade Territorial e Predial Urbana (IPTU) (PORTO ALEGRE, 1999).

A consideração do território de Porto Alegre como cidade, levava a um endividamento dos agricultores, que desempenhavam atividades ligadas ao rural, com o poder público municipal uma vez que o imposto seria cobrado incluindo o uso do solo em anos anteriores. Entretanto, observando esta incongruência, o poder público através da lei complementar municipal n° 482 de 2002, isentou do pagamento do IPTU e da Taxa de Coleta de Lixo (TCL) os agricultores que comprovassem junto à prefeitura municipal que exerciam atividades ligadas a produção primária (PORTO ALEGRE, 2002).

Neste sentido, a situação contraditória e confusa em que foram postos os agricultores do rural de Porto Alegre ficou amenizada uma vez que desempenham mais do que simplesmente uma atividade sócio-profissional vinculada à agricultura. Os agricultores familiares do Bairro Vila Nova, localizado no sul de Porto Alegre, exercem atividades agrícolas em sua propriedade e carregam identidade rural territorializada. A forma de ruralidade deste bairro, expressa por agricultores familiares e mediadores atuantes, demonstra que não se trata de uma agricultura desligada do rural. Os agricultores familiares apresentaram uma “tessitura social complexa e, por isso, rica” e “diversidade cultural e identitária” típica do rural (SCHNÄDELBACH, 2004, p. 106).

À presença destas características intrínsecas ao rural, é somada a produção de diferentes produtos, atividades diversas e distintas formas de produção. Deste modo, as propriedades rurais se diferenciam quanto aos produtos, atividades e a orientação técnica que direciona as práticas utilizadas na produção agrícola. Existem agricultores que seguem uma orientação mais intensiva de produção utilizando-se de pacote tecnológico e outro conjunto destes produtores que utilizam técnicas ligadas ao campo de conhecimento científico da Agroecologia⁷ identificando-se com princípios ecológicos (FALCÃO et al., 2006).

Deste modo, os agricultores agroecológicos do sul de Porto Alegre utilizam de técnicas embasadas no uso de recursos naturais de maneira sustentável. Este cultivo baseado nos princípios da Agroecologia começou a ocorrer no espaço rural de Porto Alegre no ano de 1985. Estes agricultores estavam vinculados a Associação dos Moradores e Produtores Rurais

⁷ A Agroecologia, segundo Caporal e Costabeber (2004, p. 13), “[...] se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável”.

do Sudoeste de Porto Alegre (ASSUDETE) (informação pessoal).⁸ Anos depois, a prática de base ecológica também partiu do interesse individual de agricultores, como é o caso de Eliseu Rosa da Silva conhecido como “Juca”, que iniciou com a produção de base ecológica em sua propriedade no ano de 1997.

Despertando o interesse de outros agricultores, um grupo de produção ecológica organizou-se formalmente no sul de Porto Alegre denominando-se de Associação dos Produtores Ecologistas do Lami (APEL). A APEL surgiu no ano de 1997. Inicialmente, este grupo era composto por oito associados, em 1999 seu quadro era de quatro agricultores e atualmente são três os agricultores que compõem a APEL (FALCÃO et al., 2006).

A redução no número de associados da APEL não indica que o número de agricultores ecologistas de Porto Alegre esteja em recessão, muito pelo contrário. Agricultores que se desvincularam da APEL passaram a formar outras associações, como o grupo Herdeiros da Natureza, do casal Vera e Dodô, e do Grupo Ecológico Pró Lami surgindo novos integrantes como é o caso de Silvana Beatriz Bohrer do Sítio Capororoca.

Atualmente, o número aproximado de produtores agroecológicos no sul de Porto Alegre é de 52 famílias. Estes produtores estão divididos em diferentes grupos constituídos e em processo de constituição. Além da APEL, existem mais quatro grupos constituídos no rural de Porto Alegre, são eles: Grupo Ecológico Portal da Mãe Terra, Grupo Ecológico Mãe Doce, Associação dos Produtores Rurais Ecológicos da Zona Sul de Porto Alegre (APRESUL) e Grupo Ecológico Essência da Terra (FALCÃO et al., 2006). Além destes grupos há também a Cooperativa de Produtores Ecológicos de Porto Alegre Ltda (ARCOOÍRIS). Todos estes grupos de agricultores agroecológicos comercializam produtos no próprio município. Esta comercialização acontece em feiras como a Feira Ecológica José Bonifácio onde os produtores compartilham um mesmo local com agricultores ecologistas de outros municípios do estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Informação concedida por Oliveira, D. uma das sócias fundadoras da cooperativa ARCOOIRIS em fev. 2010.

2.2 FEIRA ECOLÓGICA JOSÉ BONIFÁCIO (FEJB)

A Feira Ecológica⁹ José Bonifácio (FEJB) é um local onde agricultores ecologistas da região metropolitana e de outros municípios do estado do Rio Grande do Sul comercializam produtos agroecológicos diretamente com consumidores. Ela acontece todos os sábados no bairro Bom Fim em Porto Alegre. Nesta feira, são comercializados alimentos produzidos em sistemas agroecológicos de agricultura, que originam alimentos saudáveis, sem resíduos de agrotóxicos. Além da compra e venda destes produtos, ela acomoda trocas de conhecimento entre consumidores e agricultores sobre mercadorias comercializadas e sobre as vivências sociais distintas.

As feiras ecológicas constituem locais para a venda direta aos consumidores dos produtos oriundos das famílias de agricultores, promovendo a melhoria na renda e fortalecendo a integração campo e cidade (BARREIRO, 2008). Estas feiras possibilitam o fortalecimento das dinâmicas de acesso a mercados locais e estabilidade nas rendas dos produtores quando comparado aos rendimentos provenientes de cultivos agrícolas convencionais. Além destes benefícios, proporcionam educação ambiental e manutenção da biodiversidade uma vez que ervas adventícias, insetos e pequenos animais fazem parte do agroecossistema (SABIÁ, 2009).

Estas feiras também contribuem trazendo oportunidades de comercialização justas e solidárias para famílias de agricultores, antes, restritas a vender seus produtos a atravessadores. Por meio da produção ecológica e organização coletiva, os agricultores encontram formas de subsidiar suas necessidades baseadas em instrumentos compatíveis com seus modos de vida e capacidade produtiva. Através da comercialização em feiras, os agricultores sentem que seus produtos são valorizados e podem produzir de forma ajustada à demanda dos consumidores, pois pela interação direta sabem quais são as preferências destes. Aliado a isso ocorre um aumento da autoconfiança dos agricultores, da renda familiar e, inclusive, uma contribuição para melhorias nas relações de gênero (BARREIRO, 2008).

Ainda as experiências das feiras ecológicas se inserem em processos que incentivam o empreendedorismo entre os agricultores, uma vez que podem ser autogeridas. “O exercício de tomada de decisões, a gestão dos fundos das feiras e a vivência coletiva têm contribuído para

⁹ Feira ecológica será tratada como sinônimo de feira agroecológica, pois ambas comercializam produtos oriundos da produção ecológica que provem de princípios da Agroecologia.

a construção de grupos cada vez mais autônomos e conhecedores de sua realidade” (SABIÁ, 2009, p. 1).

As feiras surgiram em um momento que os produtos agroecológicos começavam a ganhar destaque. No caso da FEJB, sua origem parte do interesse de um grupo de pessoas vinculado à Cooperativa Ecológica Coolméia. Esta cooperativa foi fundada em 1978 por um grupo de 24 pessoas. Seu primeiro nome era Cooperativa dos Membros da Fundação Dr. Serge Raynaud de La Ferrière Ltda, pois seus fundadores eram filiados a Grande Fraternidade Universal (GFU), uma organização não governamental fundada por Serge Raynaud de la Ferrière em 1948 inscrita na Organização das Nações Unidas (ONU). Esta instituição tem como objetivo aproximar distintos grupos humanos que trabalhem em prol da paz. Possui unidades em diversos países sendo que no Brasil esta localizada em Porto Alegre (UIEDA, 2007).

Além de agrupar produtores interessados na produção ecológica, a Coolméia interessava-se em formar toda uma cadeia para a comercialização dos produtos provenientes desta maneira de produzir. Por isso, inicialmente foram instaladas, na sede da cooperativa, uma quitanda, uma lancheria, uma padaria, uma confeitaria, um entreposto, uma cozinha e um restaurante. O trabalho nestes pontos de venda era feito por cooperados que inicialmente trabalhavam voluntariamente o que restringia os horários de atendimento (GIESTA, 2005).

Os sócios desta cooperativa eram divididos em diferentes categorias: produtores, consumidores e operacionais. A cooperativa integrava os associados através da alimentação natural, defesa do meio ambiente, trabalho cooperativo e autogestão. E estava estruturada em quatro linhas de negócio: “relações com o mercado, em que são administradas as feiras e a loja na sede; alimentação, com padaria, lancheria, restaurante e confeitaria; ecotecnologias, mais ligados aos associados produtores e à autogestão de tecnologias com preocupação ambiental; e controladoria administrativa e financeira” (UIEDA, 2007, p. 92).

Até o ano de 1989, a principal forma de comercialização da Coolméia era através das lojas que tinha em sua sede, mas a partir deste ano começou a desenvolver uma idéia de comercialização inovadora. Este grupo precisava de espaços para comercializar seus produtos e desejava difundir um modelo de consumo consciente, baseado no convívio harmonioso com a natureza. Motivado por estes fatores, membros da cooperativa Coolméia tiveram a idéia de realizar uma primeira feira ecológica (GIESTA, 2005).

Seguindo os fatos que estão envolvidos na história da FEJB de maneira cronológica, a organização pela Coolméia de uma feira, no Parque Farroupilha,¹⁰ com o nome de Feira Ecológica Tupambaé (em guarani Terra de Deus) aconteceu no dia 14 de outubro de 1989. Este data foi escolhida em comemoração ao dia internacional do não uso de agrotóxicos (dia mundial da alimentação e semana mundial de luta contra os agrotóxicos). Neste dia, os agricultores produtores da Coolméia comercializaram seus produtos diretamente ao consumidor.

Aos poucos, após duas edições anuais da Feira Ecológica Tupambaé, a cooperativa Coolméia montou, em 1991, a Feira dos Agricultores Ecologistas na Rua José Bonifácio (GIESTA, 2005). A Rua José Bonifácio se encontra ao lado do Parque Farroupilha, entre as avenidas Oswaldo Aranha e João Pessoa (Figura 8). O corredor que há na parte central desta rua tem árvores denominadas popularmente como tipas (*Tipuana tipu*) (GERMANI, 2004) de aproximadamente 10 metros de altura, e proporciona espaço suficiente para a locomoção de pessoas e instalação de barracas.

Também, no ano de 1991, ocorreu a agregação à FEJB de outras entidades. Dentre estas entidades está a Associação Gaúcha de Apicultores (AGA), o Colégio Bom Pastor Bio Ciclo e a Associação de Moradores e Produtores Rurais da Região Sudeste de Porto Alegre (ASSUDETE).

¹⁰ O Parque Farroupilha é localizado próximo ao Centro da cidade, onde existe vegetação, árvores, lagos, brinquedos para crianças, área de entretenimento e espaço para caminhadas e prática de diferentes esportes como o futebol, voleibol e corrida. Este parque, criado em 19 de setembro de 1935, tem aproximadamente 370 000 metros quadrados onde não é permitido entrada de carros não autorizados. Deste modo, se constitui em uma área específica para a prática de sociabilidades entre as pessoas e para o lazer (SOUZA, 2008).



Figura 8 – Localização da Feira Ecológica José Bonifácio

Fonte: Editado pela autora a partir de Google Earth (2010).

Estas entidades passaram a comercializar seus produtos em uma segunda quadra, ao lado da quadra onde eram comercializados os produtos da cooperativa Coolméia. Quando estas instituições iniciaram a comercialização de seus produtos na feira ecológica, esta começou a acontecer semanalmente (ARCOÓRIS, 2010).

Assim como a Cooperativa Ecológica Coolméia, a Assudete foi atuante na FEJB. Esta associação surgiu na década de 1980, por meio da integração de um grupo de produtores agroecológicos de Porto Alegre que encontravam dificuldades para comercializar seus produtos. No ano de 1991, grande parte dos associados da Assudete era composto por produtores residentes em Porto Alegre (ARCOÓRIS, 2010).

Com o ingresso à feira ecológica José Bonifácio, surgiu a necessidade de mais produtores agroecológicos integrados a Assudete, diversificando a oferta dos produtos disponibilizados. Assim, passaram a comercializar junto a FEJB agricultores agroecológicos dos municípios de Itati, Morungava, Ipê e Cândido Godoy (ARCOÓRIS, 2010).

Alguns dos associados da Assudete, incentivados pelas transformações internas, começaram a pensar em conformar outra formação jurídica para serem melhor atendidos em serviços técnicos, compras coletivas e aumentar a comercialização. Foi assim que em 25 de abril de 1994 20 associados da Assudete auxiliaram na formação da Cooperativa de Produtores Ecológicos de Porto Alegre Ltda (ARCOOIRIS). No momento da criação da ARCOOIRIS, aos 20 associados da Assudente, juntaram-se outras 25 pessoas. Deste modo, a fundação da cooperativa ARCOOIRIS deu-se com 45 cooperados (GIESTA, 2005). Atualmente, o número total de cooperados é de 106. Estes cooperados são produtores, consumidores e colaboradores. Dentre os produtores agroecológicos vinculados a ARCOOIRIS, aproximadamente 28 se encontram no rural de Porto Alegre (informação pessoal).¹¹

Além das alterações na FEJB acima expostas, o ingresso da Assudete e demais instituições determinou o registro oficial perante o poder público local. A atual legislação sobre feiras ecológicas de Porto Alegre, Resolução nº 01 de 2003, denomina-as como projetos político-administrativo, constituindo-se em modalidade cultural de compra e venda entre produtores e consumidores de alimentos e manufaturas produzidos ecologicamente em Porto Alegre e fora dele. Este projeto objetiva proporcionar espaços para comercialização de produtos ecológicos, fomentar opiniões sobre saúde, nutrição, produção ecológica, associativismo, integração ambiental de porto-alegrenses e demais consumidores, e privilegiar a cooperação com a sociedade civil (PORTO ALEGRE, 2003).

Outro fator marcante na FEJB aconteceu no ano de 2006 quando a cooperativa Coolméia, com aproximadamente 2065 associados (GIESTA, 2005), passou por dificuldades que acabaram influenciando sua continuidade (informação pessoal).¹² Estas dificuldades estão relacionadas à sua organização interna na gestão de uma assembléia. Segundo o estatuto, os membros que poderiam convocar uma assembléia são membro/os do conselho de administração, o conselho fiscal ou associados através de uma representação em números iguais ou superiores a 1/5 do número total de cooperados. Entretanto, estas pessoas não dispõem de informações sobre a atual situação da cooperativa. Esta situação gera incertezas quanto às consequências que uma mobilização para convocação de assembléia traria aos associados e à cooperativa (COOLMÉIA, 2000).

Apesar destas dificuldades por que ainda passa a cooperativa Coolméia não houve comprometimento sobre a continuidade da FEJB, pois esta estabelecia dinâmicas internas para

¹¹ Informação concedida por Oliveira, D. uma das sócias-fundadoras da cooperativa ARCOOIRIS em fev. 2010.

¹² Informações concedidas em entrevista pelas cooperadas da Coolméia Lopes, V. e Ludwig, R. em jan. de 2010.

sua gestão, que aconteciam por meio de reuniões. O credenciamento de novos produtores junto à feira acontecia através de uma “Rede de Geração de Credibilidade para a Agricultura Ecológica” que era formada por agricultores, técnicos, comerciantes e consumidores que certificavam as propriedades e os processos por que eram produzidos os produtos comercializados. Esta rede mantinha um reconhecimento para os seus produtos como legitimamente orgânicos sem precisar, necessariamente, do aval de uma certificadora (GUESTA, 2005; UIEDA, 2007). Entretanto, segundo informações fornecidas pela SMIC, atualmente este sistema de reconhecimento para credenciamento gestado pela FEJB não acontece mais de forma autogerida, sendo que é necessário abrir edital por meio do poder público municipal para que novas entidades possam comercializar seus produtos na feira ecológica.

A forma como a feira se constituiu fez com que entre os feirantes e usuários da feira, a parte onde a Coolméia comercializa seus produtos fosse denominada de “quadra da Coolmeia” ou “primeira quadra”, e a parte onde a Assudete e, mais tarde, a cooperativa ARCOOIRIS passou a comercializar, fosse conhecida como “quadra da Arcooiris” ou “segunda quadra”.

O horário de funcionamento da FEJB é das 7h e 30min às 13h de todos os sábados. Além da feira ecológica, também acontecem feiras de antiguidades e artesanato na Avenida José Bonifácio. Estas feiras têm dias e horários diferentes para acontecerem, sendo que a feira do artesanato ocorre tanto no sábado quanto no domingo. A feira de antiguidades ocorre aos domingos. A feira do artesanato e da antiguidade fica mais próxima à Avenida João Pessoa. Ao passo que a feira da agricultura ecológica fica próxima à avenida Oswaldo Aranha, ocupando a extensão de duas quadras das cinco que é constituída a rua José Bonifácio. As bancas das feiras da antiguidade e do artesanato são dispostas em um dos lados do espaço que há entre as duas vias na José Bonifácio. Enquanto que na Feira Ecológica José Bonifácio as bancas são dispostas nos dois lados do espaço, formando um corredor central tomado de uma paisagem dos produtos ali oferecidos (Figura 9).



Figura 9 - Foto da Feira Ecológica José Bonifácio em junho de 2009.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).

Durante os sábados pela manhã é possível observar que a maioria das pessoas que circulam pela FEJB está interessada em comprar os produtos oferecidos, entretanto outras estão passeando e conhecendo a feira. Segundo Giesta (2005), os consumidores desta feira ecológica são esporádicos e assíduos. Os primeiros ainda não têm um conhecimento dos produtos oferecidos e tentam se informar sobre eles, enquanto o segundo grupo conhece os produtos oferecidos e tem uma relação mais próxima com os feirantes.

Ao meio dia, nos dias agradáveis, há concentração de usuários da feira, principalmente na quadra mais próxima a Avenida Oswaldo Aranha, tornando difícil a compra dos produtos ecológicos e até mesmo o trânsito por este local.

Na FEJB são comercializados produtos de diferentes associações, cooperativas e produtores autônomos. Segundo contagem efetuada pela SMIC,¹³ ao todo são 57 expositores nas duas quadras. Na primeira quadra, as entidades são em número de 20 e na segunda quadra são 15. Existem ainda autônomos em número de 22. O número de bancas é superior a este,

¹³ A SMIC, juntamente com os Conselhos das Feiras e as Organizações da Sociedade Civil, é responsável pela fiscalização, administração, aplicação de penalidades e organização das diferentes feiras ecológicas de Porto Alegre, inclusive a FEJB (PORTO ALEGRE, 2003).

uma vez que existem entidades, como a ARCOOIRIS e a COOLMEIA, que ocupam mais de uma banca.

Ainda, segundo dados fornecidos pela SMIC, desde o início da FEJB já era possível encontrar uma grande variedade de produtos, seguindo esta diversificação até os dias de hoje. Entre estes existem os produtos vendidos in natura, como as hortaliças e frutas, e beneficiados, como os farináceos, bolos, produtos a base de leite, sucos e vinhos (Figura 10 e 11). Deste modo, os produtos comercializados na FEJB são alimentícios, em sua grande maioria, e não alimentícios, como shampoos e flores para decoração. Também, podem ser encontrados vestuários de organizações que de algum modo se identificavam com a produção ecológica como, por exemplo, o movimento em defesa dos animais.

Assim como em demais feiras ecológicas, na FEJB os consumidores efetuam suas compras diretamente com os produtores, o que reduz a participação de intermediários na comercialização e garante preços mais justos tanto para consumidor como para produtor (Figura 12). A relação dos consumidores e produtores proporciona trocas para além das relações mercantis, pois são perpassadas pela confiança e por laços de amizade (SCHERER, 2002; UIEDA, 2007).

O contato entre usuários da feira e feirantes pode se estender para outros locais, se deslocando até os espaços rurais. Por meio da visitação por parte dos usuários da feira às propriedades rurais dos feirantes, conhecendo as atividades agrícolas de produção dos produtos comercializados na feira ecológica e pelo turismo rural (DUARTE, 2009).



Figura 10 – Banca de produtos beneficiados e *in natura*.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).



Figura 11 – Banca de produtos *in natura*

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).



Figura 12 – Momento de comercialização e conversa com amigos usuários da feira

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).

2.3 ROTEIROS TURÍSTICOS CAMINHOS RURAIS

Atualmente, 10 anos depois dos pioneiros terem dado este passo inicial, ainda se acredita no turismo como alternativa de manutenção da área rural produtiva e também de conservação dos espaços naturais, ambos ameaçados pelo processo de descaracterização das áreas de entorno, que comprometem a região sul da cidade, último e maior reduto verde da capital (CAMINHOS RURAIS, 2010).

A atividade do turismo rural desenvolve-se em espaços rurais e tem contribuindo nas alterações sobre a forma de conceituá-lo e mesmo de interpretá-lo. Esta atividade, que produz um contato do rural com o urbano, também contribui para a geração de renda para agricultores familiares. Assim como em demais espaços rurais, a atividade do turismo rural também é desempenhada nas localidades ao sul de Porto Alegre. Dentre as pessoas que trabalham atualmente com esta atividade, Webber, que se mudou para o espaço rural de Porto Alegre há 12 anos, foi uma das pessoas envolvidas na atividade do turismo rural na capital gaúcha deste os seus “primeiros passos”. Motivava-se com a possibilidade do turismo rural

porque via neste espaço potencial relacionado à presença de áreas preservadas, às características rurais e à localização (informação pessoal).¹⁴

Antes mesmo de morar no rural de Porto Alegre, no ano de 1996, Webber já desenvolvia em seu sítio localizado no bairro Belém Velho a atividade do turismo rural recepcionando crianças de colégios de Porto Alegre. Em torno deste ano, outras propriedades passaram a desenvolver esta atividade. Dentre elas estão os sítios Tio Juca e Herdeiros e, mais tarde, no ano de 2001, o Sítio Capororoca. Estes sítios estão localizados no bairro Lami (BASTIAN; SOUZA, 2008).

A partir destas iniciativas individualizadas de produtores rurais de Porto Alegre, a atividade passou a ter um caráter coletivo envolvendo vários atrativos em uma mesma visita. Webber cita que em 2001 surgiu um roteiro de turismo rural denominado “Rota Belém Velho” que passava por algumas propriedades rurais, pelo Santuário Nossa Senhora Mãe de Deus e pelo Centro de Tradições Gaúchas (CTG), e ocorria em momentos de festividades do município, como a Festa da Uva e do Pêssego, Fóruns Social Mundial e semana de aniversário do município.

Dependendo da festividade, os turistas saíam em micro ônibus do centro da cidade, ou da própria Praça de Belém Velho, já que era ali que era realizada a Festa da Uva e do Pêssego. Os condutores deste roteiro eram locais e o custo era estipulado pela prefeitura, que fornecia subsídios para o transporte e se encarregava da divulgação.

Esta rota permaneceu durante alguns anos até que em 2003 a prefeitura municipal desenvolveu roteiros ecológicos para crianças em parques como o Saint Hilaire, Reserva Biológica do Lami e Morro do Osso, localizados mais ao sul de Porto Alegre. Com uma proposta de custos reduzidos para a visitação à sua propriedade, Webber enviou para algumas escolas da capital gaúcha correspondências oferecendo a visitação ao seu sítio, que era agroecológico, e que poderia acontecer acoplada ao roteiro que passava pelos parques ecológicos de Porto Alegre. As escolas ficaram interessadas e a partir disto, segundo Webber, aproximadamente 700 crianças da cidade de Porto Alegre visitaram sua propriedade no período de uma semana.

No ano de 2005, a Prefeitura Municipal interessou-se em conhecer a atividade de turismo rural que vinha acontecendo em Porto Alegre. Este interesse se deve ao fato de que neste ano foi instituída a Secretaria Municipal de Turismo (SMTur), pois até então existia apenas um escritório de turismo vinculado a SMIC (DUARTE, 2009). Como um escritório

¹⁴ Informações concedidas por Webber, M. durante coleta de dados para esta pesquisa em jul. 2009.

estabelecia-se um convênio, já como secretaria desenvolve-se projetos com um corpo de funcionários que atuam em determinado ramo dentro do município (informação pessoal).¹⁵

Com base neste interesse que surgiu com a consolidação da SMTur em Porto Alegre, foram organizadas as primeiras saídas de campo para conhecer as propriedades da zona sul de Porto Alegre interessadas em inserir-se em um projeto de roteiros turísticos rurais. Estas primeiras saídas de campo foram organizadas pela EMATER e tinham objetivo de identificar os atrativos com interesse e potencial para o turismo rural (BASTIAN; SOUZA, 2008).

Através destas saídas de campo, foram identificadas inicialmente 30 famílias. Com os membros destas famílias foram ministrados cursos de sensibilização, acolhida de turistas, planejamento e culinária, dentre outros temas. Estes cursos foram fornecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR-RS), EMATER, Sindicato Rural e Prefeitura Municipal (BASTIAN; SOUZA, 2008).

Ao grupo de famílias que passaram a desenvolver o turismo rural foi dado o nome de “Roteiro Turístico Caminhos Rurais” e a partir de 2005 foi oficializado como projeto vinculado a SMTur (DUARTE, 2009). No ano de 2005, também foram impressos os primeiros 5000 folders dos Caminhos Rurais e a Prefeitura Municipal subsidiou algumas agências que passaram a organizar os roteiros para visitação, auxiliou na divulgação e na participação em eventos como Expointer, Acampamento Farroupilha, Semana do Turismo (BASTIAN; SOUZA, 2008; DUARTE, 2009).

Este projeto vinculado ao poder público municipal coordenado pela SMTur tem como objetivo o desenvolvimento do turismo rural em Porto Alegre, integrando produção com vistas a qualificar as condições socioecon micas de comunidades da região rururbana do município. Também almeja proporcionar sustentabilidade econ mica, ambiental, cultural e social; adequar os suportes para esta atividade, aumentar a autoestima das pessoas envolvidas, amenizar o  xodo rural e oferecer vivências para a população urbana no meio rural (DUARTE, 2009).

Após esta fase inicial do projeto Caminhos Rurais (CR), no ano de 2006, foi fundada a Associação Porto Alegre Rural (Poa Rural) que tem o intuito de auxiliar no provimento de necessidades ligadas à atividade do turismo rural identificadas como importantes por seus associados. As prioridades desta associação estão conjugadas, principalmente, à integração entre espaços urbanos e rurais para a promoção do desenvolvimento sustentável. Os membros desta associação organizam-se através de reuniões realizadas uma vez por mês em suas

¹⁵ Informa o fornecida em entrevista por Braga, J. funcionária da Secretaria Municipal de Turismo em 27 jan. 2010.

residências (DUARTE, 2009). A grande maioria dos 25 associados (20) faz parte dos CR, sendo que apenas cinco (RPPN Costa do Cerro, Amparo Santa Cruz, Quiosque do Kiko, Atelier Luisaço e Cabanha Figueira) não constam no folder destes roteiros turísticos (ASSOCIAÇÃO PORTO ALEGRE RURAL, 2009; CAMINHOS RURAIS, 2009).

Atualmente, os CR têm seis diferentes roteiros turísticos na zona sul da capital gaúcha que circulam por 41 atrativos diferenciados organizados pelas agências Silsi Tours, Rota Cultural, Tri Legal e Webber Turismo, principalmente (Figura 13). Além dos roteiros organizados pelas agências, o público de turistas que tem frequentado este espaço vem de instituições como faculdades, escolas, grupos de mulheres e grupos religiosos, que se organizam de maneira desvinculada das agências de viagens. Os estudantes de graduação são dos cursos de geografia, gastronomia, biologia e nutrição, principalmente (Figura 14 e 15). Estes grupos têm composto a maioria do público de turistas.

Além destas formas de organização, os turistas também entram em contato com os proprietários dos atrativos e agendam suas visitas diretamente com eles, se deslocando através de seus próprios meios para os atrativos dos CR.

Dos atrativos do CR, 23 são propriedades que atuam com atividades ligadas ao rural. Mais especificamente desempenham, além da atividade de turismo rural, o beneficiamento de produtos agrícolas e a produção agrícola. Os demais atrativos (18) são compostos por balneários, restaurantes, locais religiosos, para eventos e prática esportiva, comercialização de produtos coloniais, conservação ambiental, educação ambiental e hospedagem (Figura 16) (PORTO ALEGRE, 2009).



Figura 13 – Grupo de turistas organizado pela agência Webber turismo em visita ao Cycas e Palmeiras bairro Lami.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).

Segundo Duarte (2009), o turismo desenvolvido no sul de Porto Alegre funciona, em algumas propriedades como atividade alternativa à produção e à feira ecológica, sendo que nos dias de visita é dedicado aproximadamente uma hora para a recepção dos turistas. Neste dias, os agricultores deixam de fazer suas atividades nas lavouras e na preparação dos produtos da feira para recepcionar as pessoas que vêm conhecer a propriedade e as atividades agrícolas.

Entre os agricultores que produzem alimentos para comercializar na feira e os turistas, há alguns casos de aprofundamento de laços. Com a visita às propriedades, muitos dos turistas passam a serem usuários da FEJB, consumindo os produtos produzidos nos atrativos visitados. Assim, as relações que são estabelecidas por meio do turismo, se estendem para além da propriedade rural (DUARTE, 2009).



Figura 14 – Grupo de estudantes de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sítio Tio Juca bairro Lami.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).



Figura 15 – Grupo de estudantes de Nutrição da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Sítio Capororoca bairro Lami.

Fonte: Arquivo da autora (jul. 2009).

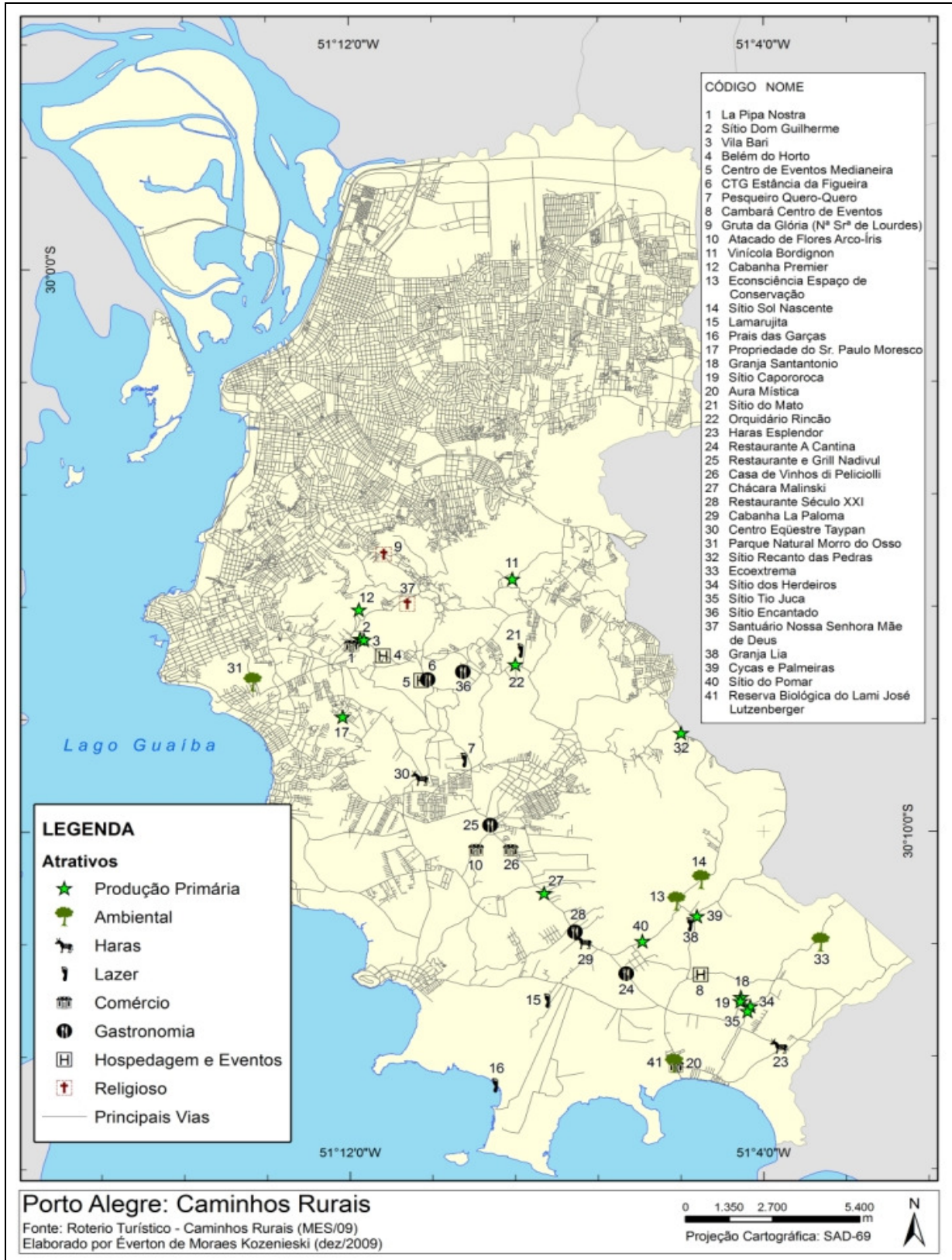


Figura 16 - Porto Alegre: Caminhos Rurais

Fonte: Caminhos Rurais (2010).

Duas das definições das atividades desenvolvidas em cada atrativo estão representadas de forma diferenciada segundo o folder dos Caminhos Rurais. São elas: Sítio Sol Nascente que está representado no mapa como uma propriedade que desenvolve atividades ambientais, enquanto que no folder consta que desenvolve atividades nomeadamente agrícolas com produção agroecológica de plantas medicinais. A outra propriedade é Granja Lia que além de desenvolver atividades de lazer, atua mais fortemente, segundo o folder, na piscicultura, fruticultura e hospedagem de equinos (CAMINHOS RURAIS, 2009).

Por meio do turismo rural e de outras formas, diferentes grupos de pessoas criam laços que perpassam pelo rural de Porto Alegre de maneiras diversas. Seja por meio do consumo do espaço e dos produtos provenientes, por meio do contato com os agricultores feirantes ou através da constituição de moradias e realização de práticas agrícolas. Estes laços, a princípio, apresentam um inter-relacionamento de pessoas que praticam atividades e que atuam sobre um mesmo espaço.

A constatação de contato com o rural nestes distintos grupos de pessoas pode indicar para um eixo norteador capaz de colocar estes distintos grupos em uma posição análoga para a discussão do rural de Porto Alegre. Esta posição é encontrada por meio da percepção que estes grupos têm deste espaço.

3 PERCEPÇÃO DO ESPAÇO RURAL

Este capítulo apresentará e delimitará o corpo teórico que fundamenta esta pesquisa. Começa ancorando-se principalmente na abordagem de Merleau-Ponty (2006), apresentada na obra *Fenomenologia da Percepção*, em que são explicados os princípios da percepção. Em seguida, em um novo item, são apresentados aportes teóricos relacionados à percepção geográfica e, em alguma medida, à percepção do ambiente. Também, é feita uma discussão sobre o rural, onde é expresso o que se compreende como espaço rural. O último item destina-se a apresentação da Análise de Discurso enquanto uma ferramenta para a interpretação e análise de trechos onde constam percepções.

3.1 A PERCEPÇÃO

Nossa vista sobre o homem restará superficial enquanto não remontamos a esta origem, enquanto não encontramos, sob o barulho das palavras, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A palavra é um gesto e sua significação um mundo. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 194).

O recorte teórico sobre a percepção foi elaborado inicialmente a partir do embasamento proposto por Merleau-Ponty (2006) na obra *Fenomenologia da Percepção*. Este autor adota uma concepção de filosofia denominada fenomenologia e busca por uma compreensão inovadora de ver o mundo.

Pode-se dizer que segue as trilhas do trabalho sobre Fenomenologia de Edmund Husserl, principalmente. A partir dos pressupostos de Husserl, mas também de outros autores, Merleau-Ponty (2006) se dedica ao estudo orientado à compreensão de como o sujeito percebe o mundo.

Segundo Merleau-Ponty (2006), a fenomenologia é uma filosofia que busca localizar a essência. Esta essência está na existência. Ainda, a fenomenologia consiste em uma tentativa de explicação da experiência tal como é. Deste modo, a sua maneira de filosofar depende de uma articulação com uma existência concreta.

Para ele, a tarefa da fenomenologia é descrever e não analisar. Esta descrição ocorre através de um retorno ao mundo vivido, que é base para a ciência e para o conhecimento. Merleau-Ponty (2006) cita que, neste retorno ao mundo vivido, a supremacia é dada ao mundo exterior, ao invés da consciência, pois os objetos exteriores não aguardam a consciência sobre eles para que venham a ocorrer fenômenos.

A percepção faz parte da compreensão dos fenômenos do mundo, é a capacidade própria do homem de entender partes do mundo exterior baseando-se em suas experiências. Não se trata de análise, mas uma característica que mostra como o mundo é e fornece informações para a apreciação. Conhece o mundo antes de fazer as reflexões, constituindo o sujeito encarnado localizado anteriormente a uma análise. Representa-se nas opiniões, atitudes e em todas as diferenciadas esferas da vida de uma pessoa (MERLEAU-PONTY, 2006).

A percepção é a capacidade que o homem tem de fazer aparecer, a partir de objetos, de suas configurações e do seu sentido, o que é próprio a eles. O que é uma característica dele. O que esteve sempre aí e sobre os quais em determinado momento é projetada a capacidade perceptiva que é própria do homem (MERLEAU-PONTY, 2006).

Possibilita uma abertura para o mundo, sendo que este passa a ser o local onde são realizadas todas as percepções. Ela acontece por meio de uma relação com o mundo (CHAUÍ, 2004). De um direcionamento dos sentidos para determinado local ou ponto, em um ato automático. A partir da atenção, a percepção permite contemplá-los e torná-los compreensíveis. Com esta contemplação, o local ou ponto passa a perder o caráter de desconhecido, ou mais ainda, de não identificado. O que anteriormente era não identificado, pois sequer havia menção que um dado ponto existisse estando “invisível” aos olhos, passa a existir e a ter uma forma a partir do corpo.

A percepção é este momento em que se pára e, sem dar-se conta, se observa um ponto ou local estando absorvido por ele, compreendendo-o. Conforme Merleau-Ponty (2006), o processo perceptivo acontece naturalmente sem que se tenha necessariamente uma consciência do ato de perceber. Isso quer dizer que quando se está percebendo, como por exemplo, uma mesa sobre a qual se escreve, a percepção envolve o escritor de tal maneira que este não vem a perceber-se percebendo-a. Quando ocorre o ato da percepção é de tal forma imperceptível que ao tentar percebê-lo, a interpretação ocorre sobre algumas sensações não mais sobre a mesa. Segundo o autor, é através de exercícios de percepção naturais que se aprende o mundo.

Deste modo, o ato perceptivo é a capacidade de dar sentido aos objetos e às situações que se visualiza e se experimenta. Esta capacidade perceptiva cria de um só golpe com a

constelação de dados o sentido que os une. Os objetos, ou dados, tem um sentido em sua própria existência. Por isso, não passam a ter um sentido com a percepção (MERLEAU-PONTY, 2006).

O sentido que há em um conjunto de dados, interpretado por meio do ato perceptivo, constitui-se numa identificação e compreensão do corpo, localizado no mundo, dos dados presentes neste mundo. Esta concepção do ato perceptivo se afasta da empirista e intelectualista, pois não a entende como baseada em um estímulo pontual do contexto externo sobre algum dos “receptores isolados e justapostos” das pessoas, originando sensações pontuais que, posteriormente, se somariam em um corpo de sensações que formariam percepções. Na verdade, a percepção não se origina desta soma, ela percebe os dados do mundo dotados de sentido em sua totalidade (CHAUÍ, 2004, p. 134).

Estes dados que possuem um sentido em si mesmos podem ser interpretados por cada pessoa de diferentes maneiras. Há esta maneira particular de percepção porque cada pessoa vivenciou uma gama de experiências distintas durante sua vida (MERLEAU-PONTY, 2006). As diferentes experiências estão ligadas a trajetória de vida, à cultura, ao local de residência, ao contexto social e atual a que está inserida, marcando a forma que a pessoa tem de interpretar. Deste modo, as distintas experiências conformam uma maneira de perceber diferente.

A percepção é uma constante na vida das pessoas, pois, segundo Gibson (1950), como sujeito, é possível perceber constantemente o mundo e a ele atribuir novos sentidos e valores. Na medida em que a atenção, que é própria da percepção, repousa sobre determinado objeto, seu sentido vai aparecendo e, configurado-se com o que já foi experienciado, proporciona seu reconhecimento. Este ato de (re)conhecimento percebe e atribui um sentido às coisas e posteriormente retoma experiências anteriores na forma de lembranças. E, neste processo, de ir para o mundo o voltar-se para si, a memória vai sendo (re)configurada conforme os sentidos percebidos no presente.

Os atos das pessoas, as criações humanas, pressupõem a percepção, pois ela é o primeiro contato que se tem com o mundo. A capacidade de orientação em um dado ambiente carregado de códigos e formas é definida como segunda percepção ou empírica. Esta não é a percepção que fundamenta nossa verdade, mas mascara o fenômeno fundamental. É cheia de aquisições antigas, carregada de noções feitas por experiências anteriores e se “joga” sobre a superfície do corpo. Representando-se possibilita a orientação para a locomoção e realização de objetivos em um mundo cheio de sentidos interpretados (MERLEAU-PONTY, 2006).

A percepção interpreta os sentidos que os objetos têm. E a percepção segunda é o resultado desta “primeira” percepção que torna a pessoa apta a realizar ações em um mundo de objetos sem necessariamente percebê-los novamente.

A existência da percepção segunda está ligada ao fato de que em vivências diárias não se tem em consciência tudo o que já foi percebido. Algumas percepções são esquecidas para dar prioridade as que mais importam em determinados momentos. Se houvesse possibilidade de uma consciência total, a opacidade característica do processo de percepção desapareceria (MERLEAU-PONTY, 2006).

Considerando o exposto acima, observa-se que a percepção dá acesso ao que é tido como verdade para a pessoa, constituindo-se na fundamentação em que os atos se destacam assim como pressuposta por eles. As diferentes experiências por que passa a pessoa e o ambiente cultural no qual está inserida fundamentam suas atitudes, valores e interesses. Ainda, as experiências contextualizadas em um meio social proporcionam diferentes visões de mundo. Assim, a percepção está na base da compreensão, fornecendo também os substratos para os valores e visões de mundo (TUAN, 1980). Está presente em todas as experiências humanas envolvendo a vida social, como a moral e os costumes, e a forma como uma determinada sociedade dá sentido ao mundo em seu entorno, possibilitando orientação no campo das ações cotidianas e técnicas (MERLEAU-PONTY, 2006).

A orientação em um espaço se dá a partir das percepções que foram obtidas no momento em que foi experimentado. A experiência possibilita também que se possa fazer uma descrição do espaço que circunda uma pessoa. A descrição do espaço circundante de uma pessoa demonstra quais são suas percepções sobre este e aponta as ações permitidas.

3.2 PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA E AMBIENTAL

As experiências de pessoas relacionadas com espaços, lugares ou mesmo paisagens mostraram-se como um tema de pesquisa conveniente por fornecer subsídios para a explicação de relações e projeções destas sobre determinadas unidades territoriais. Também, conduzem a esclarecimentos da conduta do homem sobre um delimitado espaço, além de um afinamento na compreensão das relações do homem com outros grupos humanos e com a natureza. Estas percepções proporcionam um maior entendimento sobre a natureza própria da

pessoa e possibilitam o surgimento de uma preocupação com o desenho do espaço e lugar disponíveis para se viver (XAVIER, 2007).

A corrente perceptiva que desenvolveu pesquisas na geografia, mais especificamente na geografia humanística, ancorada na fenomenologia e no existencialismo, valoriza a experiência do homem em seu meio. A partir de estudos pioneiros de pesquisadores canadenses interessados em estudar os valores e as atitudes que as pessoas tinham relacionados aos lugares, como Yi-Fu Tuan e Edward Relph na segunda metade do século XX, começaram a se desenvolver pesquisas nesta área. Estas pesquisas partiram de “preocupações em se conhecer e explicar as atitudes e os valores das populações em relação aos lugares” (XAVIER, 2007, p. 28).

Existem autores que trabalham com a identificação de experiências, que refletem percepções sobre o ambiente. Para Souza (2009), o ambiente é visto como tudo o que cerca o homem incluindo ele próprio, onde os elementos naturais e sociais estão em interação e relações dinâmicas. As atitudes de agricultores familiares são reflexos de suas percepções influenciadas pelo ambiente, pois a percepção, além de conter os elementos perceptivos de cada pessoa, é influenciada pelo meio, por um mundo onde os “sujeitos perceptores estão inseridos e são constantemente influenciados” (SOUZA, 2009, p. 46).

Na percepção geográfica as diferentes relações que as pessoas são capazes de estabelecer com um dado ambiente originam um saber sobre ele que é denominado conhecimento geográfico. Relph (1979, p. 1) argumenta que, ligado ao conhecimento geográfico, existem fenômenos de experiência que são “a substância de nossos envolvimento no mundo”. Para o autor, as interações variadas e contraditórias com espaços, lugares e paisagens combinam as qualidades e aparências destes com modos e atitudes de cada pessoa.

Para Relph (1979), geograficidade refere-se a todas as relações estabelecidas pelo homem com o espaço, lugar e paisagem, e as relações existentes entre estes. Relacionando-se “às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais [...]” (RELPH, 1979, p. 18). Denomina sensações que são originadas no homem em seu contato com o mundo, em seu estar no mundo. Neste termo, ficam guardadas todas as respostas que as experiências nos ambientes proporcionaram antes de sua análise e atribuição de conceituação.

Na constituição da ciência da geografia, onde a geograficidade se faz mais presente, há a presença do “ponto de vista” de cada sujeito que forneceu subsídios para conformação de conceitos. Esta marca da subjetividade das pessoas, exposta por suas interpretações, não

fornece instrumentos para uma deliberação “pura”. É impossível fugir desta subjetividade, pois a única forma de nomear e qualificar o mundo é através da percepção que é particular de cada pessoa (RELPF, 1979). Apesar desta diversidade existir, as formas de apreender o mundo ou as noções de geograficidade não podem ser consideradas incorretas, pois todas as pessoas obtêm, durante sua história de vida, um pouco de conhecimento “verídico” sobre diferentes aspectos (MERLEAU-PONTY, 2006).

A totalidade de experiências que compõem a geograficidade deve existir simplesmente para proporcionar a sobrevivência de pessoas no ambiente por elas escolhido para viver. Por ser tão necessária no mundo vivido das pessoas, ela se encontra, na maioria dos momentos, submersa em nosso inconsciente, mas tomada como certa. A realidade geográfica exige o envolvimento do indivíduo através de suas emoções, seus hábitos e seu corpo, o que leva a ocultação de sua existência, não sendo constante na consciência. Por isso, conforme Relpf (1979), ela é mais vivida do que expressa.

As sensações obtidas ao se observar uma paisagem ou ao se vivenciar um espaço compartilham de noções que se aproximam da geograficidade, visto que são vividas mas, muitas vezes, deixam de ser expressas pela dificuldade de sua enunciação. Isso porque “as experiências íntimas, quer com pessoas ou coisas, são difíceis de comunicar” (TUAN, 1983, p. 163).

No entanto, a dificuldade de expressão destas sensações não as impossibilita de serem descritas, pois podem ocorrer similaridades com as sensações de outras pessoas. “A experiência dentro de um grupo humano se superpõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para seus pares” (TUAN, 1983, p. 163), indicando que até mesmo uma observação em circunstâncias excepcionais pode ser compartilhada.

Existem momentos em que a sensação de geograficidade pode aparecer mais ativamente no consciente das pessoas. Isso ocorre quando estas se deparam em um meio onde as interações estabelecidas não são as habituais. “Nesse momento há um despertar da consciência e uma direção da atenção aos espaços, paisagens e lugares, e aos problemas e qualidades que nos apresentam.” (RELPF, 1979, p. 19).

Ainda, a geograficidade vem assumir diferentes “cores”, dependendo da forma como as pessoas se dirigem a coisas e às outras pessoas. Ela assume um caráter agradável quando, conforme costumes e atitudes da pessoa envolvida na experiência, há estímulo, relaxamento e possibilidade de sentir locais com prazer. Do contrário, quando as experiências vivenciadas não trazem conforto ou induzem à ansiedade e à depressão, aparecem para as pessoas como desagradáveis (RELPF, 1979).

As formas diferenciadas como as pessoas se relacionam com seu meio, em um mesmo contexto, podem apresentar um fenômeno complexo e com muitas formas. Apesar do aspecto complexo que a geograficidade assume, para Relf (1979) uma característica mais importante é a sua mutabilidade, forçada por experiências, agradáveis e não agradáveis, que rapidamente são submetidas ao inconsciente, da mesma forma que outros aspectos comuns da vida cotidiana.

Tuan (1983) cita que a vida cotidiana das pessoas constitui-se de uma realização praticamente despercebida. Para o autor, o real é sentido como sendo importante para as pessoas, mas passa sem chamar atenção. As pessoas vivem em um lugar e muitas vezes, quando tentam traçá-lo, precisam sentir um mundo fora de si, mesmo estando constantemente nele.

A forma como o homem experimenta e entende o mundo parte de duas concepções relacionadas que derivam do ambiente: espaço e lugar. Uma das bases dos significados e da organização do espaço e do lugar pelo homem é a cultura. Também, considera a influência de aptidões gerais do homem, suas capacidades e necessidades, como sendo permeadas pela cultura (TUAN, 1983).

A diferenciação entre espaço e lugar pode iniciar através do apontamento de diferentes qualidades que estes assumem. Segundo Tuan (1983), o primeiro é liberdade e pode dar a sensação de amplitude; um espaço sem limites para as pessoas que o vivenciam. Já, o segundo aponta para um sentimento de segurança e familiaridade, na medida em que traz identificação.

Um espaço pode vir a se tornar um lugar na “medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). Estes dois termos também estão entrelaçados, já que uma idéia não pode ser definida sem a outra.

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é a pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6).

As maneiras como as pessoas sentem e conhecem espaço e lugar, utilizam das experiências definidas como “diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, p. 9).

No uso do espaço pelo homem para o seu lazer, as relações com os lugares/espços turísticos “processam-se a partir da percepção que deles os indivíduos têm, das atitudes neles tomadas e dos valores a eles atribuídos” (XAVIER, 2007, p. 33). A variedade de percepções que podem existir de um espaço/lugar turístico indica que mesmo dentro de uma mesma unidade territorial, podem existir diferentes formas de utilização para o lazer e para o turismo.

As interfaces que podem existir entre as diferentes categorias de turismo indicam, no rural, um conjunto de atividades diferenciadas que envolvem o turista com os agricultores familiares na participação de atividades típicas deste espaço. No inter-relacionamento do turista com as atividades agrícolas de uma propriedade rural de pequena escala, típica do turismo rural, pode ser marcada pela venda de produtos artesanais e rurais para os turistas (BRICALLI, 2005).

Esta forma de ocorrência do turismo, baseada na busca pelo conhecimento do rural, de práticas agrícolas e de produtos, indica algumas das experiências que podem ser realizadas em um dado espaço rural. Para compreender as experiências e mais ainda os resultados destas experiências relacionadas com o espaço rural é fundamental delimitar o que é este espaço.

3.3 ESPAÇO RURAL

Os delineamentos sobre o conceito de rural iniciam pela contextualização que parte do enfoque que considerava somente as atividades agrícolas presentes neste espaço. Este enfoque emergiu em uma situação onde o fornecimento de alimentos para as cidades era marcado como principal função do rural (KAGEYAMA, 2008).

Conforme esta perspectiva que considerava o rural fortemente conectado com o agrícola, eram passíveis de observação por agentes externos os aspectos do rural que estivessem ligadas com esta produção. Deste modo, era destacada a baixa densidade populacional e a regência dos fenômenos naturais nas criações e principalmente sobre os cultivos agrícolas. A condição de baixa densidade populacional era associada com ausência de bem estar e condições culturais atrasadas (GOMÉZ, 2001).

Estes fenômenos, observados conforme uma concepção de modelo de desenvolvimento, caracterizavam o rural como carência de serviços, infra-estrutura básica e níveis de escolaridade extremamente baixos. Neste ponto, a cidade contrastava com estas situações indesejáveis para se viver encontradas no rural, pois as estruturas que eram carentes

neste meio eram assim percebidas quando feita uma comparação entre estes mundos. Neste sentido, a cidade assumia o posto de local onde estavam supridas as necessidades para uma vida moderna conforme padrões de qualidade estipulados. Segundo Gómez (2001, p. 2), o conceito de rural como agrícola “[...] *se expresaba a través de la existencia de un ‘sector’ rural, que viene a ser una construcción social residual sobre lo que se define positivamente como lo urbano y lo moderno*”.

Esta noção de rural como espaço de atividades agrícolas derivava de uma concepção mais ampla que compreendia o desenvolvimento como progresso. Seguindo esta forma de conceber o desenvolvimento, o progresso da sociedade estava associado a uma evolução natural que caminhava da agricultura para a indústria, do campo para a cidade, do tradicional para o moderno. Por um percurso que levava as sociedades tradicionais para a moderna sociedade conforme uma menção de que este era o único caminho a ser trilhado, independente de características econômicas e da forma como as diferentes sociedades estavam organizadas (GOMÉZ, 2001). Esta concepção determinou fortemente políticas públicas orientadas para acelerar um processo de modernização nas sociedades tradicionais.

Entretanto, na segunda metade do século XX, entrou em crise este modelo de desenvolvimento produtivista que influenciou economias em todo mundo. Por conseguinte, passa a ser questionada a visão de rural como espaço restrito a produção agrícola. Os questionamentos e a procura por novas interpretações clarearam a lente posta sobre o rural permitindo que imagens antes pouco claras ou “invisíveis” aparecessem nas pesquisas e observações de agentes que, de distintas formas, se interessavam por este meio (GOMÉZ, 2001; PIRES, 2004).

A nova perspectiva lançada sobre o rural faz aparecer alguns fenômenos que não ganhavam destaque e nem eram percebidos como importantes para o rural. Estes fenômenos do rural, desempenhados antes mesmo dos questionamentos sobre o modelo de desenvolvimento, “passaram a ter mais visibilidade e importância seja em nível das políticas públicas como nas formas de interpretação do rural” (PIRES, 2004, p. 155).

Segundo Pires (2004), além de ser um local de produção o rural já era um local de consumo. Em algumas regiões rurais brasileiras já se desenvolviam e tinham como base a prática do turismo. Na região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul, as atividades não agrícolas conciliadas com atividades agrícolas já eram desempenhadas entre famílias de agricultores como uma forma de complementar a renda agrícola. Um fenômeno que não decorreu da modernização da agricultura (SCHNEIDER, 2000). Entretanto, frente aos

constrangimentos do modelo de produção agrícola, estas atividades se tornaram determinantes para a sobrevivência dos agricultores familiares (GOMÉZ, 2001).

Ao mesmo tempo em que estas atividades começaram a aparecer nas pesquisas sobre o rural, tornando a imagem do rural mais complexa e diversificada, a nova perspectiva adotada para o estudo deste espaço fez emergir e colocou em pauta as mudanças trazidas com a modernização da agricultura. Dentre estas transformações, as mais visíveis eram ligadas ao aumento da produção agrícola e alteração de sua base tecnológica, a diminuição populacional e o crescente impacto ambiental (SCHNEIDER, 2000).

Além das alterações trazidas com a introdução do modelo modernizante da agricultura e das atividades não agrícolas desempenhadas por atores rurais, existia no rural relações com o seu entorno que permitiam formas de atuação de instituições públicas e privadas. Outro fenômeno, mais recente, que interferia na realidade rural era a valorização de formas menos artificiais de vida que exerciam atração em moradores de cidades para constituir residência fixa ou secundária em espaços mais naturais (GOMÉZ, 2001). Ocorria o consumo do rural em bens simbólicos e materiais e em práticas culturais reconhecidas como deste espaço (CARNEIRO, 1998).

Assim, a influência do contexto de questionamentos sobre os rumos do desenvolvimento e as transformações e descobertas demonstraram que o agrícola não era o único componente do mundo rural. Conforme uma visão de rural como agrícola as transformações da modernização e as diferentes formas de reprodução do núcleo familiar se concentravam as margens de conceituação. Estes indicativos apontavam à necessidade de superação da conceituação de rural como agrícola, pois como foi citado acima, o rural era um espaço diversificado.

A partir daí começaram a se desenhar diferenciadas interpretações e conceituações sobre o “novo” rural. Estas recentes abordagens se dão em um mundo cada vez mais internacionalizado onde as relações políticas e econômicas em nível mundial traçam influências de forma generalizada. Influenciando o funcionamento e regulação da produção agrícola e a valorização do rural (WANDERLEY, 2000).

Neste contexto de enlaçamento de economias em nível global, os fatores externos são considerados uma vez que produzem efeitos sobre o rural. Os mercados de distintos países e a oscilação de preços dos produtos agrícolas, apenas para exemplificar, determinam orientações e prováveis mudanças sobre o mundo rural. Por isso, apesar de na maioria das vezes não serem citados, estes fatores se encontram presentes nas entrelinhas das interpretações sobre este espaço.

Considerando (indiretamente) a presença deste determinante mundial, Gómez (2001) propõe uma compreensão para a ruralidade. Esta compreensão abarca as diversas atividades presentes no rural e, conforme a sociologia, considera as relações sociais. Está baseada em três dimensões cumulativas. A primeira destas dimensões comporta as inúmeras atividades realizadas em espaços rurais: agricultura, artesanato, pequenas indústrias, pesca, extração de recursos naturais e turismo rural. E os serviços onde são empregadas atividades relacionadas à saúde, educação e transporte.¹ Estas inúmeras atividades que estão no rural, mostram o quão diversificado está atualmente. São desempenhadas em um espaço onde a densidade populacional é relativamente baixa.

A esta dimensão é conciliada outra que pressupõe os espaços rurais como espaços suficientemente pequenos onde os membros de um pequeno grupo estabelecem relações pessoais entre si. As relações pessoais são marcadas pela confiança e por normas que estipulam condutas. Podem ocorrer desavenças entre as pessoas, no entanto, as relações são pessoais. Estes moradores são residentes do local há um tempo relativamente longo e por isso tem uma história que se relaciona com o espaço ocupado e com os residentes vizinhos. Considerando mais estas características, Gómez (2001, p. 11) cita que “[...] *lo rural, en definitiva, a pesar del proceso de globalización en marcha, es una de las condiciones que permite mantener algunos rasgos de identidad frente a las fuerzas globales y homogéneas que se expresan a través de los medios de comunicación, del consumo [...]*”.

Além destas relações sociais internas ao pequeno grupo da comunidade, ocorrem interações com pessoas que são externas, mais especificamente com pessoas residentes em áreas urbanas. A terceira dimensão proposta por Gómez (2001) considera que o rural está presente em alguns espaços urbanos quando há relações pessoais entre os residentes de ambos os espaços. Em localidades pequenas estas relações são mais intensas. A intensidade destas relações diminui progressivamente à medida que o número de habitantes das localidades vai aumentando. Não deixando de existir, no caso chileno, nem mesmo em capitais provinciais.

Os graus de integração de membros do rural e do urbano variam conforme o acesso a serviços e mercados que tem a população rural. Ocorre integração também quando as pessoas saem do seu mundo, rural ou urbano, para trabalharem no outro mundo. Entretanto, neste caso, é necessário considerar o contexto e se existem relações pessoais no local de trabalho ou no caminho até ele. Quanto maior esta integração entre pessoas do rural e do urbano maior a chance de se criar condições para as relações pessoais predominarem. A integração que ocorre

¹ Estas atividades são sugestivas podendo serem outras dependendo de cada espaço rural analisado (GOMÉZ, 2001).

entre estes dois mundos, não se caracteriza por uma objetividade definida em polaridades onde “há” ou “não há” integração, acontecendo em diferentes tonalidades.

Conforme as considerações propostas por Gómez (2001) pode-se compreender o rural atualmente como um espaço marcado pela presença de diversas atividades dos distintos setores primário, secundário e terciário onde são estabelecidas relações próximas imbuídas de pessoalidade entre o grupo de moradores de determinada localidade rural. As relações pessoais, em diferentes intensidades, se estendem para o meio mais urbanizado quando há interações com os residentes deste espaço.

Considerando esta interação, Carneiro (1998) cita que a intensificação de diferenciadas trocas por meio de relações que passam a ocorrer entre atores residentes nestes distintos espaços trouxeram alterações em ambos os locais. Estas alterações não se caracterizam por uma homogeneização entre estes espaços, mas fazem aparecer, nos espaços rurais, aspectos antes restritos a cultura urbana industrial. Estes aspectos são aceitos no rural observando-se um equilíbrio mediado pela identificação de necessidades para a sobrevivência da família. Neste sentido, as relações que são estabelecidas entre o rural e o urbano não determinam que traços tradicionais de populações rurais sejam perdidos em detrimento a cultura urbana (WANDERLEY, 2000).

No caso de Piracaia, município localizado na região metropolitana de São Paulo, agricultores tradicionais e de origem japonesa especializados na produção de olerícolas adaptam-se às exigências do mercado externo para garantir a sobrevivência conforme a categoria de agricultores familiares. A adaptação resulta em um misto de atividades classificadas como tradicionais e modernas. Além disso, são adotadas estratégias vinculadas à adoção de atividades não agrícolas, aplicação de rendas em mercado financeiro e os recursos provenientes da aposentadoria. A interação estabelecida com o entorno os coloca em contato com determinado conjunto de informações da sociedade capitalista industrial que questiona, restringe, modifica ou substitui o saber tradicional (ECHEVERIA, 1993).

A tensão socioeconômica cultural que estão inseridos marca-os atualmente com a “presença de alguns valores-chaves da ética camponesa” e pelas “faces modernas, que representam tanto aspectos da modernidade que se inserem em suas vidas locais, tais como novas técnicas e lógicas de produção, como suas inserções nessa realidade, expressas pela sua participação em mercados externos” (ECHEVERIA, 1993, p. 188).

Deste modo, a proximidade entre centros urbanos e áreas rurais determina alterações na organização interna da propriedade rural e nas suas relações com o exterior. Entretanto alterações impostas pelos códigos industriais e urbanos não chegam a transformar

completamente os espaços rurais. Isto demonstra que a manutenção de tradições culturais não é incompatível com a sociedade modernizada, mas que o encontro entre o tradicional e o moderno deve ser encarado “como uma nova fase” de coexistência de culturas diferentes (CARNEIRO, 1998, p. 2).

As sensações, percepções provenientes de experiências relacionadas com espaço rural e originadas da interação de pessoas residentes em mundos distintos, podem ser narradas revelando até mesmo as impressões mais íntimas. Apesar desta possibilidade, Tuan (1983, p. 162) cita que as expressões elaboradas pela mente podem não ser originais. Neste caso, “[...] as intimidades efêmeras [...] da experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia” de aquisições anteriores que podem não estar relacionadas com a sua percepção. As sensações podem ceder lugar, quando faladas, ao que socialmente é mais aceito e por isso podem não aparecer diretamente ou serem mescladas com impressões de outras pessoas e textos.

3.4 PERCEPÇÃO E DISCURSO

A fala de uma pessoa carrega um conjunto de impressões originadas em experiências próprias da pessoa. Isto é a percepção. Mas também pode trazer informações que são simplesmente repercutidas de discursos originários de fontes diversas. Baseando-se neste fato de que uma fala pode conter dados originários da experiência e dados provenientes de textos elaborados em outros contextos, que não o diretamente experienciado, este item destina-se a uma discussão envolvendo a distinção entre percepção e discurso.

Pode-se pensar, inicialmente, que a representação que determinada pessoa possui de um espaço aparece por meio de um discurso, quando este é entendido como exposição de idéias. Entretanto, existem mais perspectivas ligadas ao discurso.

Uma destas perspectivas entende que um discurso em sua explanação de idéias, traz consigo uma junção de outras idéias originadas em determinadas fontes, podendo ser repetidas ou ter alguns dos seus sentidos alterados. Este viés denominado de Análise de Discurso² constitui-se em uma ferramenta teórico-metodológica que busca identificar quais são as diferentes fontes que estão por trás de um discurso (ORLANDINI, 2003).

² A discussão que seguirá sobre a Análise do Discurso foi elaborada conforme perspectivas teóricas de autores franceses Michel Foucault e Michel Pêcheux e as interpretações de autores brasileiros das obras produzidas por

Porém, antes de partir para as descrições relacionadas ao discurso, é importante fazer um esclarecimento: não se pretende trazer todos os conceitos teóricos da Análise do Discurso, pois ela não foi aplicada em sua totalidade. Apenas foi utilizada a ferramenta de seu leque teórico-metodológico mais adequada em função dos objetivos traçados.

Como já visto, a percepção é um processo de apreensão do mundo a partir dos dispositivos sensoriais e cognitivos de cada pessoa. Pode ser influenciada por outros fatores, como a conjuntura social nas distintas interações, acarretando interferências na forma de perceber. Em uma interação social, ao se escutar a expressão de um pensamento, vai-se captando o sentido. O sentido do pensamento do locutor vai ficando claro para o ouvinte na medida em que o arranjo de palavras formulado por aquele é percebido por este. A escuta da fala permite o entendimento do pensamento, através de um poder que o indivíduo tem de compreender “o pensamento do outro através de sua fala” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 189).

Não se trata de dizer que antecipadamente o ouvinte escutar já se tem no seu inconsciente todos os sentidos para interpretar uma fala – o que presumiria que não seria necessário haver comunicação entre as pessoas para apreender, pois já se saberia de tudo. Na verdade, a pessoa compreende para além do que já vivencia espontaneamente ou cotidianamente. Quando se depara com um texto diferente, ou difícil, suas significações aos poucos vão se transformando em realizações novas (MERLEAU-PONTY, 2006).

A capacidade de percepção a partir dos sentidos, do cognitivo e motivada por textos externos as nossas formulações, faz com que as noções criadas pelos diferentes sujeitos sejam um reflexo de seu próprio aprendizado mesclado com os aprendizados compartilhados por outros sujeitos. De modo que, nas falas, há um campo de regularidade onde diferentes posições de subjetividades estão presentes. Vive-se nesse mundo da linguagem e da intersubjetividade, no qual não há distinção com o próprio mundo. O mundo aparece desta forma e é no interior deste mundo falante e falado que se reflete (FOUCAULT, 2007).

Uma fala proferida por uma pessoa sobre determinado tema é marcada por uma síntese de suas experiências (MERLEAU-PONTY, 2006) e pode ser determinada por formações discursivas. Estas formações discursivas funcionam como regras que podem orientar a fala para que tenha um sentido desejado. As formações discursivas são o próprio sentido do discurso, são as relações feitas para que o discurso seja lógico dentro de um contexto (ORLANDINI, 2003).

este segundo autor, principalmente. Esta perspectiva relaciona história e lingüística (FOUCAULT, 2007). Preocupa-se com a interpretação de textos e identificação de discursos construídos. Buscando entender o discurso como produção de sentidos entre interlocutores (MURILLO, 2004).

Segundo Foucault (2007, p. 132), discurso é “um conjunto de enunciados na medida em que se apóia na mesma formação discursiva”. Ele é sempre pronunciado no interior das forças existentes em um campo político dado e conforme determinadas condições de produção. Estas características interferem no sentido dos enunciados e contribuem para uma mudança ao longo do tempo nos discursos. Uma formação discursiva é a dispersão de certo número de enunciados emitidos conforme uma regulação.

Os enunciados são grupos de temas que são falados por um sujeito conforme a mediação de sentido da formação discursiva reproduzida e as situações particulares do momento desta emissão. Entretanto, podem ocorrer casos de um discurso proferido por um mesmo sujeito apresentar enunciados que se filiem a formações discursivas diferentes. Isso ocorre porque o sujeito é livre para escolher à qual formação ou quais formações discursivas quer se identificar (BORBA, 2006).

A Análise de Discurso enquanto uma disciplina de interpretação utiliza ferramentas teóricas e analíticas para interpretar o discurso proferido por um sujeito, considerando processos de produção de sentido e a constituição dos sujeitos em suas posições (GILL, 2002).

Importante esclarecer que, apesar da análise de discurso e dos aportes teóricos da percepção utilizar a palavra sentido, as definições que são dadas nestes casos se diferenciam. Para a análise de discurso, o sentido envolve o contexto e a inserção social da pessoa. Ele é comparado a uma seção de enunciados que produzem uma lógica, um sentido, e passam a ser aceitos. Já, para a percepção, a noção de sentido está conjugada na relação da pessoa com o mundo. O sentido passa a existir, quando, a partir de uma experiência original, percebe-se qual o sentido de um dado em si e de sua presença no mundo.

O sentido de cada palavra existe dentro do sujeito aparecendo nos momentos em que se percebe externamente este sentido (MERLEAU-PONTY, 2006). A junção das palavras de formas diferentes conforme o sentido encontrado externamente traz um pensamento. Pensamento e a pronúncia da palavra acontecem juntos: “eles estão englobados um no outro, o sentido é tomado na palavra e a palavra é a existência exterior do sentido”. O pensamento busca nas palavras sua força de significação que lhes é própria. A fala é mais do que a designação de um objeto ou o aparecimento e comprovação de um pensamento, mais do que isso ela é “a presença deste pensamento no mundo sensível” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 192).

Deste modo, considerando o exposto até aqui, a fala de uma pessoa está circunscrita a dois aspectos: por um lado à vida social e ao contexto e, por outro a potencialidade da pessoa de gerir e modelar determinados assuntos e opiniões com as quais se defronta cotidianamente, gerando suas próprias configurações. Isso acontece a partir de uma experiência da pessoa

onde o discurso que fora abordado, fundamentado no conjunto de experiências de sua vida, produz uma representação sobre determinado tema. Indicando que, apesar das percepções serem individuais em cada pessoa, podem ser moldadas pelas falas emanados por outras pessoas e pelo contexto (MERLEAU-PONTY, 2006).

Entretanto, falas podem simplesmente replicar discursos. Sem que a exposição proferida seja uma percepção do enunciador. A averiguação de falas quanto ao caráter perceptivo ou discursivo pode ser elaborada pela Análise do Discurso. Grosso modo, esta perspectiva teórico metodológica observa um determinado texto/discurso buscando seus sentidos. Os sentidos do texto/discursos levam-no para um campo específico, onde está um produto maior de discursos com os quais compartilha os mesmos enunciados. Este campo específico é compreendido aqui como formação discursiva. Sendo assim, a análise do discurso identifica enunciados relacionados entre si e busca localizar qual a formação discursiva que reproduzem (GADET; HAK, 1990).

Esta ligação entre falas e discursos procede por meio de uma coincidência de sentidos dos enunciados proferidos por um determinado sujeito e enunciados sob condições estáveis e homogêneas característicos de uma formação discursiva (PÊCHEUX, 1990). Então, a análise de discurso percorre um caminho para unir enunciados com suas formações discursivas.

Até aqui é possível perceber que a compreensão dos sentidos em enunciados e formações discursivas compõe um dos elementos do “engate” que a análise do discurso busca elaborar, discutir e avaliar (INDURSKY, 1992). Com base nestes princípios da análise de discurso, um dos instrumentos de sua teoria foi escolhido como apropriado para a interpretação dos dados coletados. A noção de referência que é trazida por Pêcheux (1990) se relaciona com a obtenção, pelos sujeitos, de saberes pertencentes às formações discursivas. Estes saberes de uma formação discursiva são compreendidos como já-construídos. A apropriação por parte do sujeito de já-construídos de uma formação discursiva está ligada a sua inserção social.

Segundo Borba (2006), identifica-se a referência, a partir do paradigma teórico da Análise do Discurso, quando ocorre uma apreensão discursiva de já-construídos vinculados a uma formação discursiva. Ela acontece por meio de manipulação de saberes disponíveis para o sujeito com o objetivo de lhe proporcionar uma posição social. Com base nisso, a referência se constitui em um discurso anterior presente na retórica utilizada pelo enunciador.

Deste modo, um estudo sobre a referência pode almejar identificar as apropriações de discursos já-construídos feitas por sujeitos em uma formação discursiva previamente delimitada. Esta identificação se dá por meio de efeitos de sentidos. Os efeitos de sentido são

produzidos conforme a posição adotada pelo sujeito na relação com a formação discursiva (PÊCHEUX, 1990).

Os sentidos expressos pelo sujeito no discurso podem mostrar uma posição que concorda ou discorda de uma dada formação discursiva. Uma coincidência entre o sentido interno à formação discursiva, que aparece por meio de pré-construídos, e efeitos de sentidos produzidos por enunciados de sujeitos, indica que o discurso se identifica de forma plena com a formação discursiva (BORBA, 2006).

Deste modo, esta ferramenta de interpretação auxilia para que as percepções de diferentes sujeitos sobre determinados temas, locais e espaços sejam identificadas retirando-se enunciados baseados em formações discursivas anteriores ou outras. Por esta análise, identifica-se uma porção de texto coerente oriunda da experiência da pessoa relacionada com determinado tema (ORLANDINI, 2003).

O caminho a ser percorrido até a identificação de reprodução de uma dada formação discursiva por meio de enunciados é sugerida por Orlandini (2003). Segundo este autor, para a análise do discurso é necessário delimitar um dispositivo teórico e outro analítico. A seleção prévia do dispositivo teórico indica qual o campo de temas abordados em um determinado texto, onde posteriormente a análise do discurso irá agir. É ele que guia a leitura do analista no texto para a identificação de trechos que levam à solução da questão que norteia a pesquisa.

O dispositivo teórico previamente delimitado compõe um aparato sobre as percepções, especialmente sobre percepção geográfica. A percepção, ao mesmo tempo em que funda o nosso conhecimento sobre o mundo, representa-se por meio de atitudes e visões de mundo (TUAN, 1980). Ela é uma construção elaborada por diferentes experiências por que passou a pessoa ao longo do tempo de sua vida (MERLEAU-PONTY, 2006).

Estas características tornam a percepção diferente de um discurso. Os aportes teóricos sobre o discurso demonstram que este se trata de enunciados reprodutores de sentidos de uma dada formação discursiva. Estes enunciados são reproduzidos, permeados pela conjuntura social na qual está inserido o indivíduo. Já a percepção aparece rodeada pela *autoprodução* e pelo conhecimento adquirido por meio das experiências vividas próprias de cada pessoa.

Segundo Merleau-Ponty (2006), quando uma pessoa pensa sobre um assunto, um tema, um local, traz à mente sua percepção sobre aquilo. Assim, a percepção se diferencia de um posicionamento adotado por um sujeito em que, conforme as configurações sócio-históricas torna-se mais apropriado situar-se de maneira favorável ou contrária a uma formação discursiva.

Com base nesta definição buscou-se providenciar um instrumento que possibilitasse uma leitura mais aprimorada de trechos onde constem percepções. O que foi estruturado acima aponta que a Análise de Discurso dá o suporte desejado e se constitui em uma importante ferramenta para interpretação.

4 MÉTODOS DE PESQUISA

Nesta seção serão apresentados os métodos utilizados para a coleta de dados, identificação e análise das percepções do rural de Porto Alegre.

4.1 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Para uma pesquisa sobre opiniões das pessoas, coberta por suas subjetividades, o método empregado deriva de abordagens qualitativas já que estas buscam esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta, o que fazem e o que lhes acontece (FLICK; GIBBS, 2009).

Introspectiva à pessoa, a percepção necessita de instrumentos de identificação que percorram trajetórias de vida e ocupações atuais e, em alguma medida, o contexto a que determinado informante está inserido.

A etnografia consiste em uma primeira etapa da investigação cultural, utilizando diferentes técnicas para responder aos questionamentos sobre determinados aspectos de um grupo (BAZTÁN, 1995). O método de estudo etnográfico começou a ser esboçado junto a grupos humanos tradicionais, onde o interesse de pesquisadores era compreender a forma como viviam. Por meio da observação seria possível começar a entender melhor os costumes e tradições.

Apesar de etnografia ser traçada para estudos culturais em populações tradicionais, recentemente pesquisadores tem utilizado este método para compreender determinados comportamentos, independente de estes serem de pessoas de grupos tradicionais ou não. Segundo Flick e Angrosino (2009, p. 43), “[...] a pesquisa etnográfica pode ser realizada onde quer que haja pessoas interagindo em cenários ‘naturalmente’ coletivos”. Ela expandiu-se para estudar determinadas “comunidades de interesse” onde um grupo de pessoas compartilha de algum fator como, por exemplo, vivências similares.

A etnografia é um conjunto de técnicas de pesquisa baseadas em pesquisa de campo, aplicação de duas ou mais técnicas de coleta de dados, compromisso de longo prazo e é conduzida para possibilitar a maior aproximação possível da realidade (FLICK;

ANGROSINO, 2009). A pesquisa de campo realizada atendeu a estes requisitos da etnografia. Entretanto, existiram alguns limitantes que impediram a realização de uma etnografia de forma completa.

O principal limitante foi a quantidade de lugares onde seria coletados dados: a Feira Ecológica José Bonifácio, os roteiros turísticos dos Caminhos Rurais e as propriedades dos novos rurais. Estes diferentes campos de pesquisa não possibilitariam anotações detalhadas que originassem generalizações e explicações especificadas. Além disso, para o caso do Grupo 2 não se sabia em quantos roteiros seria possível participar, pois estes dependiam da demanda de turistas e era impossível prever em que quantidade ela existiria no período deliberado para a coleta de dados. Ainda, a coleta de dados foi realizada concomitantemente com os três grupos originando contínuo deslocamento por diferentes locais, dificultando as possibilidades de aprofundamento.

Além disso, outro requisito da etnografia exige um debate constante com os informantes durante a produção do resultado da pesquisa. O que não poderia ser atendido, pois os informantes não compunham um círculo de pessoas em contato direto e a identificação de percepções e elaboração da discussão exigia um trabalho individual (FLICK; ANGROSINO, 2009).

Deste modo, optou-se por utilizar algumas técnicas da etnografia, em uma aproximação ao método etnográfico. As técnicas da etnografia são agrupadas em três grandes categorias: entrevistas, observação e pesquisa em arquivo. Deixou-se de utilizar esta última técnica, já que as percepções dos grupos de informantes não iriam aparecer por meio da consulta a documentos arquivados, uma vez que elas se atualizam frequentemente conforme as novas experiências vivenciadas.

A técnica denominada como entrevista compõe uma forma de obter informações por meio de questões. Pode ser definida como uma maneira que se utiliza de questões para obter informações verbais de uma ou várias pessoas (CAUHÉ, 1995). Uma entrevista semi-estruturada utiliza perguntas relacionadas a campos de interesse. Este tipo de entrevista possibilita que, durante sua realização se possam fazer outros questionamentos que não estão contidas, necessariamente, no roteiro de questões. Estas outras perguntas são feitas com o intuito de clarear as respostas dadas pelos informantes, bem como para tirar dúvidas (CAUHÉ, 1995). (APÊNDICE B).

A observação é a capacidade que o homem tem de observar seu mundo e formular raciocínios sobre aspectos em geral. A observação participante em etnografia constitui-se em uma interação, em níveis diferentes, entre o observante e o/os observado/os. Esta observação

acontece num determinado espaço em que a modificação na lógica de ação destes últimos, devido à presença do primeiro, seja mínima (ARGILAGA, 1995).

Na observação participante o observador compartilha das vivências através de um contato direto. Ele tem um duplo propósito: estar imerso nas situações sociais condizentes com o estudo e observar de forma mais aprofundada possível a situação (VALLES, 1999).

O pesquisador pode observar conforme diferentes graus de envolvimento, sendo que ao assumir o papel de observador-como-participante “faz observações durante breves períodos, possivelmente visando a estabelecer o contexto para entrevistas [...]” (FLICK; ANGROSINO, 2009, p. 75). Neste tipo de observação, o observador relaciona-se com seus prováveis informantes como pesquisador.

Em outros momentos, quando o tempo de contato com as pessoas dos grupos da pesquisa for muito curto, a observação é feita sem que os colaboradores da pesquisa saibam que estão sendo observados. Neste momento, pode ser feitas anotações relacionadas com o tema da pesquisa (FLICK; ANGROSINO, 2009).

Os diários, ou notas de campo, são as anotações originadas da observação participante do período de campo. Estas anotações se dão de modo sistemático, ou seja, o pesquisador faz suas anotações breves depois da observação. Para não se esquecer de nada que viu, o pesquisador pode levar ao campo uma caderneta para fazer anotações (descrições condensadas) do que está verificando em sua vivência. Posteriormente, a partir de cada um dos escritos condensados, se faz uma descrição mais expandida, rica em detalhes, do que observou. Estas duas anotações são registradas rigorosamente conforme o que se viu. Neste sentido, a escrita deve corresponder fielmente ao que se vivenciou no campo (VALLES, 1999).

Segundo Flick e Angrosini (2009, p. 79), “[...] as observações continuam até alcançar um ponto de saturação teórica. Isto quer dizer que as características gerais das novas descobertas reproduzem consistentemente as anteriores”. Deste modo, a observação participante e novos informantes foram identificados e entrevistados até que ocorreu a saturação dos dados (DUARTE, 2002), no caso, as informações acerca das percepções do que é o rural de Porto Alegre começaram a repetir-se.

Com base nestas indicações teóricas e metodológicas traçou-se uma prática para a obtenção dos dados necessários para a pesquisa junto a cada um dos grupos de entrevistados.

4.2 O PERCURSO DO MÉTODO

A forma como se deu a coleta de dados junto aos grupos teve alguns pontos em comum. Porém, como os ambientes de cada um dos grupos eram diferentes, a prática da metodologia foi organizada de maneira em que estas particularidades pudessem ser contempladas.

A coleta de dados junto ao grupo de usuários da FEJB, Grupo 1, iniciou através de uma técnica de aproximação aos informantes por meio de agricultores, conhecidos da pesquisadora, que comercializam seus produtos neste local. Deste modo durante dois meses pode-se ficar junto à banca de uma das agricultoras, auxiliando nas vendas e coletando falas e comportamentos que poderiam auxiliar na compreensão da percepção dos usuários da feira do rural de Porto Alegre.

A escolha dos possíveis informantes para o caso do Grupo 1 foi realizada após um primeiro contato informal. Após este contato, foi verificada a possibilidade de realização da entrevista. Então, eram trocados dados (nome e telefone) e, em alguns casos, endereço e local onde iria ser realizada a entrevista. Entretanto, houve casos em que as pessoas se mostravam interessadas em participar, mas depois apresentavam dificuldades para o agendamento da entrevista.

Houve experiências em que o tempo do primeiro contato até a realização da entrevista ultrapassava o período de uma semana exigindo organização para encaixar a data da realização das entrevistas em horários não sobrepostos e que possibilitassem fazer a organização dos *bastidores*.

Era necessário organizar gravador Mp4 Sony, câmera fotográfica e fazer os escritos do diário de campo que exigiam muito tempo. Também era necessário ter em mãos os Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos (Apêndice C). Estes eram documentos em que constavam: os dados da pesquisadora e da instituição a que estava vinculada, os objetivos e procedimentos metodológicos, e um consentimento de participação em que era assegurada ao participante sua privacidade. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pela pesquisadora e pelo informante, ficando cada um com uma cópia.

A preferência para a realização da entrevista era na residência dos informantes, pois estes estariam em seu ambiente, o que possibilitaria conhecer um pouco mais estas pessoas além de elas poderem estar mais à vontade. Entretanto, quem decidia o local onde iria ser realizada a pesquisa era o informante, de modo que houve casos onde a entrevista foi

realizada em cafés, no Parque Farroupilha e ainda na feira, quando os informantes sugeriam aquele espaço.

Ao total a feira foi acompanhada durante nove sábados e foi entrevistado um mesmo número de usuários da feira. Nestes dias foi possível fazer anotações relacionadas à descrição do espaço da feira e da feira em si, além das relacionadas com os objetivos.

Para o caso do grupo de turistas, Grupo 2, dois roteiros organizados por diferentes agências de viagens¹ foram acompanhados durante os meses de junho e julho, quando a pesquisa de campo foi realizada. Entretanto, além destes passeios, foi possível acompanhar mais três visitas de outros grupos de turistas às propriedades de agricultores familiares do sul de Porto Alegre. Estas visitas foram acompanhadas sem participação “direta”, pois eram grupos de pessoas que se organizavam para o roteiro sem o auxílio de agências de turismo e que não estavam abertos à introdução de outros membros que não os de sua instituição.

O método de aproximação para uma provável entrevista e seu agendamento se deu da mesma forma que como foi estipulado para o Grupo 1. Logo após uma primeira conversa informal e com um agendamento para realização posterior. Os informantes deste grupo foram em número de cinco e em sua totalidade do sexo feminino. As entrevistas foram realizadas em locais públicos (salão comunitário, saguão de metrô e cafés) e na residência de uma delas.

O procedimento para a coleta de dados junto ao Grupo 3 foi diferenciado dos demais. Já se tinha o conhecimento de uma nova rural, sendo que os demais informantes deste grupo foram identificados ao longo da pesquisa de campo e por indicação. As observações que deram origem ao diário de campo junto aos novos rurais originaram-se principalmente das visitas às propriedades dos novos rurais quando foi feita a entrevista.

Em uma destas propriedades, o principal procedimento para a coleta de dados não se deu através da entrevista, mas sim através da observação participante. A proprietária comercializava seus produtos na FEJB e foi na banca dela que foram contatados todos os informantes da feira. Esta experiência formou um duplo contato com esta nova rural: a vivência em seu sítio, principalmente em dias em que estava organizando os produtos para a feira, e o trabalho conjunto na feira ecológica. Este convívio gerou muitas anotações relacionadas à percepção, dando origem às respostas das questões do roteiro para os novos rurais. Nos últimos dias, identificados os pontos faltantes da entrevista que não foram citados pela nova rural por meio da observação participante, as questões faltantes foram feitas diretamente.

¹ Foram duas as agências de viagem que organizaram os roteiros durante o período de coleta de dados: Webber Turismo e Tri Legal.

Foram coletados dados com sete novos rurais. Somados com os demais informantes totalizaram um número de 21 entrevistas.

4.3 A IDENTIFICAÇÃO DAS PERCEPÇÕES

Após as entrevistas serem gravadas e impressas em papel, originando mais de 300 páginas de dados, teve início a análise. Com base no dispositivo teórico perceptivo foram selecionados os trechos das entrevistas de cada um dos informantes onde constavam suas percepções acerca do rural de Porto Alegre.

Os trechos perceptivos foram selecionados por pertencerem a momentos da entrevista onde se faziam delimitações sobre o que é espaço rural de Porto Alegre para cada um dos informantes. Além deste critério principal também foram adotados alguns critérios secundários. Foram escolhidos os trechos onde era visível na fala e tom de voz do informante aspectos como profundidade, naturalidade e certeza; contradições em uma mesma resposta ou ao longo da entrevista e expressões da pessoa no momento de sua fala lembradas posteriormente.

Estes critérios permitiram a localização, nas entrevistas, dos trechos que compuseram o “corpus” discursivo da análise de discurso (INDUSRSKY, 1992). A partir desta identificação utilizou-se como base a ferramenta da Análise de Discurso denominada referência. A intenção, com a utilização desta ferramenta de análise, foi identificar quais falas compunham percepções e quais faziam parte de enunciados pré-construídos.

Os sentidos emitidos no “corpus” discursivo de cada informante foram colocados em comparação com os sentidos expressos dos enunciados pré-construídos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre (PDDUA). Este é um referente pré-construído, presente cotidianamente entre os habitantes da capital gaúcha e mesmo entre os residentes da região metropolitana. Apesar de não constituir a única fonte de enunciados em torno da área delimitada para estudo, foi escolhido por ser instrumento regimental do município. O Plano Diretor determina as formas de ocupação do território com vistas a proporcionar o desenvolvimento de Porto Alegre. Dita as regras e determina a constituição de moradias e estabelecimentos.

Então, a cada trecho do corpus perceptivo que compunha um sentido, o PDDUA era consultado para verificar coincidências que comprovassem uma reprodução idêntica. Este

trabalho foi realizado em todos os trechos perceptivos coletados do texto das entrevistas. Quando um trecho da entrevista se filiava plenamente ao discurso de referência, apresentando mesmo sentido, não compunha a percepção do informante. Isso permitiu filtrar as concepções ligadas aos aspectos perceptivos que apareceram nas entrevistas.

Com base nesta forma de identificação de discursos, frases de cada um dos textos ditados pelos informantes apareceram como não pertencentes ao discurso do PDDUA, pois não apresentaram mesmo sentido. Por isso, passaram a representar a percepção dos informantes sobre o rural de Porto Alegre.

5 PERCEPÇÕES DO RURAL DE PORTO ALEGRE

Neste capítulo, o rural de Porto Alegre é abordado através do mundo interior formado pela percepção de cada pessoa entrevistada. Este mundo interior, único, por vezes é parecido com outro mundo interior. Esta similaridade decorre das formas de criar o exterior no interior quando trilham por caminhos que levam a semelhanças em suas representações.

Antes de iniciar as descrições, é necessário esclarecer que, apesar de a pesquisa ser elaborada com grupos diferentes, com uma intenção de identificar as percepções de cada um destes, as expectativas iniciais quanto às similaridades de percepções entre os informantes de um mesmo grupo não se concretizaram. Ao longo da análise dos dados, os informantes pertencentes a um mesmo grupo foram apresentando diferentes percepções do rural de Porto Alegre. Deste modo, as características dos grupos que os diferenciavam e estão relacionadas à maneira como se relacionavam com o rural de Porto Alegre não demarcaram um conjunto de percepções similares.

Alguns dos informantes contatados em determinados grupos delimitados para esta pesquisa, ao longo da coleta de dados e após a realização da entrevista, apresentaram, na esfera de suas vivências e experiências relacionadas com o rural de Porto Alegre, contatos que ultrapassavam o consumo de produtos da FEJB, o turismo nos Caminhos Rurais e os locais próximos à residência no rural. Deste modo, o local onde foram contatados não determinou as relações que estas pessoas tinham com o rural de Porto Alegre. As categorias de percepções elaboradas após a análise dos dados são independentes dos locais onde os informantes foram contatados formando interpretações do rural que permeiam os diferentes grupos.

Ao final deste capítulo é apresentada a descrição das percepções do grupo dos novos rurais antes e depois de sua mudança para o espaço rural. Através da apresentação das categorias de percepções não é possível verificar prováveis mudanças de percepção e nem se as expectativas criadas com este espaço são confirmadas. Uma maneira de verificar isso foi consultar as pessoas que passaram a residir neste espaço, buscando a identificação da percepção anteriormente e posteriormente à mudança de residência.

5.1 OS LUGARES DO RURAL DE PORTO ALEGRE

A descrição das percepções do rural de Porto Alegre inicia com o aspecto agroecológico do lugar, passando na sequência para a explanação de lugar qualidade, isolado e contraste e, ao final, como lugar de liberdade.

5.1.1 Lugar Agroecológico

Esta primeira categoria percebe o rural de Porto Alegre como um local de produção ecológica citando a dimensão agroecológica do lugar. Para o caso desta categoria composta por dois entrevistados, a percepção de local agroecológico reflete uma opção pessoal de cada um dos entrevistados em consumir estes produtos. Adquirem alimentos mais saudáveis produzidos no rural de Porto Alegre e por isso este espaço assume esta característica.

As informações fornecidas sobre o rural demonstraram que a obtenção dos alimentos ecológicos está vinculada a uma interação em diferentes níveis de personalidade entre produtores e consumidores e por isso estando embasada em relações diferenciadas.

Estas relações ocorrem quando consumidor reside muito próximo ao local onde é produzido o alimento ecológico. Neste caso, a proximidade na localização das propriedades é apontada com otimismo, pois possibilita acesso à produção de alimentos ecológicos. Estar próximo destes produtos e mais distante de locais onde obteria alimentos considerados contaminados. Fica identificável uma comparação de que na cidade não se encontra um alimento mais saudável do que o que está à disposição perto de sua moradia.

A proximidade aos locais onde há a produção ecológica traz uma tranquilidade para as pessoas que saíram de ambientes mais urbanizados e passaram a viver no rural. Apesar de terem levado uma vida estritamente ligada ao urbano, à residência em um sítio atualmente trás tudo o que necessitam para viver. Alimentos saudáveis, tranquilidade, local de trabalho. Então, a proximidade aos locais de produção ecológica determinou uma adaptação ao novo local de residência e um desligamento de uma vida baseada no consumo existente fora do ambiente habitado atualmente.

Hoje né, eu tenho o privilégio de mora entre os quatro agroecológicos do Lami que abastecem a feira ecológica [...]. Então assim, se eu preciso de alguma coisa assim mais, mais puro que isso eu não encontro assim na cidade. Eu vou aqui nos meus vizinhos são meus colegas de Caminhos Rurais, entendeu?! Eu vou aqui atrás nos meus vizinhos pulo a cerca, como se diz, e eu tenho tudo o que eu preciso pra minha alimentação aqui. Se eu vou no mercado a três quilômetros daqui eu compro coisas contaminadas entendeu?! Já compro com agrotóxicos e outras coisas e tal ali a três quilômetros. Se eu pulo a cerca do vizinho aqui eu tenho tudo natural. Então a nível de alimento, de [...] qualidade, não tem outra coisa que eu possa assim, me dá tudo hoje não tem nenhuma dificuldade aqui hoje. (ENTREVISTA 6, Grupo 3, p. 9).

Outra relação de pessoalidade que ocorre entre consumidor e produtor acontece na FEJB. A relação, neste caso, determina uma percepção sobre o espaço ao sul de Porto Alegre quando este foi vivenciado há alguns anos e quando as propriedades dos agricultores agroecológicos não são conhecidas por usuários da feira. Estes fatores determinam que entre usuários da feira, o rural seja concebido a partir do que é visualizado na feira e apreendido do contato com os feirantes. Por isso, a percepção deste espaço é de um lugar onde existe agricultura familiar de base ecológica. Devido ao contato com estes agricultores da feira, a percepção do rural aparece fortemente relacionada com os locais onde são produzidos os produtos ecológicos da FEJB.

Conhecer a propriedade dos produtores agroecológicos levaria a benefícios para usuários da feira que desfrutariam de um aprofundamento das relações com agricultores na feira e o conhecimento da forma de produção dos alimentos por eles consumidos: “[...] ia ser bem legal pra mim saber onde que é plantado, como é que é o local que eles plantam, onde é que eles moram né, eu acho que ia ser bem interessante” (E14, G1, p. 38).

A aproximação entre consumidor e produtor sublinharia a relação que existe entre ambos, que vai para além das trocas mercantis, sendo marcada pela confiança. Esta confiança inclui troca de favores como guardar mercadorias para usuários e mesmo informações pertinentes para as atividades desempenhadas pelos agricultores. Obter alimentos ecológicos junto aos próprios produtores faz diferença no momento de consumi-los, pois foram produzidos de modo a torná-los mais benéficos à saúde, apresentando cuidados no momento do cultivo e da comercialização.

A produção de base ecológica ainda é considerada quando, além de fornecer os alimentos saudáveis e frescos para alimentação, o rural de Porto Alegre apresenta-se preservado e em condições ambientais menos maléficas para a saúde das pessoas direta e indiretamente envolvidas. Este aspecto é percebido como importante para os consumidores de produtos ecológicos, pois as condições de trabalho a que estão expostos os feirantes também

determina a qualidade do alimento consumido. Saber que os alimentos comercializados na feira são produzidos conforme princípios da Agroecologia trás uma tranquilidade aos consumidores que acreditam que as situações de produção dos alimentos determinam suas características e que, ao serem consumidos, serão introduzidas em seus organismos.

Deste modo, o rural de Porto Alegre, partindo das experiências vivenciadas por estes informantes, aparece em suas percepções como um local que apresenta mais fortemente o aspecto da produção ecológica.

5.1.2 Lugar de Qualidade

Nesta categoria, o rural de Porto Alegre assume uma amplitude maior passando a ser considerado como um espaço pertencente ao município. Segundo os cinco informantes desta categoria, o rural é um componente importante dentro de um município que deve ser mais valorizado quando existente em uma capital de estado. Nesta consideração, o rural é um componente necessário para que os moradores de Porto Alegre conheçam as formas de produção dos alimentos e para auxiliar a despoluir o ar de áreas mais urbanizadas.

A existência de áreas de ambiente natural apresenta-se como um componente determinante para a qualidade de vida das pessoas. Esta constatação origina-se de experiências em bairros como o Bom Fim, onde seus habitantes são expostos a uma situação de adensamento populacional. A alta densidade populacional deste bairro é sentida quando um contingente de pessoas compartilha de um mesmo espaço e há dificuldade na realização de atividades do dia a dia e na circulação em ruas. A situação experimentada de adensamento populacional, no bairro Bom Fim, pode ser detalhada mostrando os números de habitantes que se aproximam de 300 por hectare (PORTO ALEGRE, 2000).

Deste modo, as áreas naturais necessitam ser consideradas no planejamento da cidade, pois determinariam uma menor quantidade de pessoas por área. Esta constatação é feita por uma informante, ao observar que nas áreas mais urbanizadas, especialmente no bairro Bom Fim, existe uma grande concentração de pessoas, porque as residências estão dispostas muito próximas umas das outras tornando pequena a área disponível para as pessoas. Segundo ela, neste bairro praticamente estão ausentes áreas naturais. Esta situação é um dos principais fatores causadores de tensão social neste local e em outros espaços de Porto Alegre.

Partindo de uma vivência cotidiana em espaços com características de adensamento demográfico, o rural de Porto Alegre é percebido como um local onde a proximidade entre as pessoas parece menor. O espaço é mais amplo e natural e a ocupação humana se encontra em níveis de densidade inferiores. Considerando isso, é evidenciado que o ideal para a não continuidade de um caos urbano seria um planejamento da cidade, onde as áreas construídas fossem mescladas com áreas não construídas onde predominasse o ambiente natural.

A entrevistada 9 que constata que áreas com menor área construída apontam para uma melhor qualidade de vida, percebe o rural como um espaço propício de planejamento de um estilo de vida mais saudável. Isso aconteceria através da construção de benfeitorias circundadas por áreas verdes.

Partindo das condições de densificação em Porto Alegre, a entrevistada considera que a população precisa se espalhar pelo espaço que ela percebe com locais naturais. É atribuído mais significação para ela o fato deste espaço constituir um provável local onde as pessoas obtêm mais qualidade em suas vidas.

Para o caso de uma ocupação habitacional, a continuidade de atividades agrícolas, típicas do rural, ficaria prejudicada. Porque, no caso de um planejamento de acordo com esta lógica, a população irá se distribuindo gradativamente até que todo o espaço ocupado com atividades agrícolas acabe por ser abocanhado: “[...] e de uma certa maneira, eu acho que isso talvez prejudique até uma, futuramente uma área rural porque as pessoas vão indo tanto, tanto, tanto, que tu vai acaba abocanhando aquele espaço” (E9, G1, p. 8).

A qualidade que as pessoas teriam nestes locais não está vinculada ao rural. Segundo sua percepção, este espaço pode ser submetido a dois usos desassociados: residencial e rural. Ou há espaço rural ou há os espaços residenciais menos densificados. Um uso exclui o outro. Assim, a sua percepção do rural é de um espaço que perde as suas características rurais em função de uma ocupação residencial que ofereça melhores condições de vida à população. Então, é um espaço que é potencial para proporcionar qualidade de vida as pessoas.

Entretanto, outros informantes desconsideram condições de estresse urbano oriundo de densidades populacionais altas. Neste caso, o rural não é alterado em perspectivas futuras, mas deve ser mantido o mais parecido ao encontrado atualmente para que pessoas residentes em Porto Alegre possam conhecer como são produzidos os alimentos por elas consumidos. O espaço rural de Porto Alegre é um local que proporcionaria um resgate deste conhecimento entre as pessoas.

Eu acho que [...] o meio rural deve inclusive existir pra mostrar as pessoas muito urbanas, como [...] se desenvolve, sabe! Muitas coisas que vem pra elas e elas pegam praticamente na prateleira do supermercado sabe. Eu acho que é importante ter essa, ter essa visão.” (E18, G1, p. 29).

O que eu faço (turismo rural) da um retorno pro meio urbano muito bom, que é tu manter em qualidade de vida aqui, ar puro, e tu da em educação **que tá faltando** muita coisa pro meio urbano. Pras crianças que ficam fascinadas vendo que uma galinha, existe galinha, que ela tem pena, que ela tem ovo, que não é do supermercado, que o leite não sai da caixinha, sai da vaca, isso me dava muita satisfação (E19, G3, p. 19, grifo nosso).

Neste sentido, tanto crianças como adultos poderiam ser beneficiados. A percepção de que a manutenção do espaço rural de Porto Alegre em condições onde há ar puro dentre outras condições condizentes com o bem estar é necessária para oferecer ao urbano uma experiência que lhes propiciem um aprendizado sobre este espaço. O rural de Porto Alegre que lhe proporciona uma forma de sobreviver e reproduzir-se socialmente dá este retorno quando é mantido em condições ambientais consideradas adequadas. A manutenção do rural desta forma proporciona desempenhar uma atividade de geração de renda. Então, o espaço rural é percebido como local onde é possível sobreviver e ter uma renda, mas considerando que algumas determinadas situações sejam mantidas.

Isto demonstra uma percepção do que é este espaço dentro do município. Um espaço que mantido em condições ambientais naturais vem a proporcionar algum conhecimento que é notado como faltante no urbano. Nas duas citações anteriores, a sociedade urbana é notada como carente em alguns pontos relacionados com o rural que necessitam ser fomentadas. O rural assume a importância de mostrar como é a forma de produção dos produtos que são obtidos diretamente nos supermercados. Além disso, manter no sul do município um ambiente saudável gera para o urbano retorno em educação da população. Por isso, os entrevistados desejam que este espaço rural seja mantido.

Interessante observar que entre pessoas que apresentam contatos diferentes com o rural vivenciando-o diariamente ou estando envolvido com questões pertinentes para a sua preservação, ele aparece de forma parecida ligando-se no ponto de que significa um retorno positivo para o meio urbano.

Considerando a necessidade de metrópoles como Porto Alegre possuírem espaços que proporcionem ar mais puro. Que a cidade precisa de um local onde o ar circule e purifique-se; onde não exista somente cimento; onde ela não esteja fechada sobre si mesma e com miséria, como ocorre em outras metrópoles.

Aquele espaço é imprescindível pra saúde da cidade [...] inclusive a gente nota que a qualidade de vida lá é outra. [...] Porque tem que ter um respirador. A cidade precisa respirar, não pode ficar como São Paulo! Não pode ser uma cidade que nem São Paulo que ficou abatimada. Ou então Rio com toda a miséria. Já tem miséria que chega em Porto Alegre, assim com o espaço rural, mas ainda cobri só de cimento?! Isso aí não dá! Eu acho que realmente a população precisa tomar consciência! Eu acho que é imprescindível, assim, pra saúde da cidade, eu acho que [...] eu acho que realmente, que é pra manter a saúde da cidade, tem que ter, tem que tê! Dá um, tem que dar um jeito de conseguir manter esse espaço sem tá a perigo (E17, G1, p.16).

Este entrevistado considera que o espaço rural de Porto Alegre proporciona ao ar uma renovação, um filtro para a poluição da cidade. O município “consegue respirar melhor” se possuir uma área com vegetação típica de áreas rurais.

A existência de rural em Porto Alegre livra a cidade de uma realidade ruim parecida com metrópoles maiores. Assumindo uma projeção que condiciona ao desaparecimento do espaço rural de Porto Alegre, futuramente este município pode apresentar características parecidas as visualizadas em São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta fala, é visível que o rural de Porto Alegre assume uma postura de local que mantém a qualidade de vida na cidade. Sendo responsável por situações agradáveis.

Estas situações agradáveis não estão relacionadas somente à questão ambiental, mas que o rural em Porto Alegre é associado com menos pobreza. Neste sentido, o espaço rural não é visto como local onde há pobreza. E é um local que auxilia para que não haja tanta miséria.

Indicando relações de necessidade da área de ocupação intensiva pela área rarefeita, pois esta última lhe proporciona “saúde”, gerando a possibilidade de respirar, livrando-lhe de problemas mais graves de poluição e pobreza que atingem metrópoles maiores.

Além de servir ao município como um local onde as praticas relacionadas à produção de alimentos podem ser conhecidas, o espaço rural produz o que é necessário para a sua subsistência alimentar. Para o consumo alimentar das famílias residentes nos bairros mais centrais de Porto Alegre que não tenham condições ou interesse de produzi-los. Dentro desta perspectiva, ele assume um papel essencial para a vida na cidade e para a sustentabilidade do município, através de uma lógica de produção e consumo local.

Eu acho [a zona rural] muito bonita. Eu acho que é, que é fundamental um município, tem que ter, tem que ter uma zona rural né! A única pra sustentabilidade do município, pra tá produzindo localmente, sustentabilidade da cidade de ela tá produzindo o seu próprio alimento [...] daí o conceito de sustentabilidade já entra aí também né! [...] tu tá, produzindo um alimento ali que ele é consumido localmente,

tu não precisa, isso é sustentabilidade, tu não tá agregando valor, tu não tá agregando outros custos né de transporte ou de mandá essa comida pra outro lugar e de passar por 300 atravessadores. Então a sustentabilidade é isso, tu produzir localmente e consumir localmente. (E4, G1, p 14 e 15).

O espaço rural dos municípios proporciona que sejam sustentáveis. A parte rural de Porto Alegre, onde acontece produção primária, proporciona qualidade ambiental e sustentabilidade para todo o município. A sustentabilidade acontece por meio da produção local do alimento.

Deste modo, é possível dizer que esta percepção vai ao sentido de que o rural de Porto Alegre é um exemplo de sustentabilidade, conforme a concepção de sustentabilidade para a informante. Para ela, a sustentabilidade da cidade é composta pela produção do seu próprio alimento, não necessitando de transporte por longas distâncias e nem de atravessadores. A comercialização seria mais direta e com menos custos ambientais.

5.1.3 Lugar “Isolado”

Os quatro entrevistados que percebem o rural de Porto Alegre marcado pelo isolamento citam algumas características para explicar esta percepção. Uma destas características é a falta de serviços e estrutura básica, tais como água encanada e energia elétrica. Uma das informantes cita estes elementos como benefícios que a cidade oferece. Moradora de um dos bairros mais centrais de Porto Alegre, o bairro Bom Fim, vê esta carência no rural como uma de suas características, sendo que, conforme sua percepção, este aparato estrutural não seria necessário no rural.

Mas eu acho que a rural é isso, não sei nem como é que é assim, fornecimento de energia, de, de água, de coisas eu não tenho, não sei como é que é [...] eu não sei te informar sobre isso. Eu não sei até se rural tem essa necessidade de ter esse tipo de, de, de benefício né porque... não sei isso aí, não sei te dizer. Acho que a água poderia ser de poço. Quantas fazendas que aí que não tem, não tem água encanada! Energia tudo bem que eu acho que chegou em um monte de lugares (E16, G1, p. 14 e 15).

Esta percepção é reforçada pela distância que o rural se encontra de bairros mais centrais, e onde os serviços como água e esgoto não são deficitários. Conforme a distância do Centro da capital vai aumentando, mais problemático vai ficando o oferecimento destas estruturas urbanas. Assim, a entrevistada amplia esta noção, imaginando que nos bairros mais ao sul, onde está o rural, a carência seja maior.

Isso a incomodaria em caso de residir neste espaço, porque prefere locais que tenham acesso aos serviços que percebe não disponíveis no sul rural de Porto Alegre. “E de saber é, pelo acesso que é mais complicado, difícil de chegar. Se aqui nas vilas não tem, tu imagina mais afastado! O problema todo é água, esgoto e energia. Não tem.” (E16, G1, p. 14 e 15).

Outro entrevistado sente-se inseguro em pensar em frequentar este espaço, pois o percebe como perigoso. Ele faz uma comparação com anos anteriores que o frequentava, quando era possível andar livremente, e entrar em terrenos dos quais não se conhecia os proprietários.

Atualmente, além de achar perigoso, vê este espaço recortado pelos terrenos onde não é mais permitido entrar, pois estão cercados.

Então, um pouco diferente. Eu meio que me retraí um pouco [...] E na verdade eu nem sei bem os locais porque eu pegava o carro eu ia indo e quando eu via eu tava naquele lugar eu ia subindo e eu não sei direito que bairro sabe, se aquilo tinha dono se não tinha, a gente entrava simplesmente, não tinha porteira, não tinha, [...] Então, até que a gente pego aquela faixa que vai pra Itapuã, a gente andava ali pra cima daqueles morros, andava, metia o jipe lá pra cima, bá! [...] Porque hoje não tem mais isso, tudo cercado, não tem mais isso. Todo mundo é dono de alguma coisa, antigamente ainda se deixava um terreno aberto sem cerca, né! Hoje não! (E5, G1, p. 11, 12 e 13).

O tema abordado neste trecho perceptivo discute o rural como um local que não é mais livre para a circulação, já que agora sofreu transformações ligadas à demarcação, proteção dos terrenos particulares, perdendo seu isolamento que lhe permitia circular por onde quisesse.

Ainda, este espaço é visto como peculiar dentro de uma capital. Por isso é maravilhoso e deve ser preservado. Segundo sua noção, muitas pessoas não sabem que Porto Alegre possui um espaço com características rurais. Inclusive, é característico de cidades do interior do estado, mas não de uma capital. Tanto é que por alguns momentos, enquanto participava do roteiro dos Caminhos Rurais, sentiu-se de forma parecida como quando passeou pela zona rural de Ivoti. Isto lhe causou confusão e por alguns momentos lhe parecia estar no interior deste município.

Além de percebê-lo desta forma, a entrevistada também citou que este rural de Porto Alegre tem pessoas que lhe receberam de forma acolhedora e lhe mostraram o rural. Estas pessoas atualmente desempenham uma nova atividade que é o turismo rural. Segundo esta informante, esta nova atividade lhes faz bem, pois agora não ficam retidos apenas na produção agrícola, passando a conhecer melhor a própria propriedade para apresentar aos turistas. Segundo esta informante, agora os agricultores não se sentem mais isolados.

Eu acho que pra eles [agricultores agroecológicos] aquilo [turismo rural] abriu um horizonte muito grande. [...] Geralmente pra acontecer esses passeios rurais, que antes não aconteciam, agora que tá proliferando isso, [...] eu acho que eles viviam muito isolados, muito sozinho. Plantavam, colhiam e ficava naquilo ali né. Eu acho que pra eles foi um crescimento muito grande porque eles tão mostrando o que eles fazem. (E3, G2, p. 4 e 14).

Neste caso, as características existentes na produção rural, colocam sua população em uma situação de isolamento que é perdida quando outras pessoas conhecem e frequentam este espaço. A perda do isolamento do rural de Porto Alegre passou a ocorrer entre os agricultores agroecológicos quando estes adotaram a prática do turismo rural onde são mostrados quais são suas atividades e sua propriedade.

A questão do isolamento para esta informante é fortemente marcado pelo sentimento de solidão em não ver muitas pessoas e o movimento de carros. Por apresentar estas características, para ela, este lugar lhe faria mal.

[...] eu não sei viver num lugar assim, eu ficaria louca, é muita solidão, ficaria muita solidão, fica um mês assim, passaria dois dias, três dias lá, tomando chimarrão, coisinhas novas, mas [...] no quinto dia eu me mandava. [...] Então eu sou uma pessoa que eu não sei me isolar [...]. Eu até disse pra umas mulheres, eu olhei aquilo assim ao meu redor, “não faz a minha cabeça morar aqui, jamais eu moraria aqui”. Solidão, viver sozinha lá. (E3, G2, p. 4 e 14).

Deste modo, a percepção desta entrevistada decorre justamente pela questão do isolamento que uma hipotética vivência naquele espaço lhe ocasionaria. Um isolamento que lhe causaria um sentimento de solidão, de ficar sozinha, pois não entraria em contato com diferentes pessoas.

No caso da entrevistada 10, sua percepção perpassa as noções de isolamento no mesmo sentido do abordado pelos demais informantes desta categoria. Esta entrevistada sempre residiu em espaço urbano, onde suas necessidades eram facilmente e rapidamente atendidas por estar em uma localização próxima aos locais que podiam saciá-la. Isso a faz questionar-se sobre a vida de pessoas que vivem no meio rural.

E também além de ser, eu sempre, eu sempre tive muita curiosidade por esta questão rural, porque eu sempre morei, no meio do cimento né! E, mesmo viajando em qualquer outro lugar, eu sempre vejo uma casinha no meio do campo no meio do nada e penso: “mas como é que aquela pessoa vive ali?! Longe de tudo!” Eu sempre tive tudo ao redor. A farmácia ha uma quadra de casa, o mercado tá do lado, a padaria tá na outra esquina. E eu sempre tive essa, essa, meio que, meio intrigante, essa pergunta intrigante de: “como é que é a vida de uma pessoa que mora longe? Longe do centro, longe da farmácia, longe da padaria, longe do supermercado longe da academia, longe de tudo! Mora afastado, na zona rural? (E10, G2, p. 12).

Este questionamento da entrevistada começa a delimitar sua percepção. As pessoas vivem longe dos serviços, que são serviços diferentes dos citados pela entrevistada 16. Não são estruturais, como o encanamento para água e esgoto; são necessidades ligadas à alimentação e à saúde. Esta distância que os moradores do rural estão dos pontos que oferecem estes serviços, esclarece sua forma de o perceber como um espaço isolado.

Ela diz que em Porto Alegre o isolamento do rural parece estar sendo revertido. Para ela, este rural não é mais isolado, pois existe uma telentrega que pode trazer o que for identificado subitamente como necessário. Desta forma, ela passa a compreender como uma pessoa consegue viver em um local assim “longe de tudo”.

A cidade pode ir até você [tele-entrega] ou você por ir até a cidade [transporte público] [...] Se eles têm um problema, precisam de um remédio, isso não é um problema, na verdade. Hoje em dia tu pode viver na zona rural e de certa forma ter algum conforto que a zona urbana te traz. Tipo preciso de um remédio, não é o fim do mundo, liga e a tele-entrega vai te trazer. E isso não te afasta do teu mundo, do teu mundo rural. Tu tá ali inserido naquela, naquele espaço, mas tá te beneficiando, do que a, do que o urbano pode te proporcionar de conforto assim né, que é, que eu sei, que eu sei imagina morá longe de uma farmácia, que uma coisa de última hora “precisei ir no supermercado, meu deus, faltô alguma coisa importante!” “Tele-entrega amiga!” [...] tu tem uma tele-entrega que pode te levar qualquer coisa que tu precisa, tu tem até, tu tem a modernidade do dia, do dia a dia, da moder, do dia comum da cidade de: “tô com fome. Quero comer uma pizza!” “tele-entrega!”, ele vai te levá e tu não vai, tu não fica isolado do mundo, tu tá na tua qualidade de vida conectado com o mundo urbano. (E10, G2, p. 8, 9, 14 e 15).

Como foi possível observar, as percepções expostas acima abarcam o rural de Porto Alegre como um espaço em situações de isolamento. Entretanto, este isolamento é descrito de maneiras diferentes para cada um destes entrevistados. A entrevistada 16 o isolamento existente é uma característica intrínseca aos espaços rurais, pois não há a necessidade de estar vinculado às estruturas que estão disponíveis para a cidade. É uma característica de o próprio rural ter água de poço e não água encanada.

Esta informante percebe o isolamento de Porto Alegre como uma característica atual. Não notou prováveis mudanças do sul rural de Porto Alegre, como os demais integrantes que compartilham de percepções parecidas, porque ela não costuma frequentar este espaço.

Para o informante da Entrevista 5, antigamente o sul rural apresentava um tipo de isolamento que era percebido por ele como bom, pois era possível circular livremente por ele, era percebido inclusive como um espaço onde podia ter liberdade. Hoje, este espaço continua sendo isolado, mas houve uma alteração, pois agora as áreas livres para a circulação são cercadas. Por isso, ele não se sente mais atraído para frequentar este espaço.

A entrevistada 3, o viés seguido demonstra o espaço onde há solidão. Esta entrevistada não conseguiria viver em um local assim porque tem necessidade de ver pessoas. Entretanto, o turismo está diminuindo a solidão para estes produtores. Segundo sua concepção, esta atividade está fazendo bem para eles.

Por último a entrevistada 10 cita o isolamento é de serviços. Não fala do isolamento social, mas da distância dos serviços vistas por ela como indispensáveis e que podem ser necessárias a qualquer momento. Cita a distância que estes locais estão de supermercados e farmácias, dentre outros pontos de venda de produtos necessários à subsistência. Mas, a tele-entrega e a facilidade de deslocamento estão resolvendo este problema do distanciamento.

5.1.4 Lugar de Contradições

As percepções que compuseram a categoria contradição existem nos informantes conforme a forma como se relacionam com o rural de Porto Alegre. Estes informantes são pessoas influenciadas por relações pessoais com moradores deste espaço e que, por isso, já haviam circulado por ele antes do contato estabelecido para esta pesquisa. Alguns destes informantes também eram pessoas residentes deste espaço, mas não necessariamente novos

rurais (Entrevista 7). Deste modo, compõe um grupo de cinco pessoas que está desvinculada de entidades atuantes no sul de Porto Alegre e que se insere no rural por vontade própria.

A vivência no rural permeado por relações pessoais aumenta a amplitude de informações e conhecimentos sobre o local freqüentado. Possibilita uma confrontação com situações do rural que não são identificadas em uma primeira visita. Deste modo, estas pessoas puderam apropriar-se com mais intensidade de características e das situações que existem no rural.

Estar neste espaço e conviver com pessoas com residência nele fazem com que sejam experimentadas situações que não são somente as relacionadas às belezas. Do mesmo modo, uma ligação desta maneira e desvinculada de instituições faz com que das experiências no rural, surjam percepções que expõe todas as mazelas e belezas do rural. Os próprios informantes e os atores que pertencem à rede de relações destes demonstram as preocupações relacionadas a este espaço.

Estas percepções expõem belezas e mazelas do rural em Porto Alegre que são diferenciadas. Fazendo aparecer que nestas percepções o rural de Porto Alegre é um local onde existem forças que o tencionam para direções contrárias, colocando o rural em posição de contrariedades.

Nas percepções, o rural aparece com algumas características que podem comprometer a continuidade deste espaço enquanto espaço de atividades rurais. Estas características não podem ocorrer conjuntamente, pois causam ameaça a continuidade do rural.

Uma das informantes cita uma das características positivas do rural em Porto Alegre percebendo como um espaço diferente para a realidade de uma capital, cita que não são todas as capitais que possuem um espaço como este. Por isso, para esta informante a existência deste espaço peculiar deve ser mais divulgado para que mais pessoas o conheçam, porque segundo sua concepção “é uma coisa pras pessoas verem” (E2, G2, p. 8).

Entretanto o espaço rural de Porto Alegre é descrito apresentando características que podem prejudicar sua manutenção. Inicialmente expõe que há falta de cuidado com o ambiente. Em um passeio anterior averiguou que neste espaço havia a presença de lixo e poluição na praia do Lami. Segundo ela, esta situação ainda ocorreria, mas não foi verificada na visita ao rural de Porto Alegre por meio dos Caminhos Rurais porque não teve oportunidade de passar por estes locais. Esta informante apesar de ter vivenciado uma nova experiência com o rural onde não observou estas situações de poluição e descuido com o ambiente, ainda acredita que existam descuidos com áreas naturais do sul de Porto Alegre. Sua percepção aparece então permeada por estas duas características de espaço rural: como

um local diferente para a realidade urbanizada de uma capital e de espaço onde há indícios de contaminação deste ambiente.

Em seguida é citado um aspecto, referente à questão da preservação que aparece conciliada com a noção de rural: “é porque até eu achei bem estranho ele ter falado isso (o Morro São Pedro não é considerado como rural) porque poxa, lá é, pelo menos aquele lado lá do morro, é super preservado, né?!” (E20, G1, p. 7 e 9). Fica subentendido que, para a entrevistada, no rural estaria incluída a preservação do ambiente natural que se faz referência a um dos morros de Porto Alegre denominado Morro São Pedro. Este é um morro de Porto Alegre localizado nas proximidades de Viamão não pertencente à crista e o de maior extensão do município, com aproximadamente 1259 hectares. Tem a maioria de sua área coberta com vegetação natural (INGÁ, 2009).

Neste trecho da entrevista, fica evidente a apreensão de uma informação externa com uma posterior reflexão pela informante com base em sua percepção do rural. Apesar de ter compartilhado uma conversa sobre a denominação rururbana da parte sul de Porto Alegre com um dos atores do rural de Porto Alegre proprietário de uma parcela do território do Morro São Pedro, a entrevistada achou inapropriada a classificação do sul de Porto Alegre. Conforme o que observava no momento que se encontrava neste local, este é um espaço onde a natureza é mais preservada e por isso é rural.

Nota-se conforme este conjunto de percepções que atualmente o setor imobiliário tem atuado em diferentes espaços de Porto Alegre, tanto nos mais densamente povoadas como nos de menor densidade populacional. Aparecendo mais citações sobre a incidência deste setor neste último espaço. Tencionando a predominância de áreas naturais, mas principalmente das áreas rurais do sul de Porto Alegre.

Constando como um espaço que sofre a ocupação populacional, uma nova rural diz que percebeu o aumento de residentes nas proximidades de sua casa. Esta informante migrou para o rural de Porto Alegre há aproximadamente 28 anos. Onde ela mora, na Avenida Oscar Pereira, no Bairro Belém Velho, desde sua mudança para o local percebeu que foram desmembradas em porções territoriais menores a grande maioria de propriedades que se localizavam nas redondezas de seu sítio. Sobrando poucas propriedades ainda não desmembradas.

Esta informante percebe que o bairro Lami é mais rural do que o bairro Belém Velho e entorno ao seu local de residência. Ela faz uma associação com a menor “demanda populacional” salientando que “por enquanto” este bairro não se constitui em um local

ameaçado, pois não observa procura de pessoas externas por locais de residência neste espaço e nem divisão de propriedades (E12, G3, p. 11).

A tensão da população sobre o rural de Porto Alegre é percebida em condomínios clandestinos e legalizados conforme a legislação municipal. As residências estabelecidas informalmente são as que causam maiores preocupações porque vão constituindo-se sem um rigor que considere a propriedade do solo. Mas, segundo uma informante, existem situações onde os próprios loteamentos criados pelo poder público municipal não apresentam condições para uma adequada sobrevivência de pessoas.

Prefere que o espaço seja mantido com as características atuais: “[...] que é um rural que as pessoas tão investindo em uma nova coisa que é o orgânico né, que é a preservação. Então pra mim isso aí é importante” (E12, G3, p. 11).

Entretanto, esta informante percebe que a atividade do turismo rural pode comprometer, em longo prazo, as áreas rurais. Sabe dos benefícios que esta atividade vem oferecendo aos agricultores familiares, mas se questiona quanto à atração que este espaço pode exercer sobre as pessoas que o conhecem por meio dos Roteiros Turísticos Caminhos Rurais. Com estes roteiros mais pessoas passam a conhecê-lo e podem se interessar em morar pelo local. Esta informante expõe sua preocupação no trecho da entrevista citado onde faz referência às placas indicativas dos Caminhos Rurais que começaram a ser colocados em meados do ano de 2009.

[...] agora eu comecei a ficar com um pouco de medo, tá, porque agora começaram a colocar um monte de placa né. Faz um tempo que essas placa tão né, porque eu ando pra cima e pra baixo todo dia, e é uma coisa né! Eu não acho que seja ruim, não é, em termos da Silvana, do Dodô e de outros agricultores daquela região. Não é ruim pra eles, eu não quero tirar o benefício deles, mas eu sei [...] Eu digo assim: até que ponto isso aqui com o tempo vai influenciar nas áreas deles de rural? Isso aí me preocupa. Isso é uma coisa que, nesses 28 anos nós tamo aqui a gente já sentiu a mudança, eu sinto muito. Não sei! Lá daqui a quantos anos vai acontecer isso, dez anos, 15 anos não sei (E12, G3, p. 11).

Ao mesmo tempo em que os Caminhos Rurais aparece como um potencial causador do interesse em constituir residência no rural de Porto Alegre, a organização de agricultores familiares e novos rurais, dentre outros atores deste espaço em torno à atividade do turismo rural, se constitui em uma das razões para a conservação do local. Outra razão apontada é a

história de ligação que os agricultores familiares têm com a terra, que em alguns casos pertencia a antepassados (informação pessoal).¹

A sensação de temor quanto à permanência do rural de Porto Alegre é associado com a percepção de que novos rurais poderiam sentir-se menos motivados a resistir às pressões externas e, conseqüentemente, lotear suas propriedades. Isso poderia acontecer com estes moradores, pois não teriam uma ligação com o espaço como uma pessoa que é “tradicional daquele lugar”. Como no caso de agricultores familiares (E13, G2, p. 16).

A integridade do rural de Porto Alegre depende de pessoas que queiram mantê-lo daquela forma e não almejem produzir transformações nas características que são típicas do rural, como as estradas de chão batido. Esta entrevistada acha ótimo esse espaço “acho uma situação ótima”, mas “o crescimento absurdo de loteamentos por perto” lhe aflinge (E13, G2, p. 16). Devido à presença de loteamentos irregulares e regulares percebe o rural como um local “ameaçado o tempo inteiro” (E13, G2, p. 17). Assim, o espaço que é considerado uma situação ótima, em sua percepção mescla-se com um sentimento de preocupação relacionado com a resistência dos atores à atuação de um poder percebido como mais forte, que é o imobiliário, e ao avanço da ocupação irregular.

Para o caso de um informante que é professor, as famílias que são instaladas em bairros ao sul de Porto Alegre pelo poder público em alguns casos não encontram condições adequadas para a sobrevivência humana. Para ele o rural de Porto Alegre expressa tensões sociais observáveis no ambiente de uma sala de aula super lotada. Onde algumas crianças não têm a assistência necessária para adaptarem-se ao novo ambiente.

Me assusta ver esses projetos de deslocamento. Isso é o mais assustador. Que a prefeitura faz, com pessoas de menor poder aquisitivo. São tiradas de áreas como de construção de shoppings, né. Dali, nós da zona sul percebemos três deslocamentos de pessoas, de ff, né de uma vila inteira que talvez tenha se desintegrado em três. Essa vila foi desintegrada toda pro Jardim Vila Nova que é o bairro onde eu moro. Então toda zona sul ta recebendo essas pessoas e são favelas de concreto né e isso a gente ta vendo. [...] Ali na Vila Nova, que se vê, muitas chácaras são fragmentadas e que recebem essas vilas. E nem uma estrutura. Eu como professor, sinto direto isso na carne, de ver o ambiente da sala de aula. Crianças que vem de uma outra escola que não tem uma adaptação àquela escola, escola nova. A escola não comporta, são salas super lotadas, né! (E7, G1, p. 14).

¹ Informação concedida durante período de coleta de dados por Silva, E. agricultor familiar do bairro Lami.

Por isso, a contradição percebida por este entrevistado retrata a beleza do rural de Porto Alegre, e, por outro lado, um aspecto relacionado às famílias, especialmente crianças, instaladas em loteamentos do poder público local sem uma estrutura adequada.

[...] acho maravilhosa, a zona assim, num certo sentido. Me dói vê eu como morador da zona sul, ver isso sendo estrangulado cada vez mais pela urbanidade que se expande né ahh. [...] Então eu si, é uma coisa que eu sinto, eu só sinto muita dor. Porque eu adoro essa zona sul, adoro essa zona rural (E7, G1, p. 14, 15, 16 e 17).

Os informantes desta categoria têm ou tiveram uma relação em diferentes níveis de intensidade com o espaço ou atores deste. Estas vivências os colocam em uma posição mais crítica e envolvendo demais aspectos que permeiam o sul rural. Por isso, expressam um sentimento de apreço pelo rural de Porto Alegre, mas, no entanto, não deixam de expressar um conjunto de situações que sentem como ameaças ou prováveis ameaças a continuidade deste espaço rural.

5.1.5 Lugar de Liberdade

A forma de perceber o rural de Porto Alegre como espaço de liberdade foi expressa por cinco entrevistados. A maior parte destes integrantes (4) se identificou com o Grupo 3 e uma integrante se identifica com o Grupo 2. Inicialmente o que chama atenção na análise destas percepções é a separação de dois espaços onde se apresentam formas de viver diferentes. A partir da percepção de que existem mundos diferentes que influenciam hábitos e atividades do dia a dia, estes informantes constroem suas vidas e tem motivações para ações diárias.

Em todas as entrevistas, a distinção entre os espaços é feita conforme a conduta de vida que é estimulada em locais urbanizados. Esta forma de viver em locais mais urbanizados parece para alguns dos informantes imposta e, muitas vezes, não proporciona autenticidade em decisões, expondo-os, por exemplo, ao consumo sem necessidade. Além disso, este espaço os submete a um modo de vida ritmado e agitado que não proporciona um

autoconhecimento. Forçando as pessoas a agir conforme padrões sociais em suas vivências urbanas.

Esta imposição sentida pelos informantes de uma forma de viver, faz com que as pessoas trabalhem para manterem-se em determinado nível de vida e almejem ascender a níveis mais elevados. Em momentos que os informantes sentiam necessidade por estes níveis, adequavam-se a uma rotina baseada em códigos padronizados que se caracterizam por impor às pessoas um horário de trabalho e em locais determinados.

Os informantes deste grupo perceptivo, quando se moldavam a estes padrões sentiam-se confinados em salas sem poderem observar a paisagem externa, recebendo ordens e, em alguns casos, executando atividades com as quais não se identificavam.

Outro fator destacado por este grupo, que consiste em mais um ponto na separação em mundos diferentes, são os constrangimentos sociais existentes entre pessoas que estão mais próximas fisicamente. Uma das informantes cita que não se sente à vontade para ir ao pátio de sua casa, pois o vizinho poderia estar observando o que faz em seu ambiente particular. Ou então, é necessário ter um cuidado com a segurança nos espaços mais urbanizados colocando muros e grades nas casas.

Este formato da vida urbana é claramente percebido como desagradável retirando de algumas pessoas a liberdade de decidirem elas mesmas sobre seus horários e desejos. Desta forma, acabam adquirindo determinados produtos, moderadas pelo meio que as circula.

Na Santana a gente era bem urbanóide. A gente consumia bem as coisas que queriam que a gente consumisse [...] coisa que o capitalismo construiu e quer que a gente, acha que a gente precisa disso, né! [...] (hoje) se eu quero comprar uma bota nova, até posso compra uma roupa nova, uma bota, mas porque eu tô com vontade de botá naquele momento e acho que eu tenho valor que eu posso usar aquilo sem me incomodar, né! [...] Então, aqui, a gente consome aquilo que a gente acha que é nosso valor consumi, né! [...] Hoje, eu tenho uma, hoje eu tenho critério de valor, né! Diferente, lá no apartamento não, eu não tinha noção de que eu não precisava daquilo. Aquilo pra mim era necessário (E8, G3, p. 7).

Conforme a sensação exposta, esta informante sentiu-se forçada, indiretamente, a comportar-se conforme alguns padrões já estabelecidos obtendo produtos sem uma necessidade. Partindo desta constatação, fica evidente que as pessoas que passam por experiências como esta ou semelhantes onde provam de sensações parecidas venham a almejar um mundo onde a interação com seu exterior ocorra de forma distinta. As sensações desagradáveis originadas de práticas em cidades grandes como Porto Alegre, determinam

anseios de viver em outro mundo, livre destas concepções de vida que ditam o que e quando produzir e realizar. Estas pessoas passam a buscar por maneiras diferentes de se relacionar com o exterior, permeadas pelo desejo de ter seus anseios determinados por eles mesmos, sem lhes parecerem impostos.

Inicialmente, alguns destes informantes não sabiam como isso poderia acontecer. Foi quando conheceram propriedades conduzidas baseadas nos princípios da Agroecologia. Segundo suas descrições, nestas propriedades, basicamente, havia produção de alimento para consumo e comercialização, e identificaram que a família vivia feliz. A forma da vida destes agricultores lhes agradou pincelando alguns traços no desenho onde o viver não estivesse pré-moldado.

Após estas visitas, e motivados pelas características indesejáveis da vida urbana da metrópole, estes informantes começaram a verificar possibilidades de acordo com as expectativas que tinham traçado de uma vida mais livre e independente. Dentro deste contexto, o rural de Porto Alegre passou a compor um horizonte que se apresentava como mais adequado frente às perspectivas de vida.

Deste modo, pessoas observaram que residir próximo a agricultores agroecológicos possibilitaria sair de um ambiente onde se sentiam pressionadas e trancadas. Além disso, viver próximo às propriedades ecológicas colocava em potencial uma produção mais saudável. Pois, a decisão de produzir sem insumos químicos é mais facilitada quando não se restringe apenas a propriedades de maneira isolada. As práticas realizadas por vizinhos interferem na qualidade dos alimentos produzidos. Assim, as propriedades em transição agroecológica localizadas no bairro Lami determinaram, em certa medida, as vontades de novos rurais de residir no rural.

O sul de Porto Alegre com características rurais possibilitaria a independência por meio da produção do próprio alimento e um contato mais aprofundado com o lar. Um contato permanente, numa relação que abrange outra esfera de interação, onde o cuidar é cuidar do que pertence a pessoa.

Mas morar em um apartamento assim tri pequenininho assim, nada a ver com o que a gente quer ter de contato com o nosso lar mesmo né! E também porque a gente pretende ficar mais tempo em casa que [...] futuramente talvez a gente consiga ter aqui um trabalho, né! [...] Ah, segundo porque a gente quer poder plantar coisas pra se alimentar e tal. É mais se tu for ver em formas gerais e mais autonomia assim mesmo [...] Até dentro da universidade ou do lugar de trabalho assim as coisas são, tem uma certa dinâmica já de ser.[...]Eu acho que dentro da nossa própria casa a

gente consegue ter um espaço, a gente consegue fazer o que a gente quer a gente pode viver da forma que a gente quer né (E1, G3, p. 9, 10 e 13).

Eu já tinha certo uma questão de tentar buscar uma liberdade sabe, uma questão de autonomia mesmo, de depender cada vez menos do sistema e poder fazer as coisas a hora que eu quero, curtir mais a vida [...] de querer ter ser livre e tal, bem isso mesmo, de deixar de ser escravo, porque eu me considero um escravo ainda, mesmo trabalhando assim, em um colégio que me proporciona tudo mais, mas eu tô, a gente tá correndo atrás da máquina, tem que pagar conta no final do mês. E se pára, tu é engolido assim pelo sistema. Então eu me sinto um escravo então ah, tô tentando buscar a minha carta, tô tentando (E15, G3, p. 9).

Em um primeiro momento, o rural de Porto Alegre é percebido por este grupo de pessoas como um espaço onde é possível viver de forma diferenciada da forma de vida em bairros mais centrais. Um local onde é possível “respirar mais fundo” e ter clareza de idéias, não sendo sentida pressão para consumir.

Eu se passo dois dias assim que às vezes dou aula o dia inteiro, ou que chegô de noite e eu saio, ah no outro dia, eu preciso respirar né, eu preciso. Essa visão de mundo reto assim de mundo fechado, ela me reduz muito a minha visão de mundo assim, então eu preciso disso. [...] Eu acho que a gente consegue tá mais tranquilo, ter mais clareza das coisas assim. Em função da gente dá o nosso rumo, né! (E8, G3, p. 8).

Neste espaço, o mundo das pessoas assume caráter personalizado. O rural de Porto Alegre constitui um espaço que possibilita estar fora do ritmo que é ditado pelas cidades e pelo consumismo, do ritmo de trabalho, fazer o que se considera saudável, conversar com os amigos na hora que se deseja, sem necessitar de uma brecha entre compromissos. Fazer o que se quer no pátio, sem as pessoas estarem observando. Poder ter a liberdade de aumentar um pouco mais o volume do som e curtir uma música. Ter autonomia para fazer o que se deseja no espaço onde se está. Não viver em uma sala fechada durante todo o horário de trabalho e poder apreciar a natureza.

As percepções sobre o rural de Porto Alegre, expostas por este grupo de informantes, o fazem aparecer como um local contrastante com o espaço mais urbanizado da capital e de outros municípios da região metropolitana, como São Leopoldo, apresentando qualidades desejáveis para uma vida considerada melhor. A forma como estas qualidades foram expressas e o que este espaço poderia proporcionar e proporciona aos informantes torna-o um lugar livre de situações indesejáveis do mundo urbanizado. Um espaço onde as pessoas

sentem-se libertadas do modo de viver conforme um molde já determinado estendendo-se sobre ele uma percepção de liberdade.

5.2 PERCEPÇÕES DE NOVOS RURAIS: ANTES E DEPOIS DE RESIDIR NO RURAL DE PORTO ALEGRE

Ao contrário dos outros grupos de informantes, os novos moradores do rural de Porto Alegre transformam o rural no local onde estabelecem sua morada. Desejam obter ou obtêm uma renda através de meios diretamente ligados ao local de residência, como é o caso da produção ecológica.

Antes de morar neste espaço detinham uma perspectiva sobre as possibilidades oferecidas e uma percepção acerca do rural. Entretanto, alguns pontos podem ter sido percebidos somente após a mudança para o espaço escolhido para se viver o que pode levar a uma reconfiguração de percepções. Verificar esta reconfiguração permite identificar elementos não perceptíveis ao observador inserido parcialmente no rural de Porto Alegre e descobrir se o rural atende à perspectivas criadas.

As respostas aos questionamentos para a identificação destas percepções indicam que para três dos novos rurais entrevistados as expectativas com relação ao rural se concretizaram ao longo dos anos de residência. Para o caso da experiência vivenciada pelo entrevistado 6, o sítio para o qual se mudou estava em descuido no que tange à parte estética. Este novo-rural teve que restituir o jardim, pois suas plantas e flores haviam crescido desordenadamente ao longo dos anos sem ornamento. Depois de ter feito os reparos considerados necessários, considera-se satisfeito com a aparência de seu sítio.

Atualmente, neste sítio, há um pátio onde as construções estão dispostas de forma aleatória. Dentre estas construções há a sua própria residência e do caseiro, uma pequena pousada, um local para receber turistas, uma biblioteca de livros esotéricos e local de terapia. Também, há um conjunto de pequenas construções onde estão algumas aves. O caseiro cuida da jardinagem e de outras atividades do sítio, tais como tratar os animais. No pátio, há uma área central com gramado aparado e com árvores e flores dispersas. Nesta parte, estão soltos os patos, gansos, gatos, galinhas e cachorros.

A entrevistada 8 também sentiu-se decepcionada inicialmente com os resultados obtidos na nova residência. As expectativas não se concretizaram imediatamente, pois a casa

que possuía no sítio era muito grande. Isso a assustava, pois tinha receio que as pessoas de seu bairro pensassem que ela queria assumir uma posição de superioridade. Entretanto, ao longo do tempo este temor foi sendo superado quando passou a engajar-se em atividades de assistência social no bairro. No momento atual diz que tem boas relações com os vizinhos.

Como no caso de outros novos rurais, a entrevistada 12 demonstrou que algumas expectativas relacionadas à residência não foram concretizadas de imediato. No caso desta entrevistada, a casa onde foi morar estava danificada, com vários problemas no encanamento e alguns vazamentos, além de constituir abrigo para outras pessoas externas a família. No entanto, estes problemas foram sendo resolvidos na medida do possível ao longo dos anos.

Na entrevista 19, as expectativas eram relacionadas com a obtenção de uma renda por meio de atividades ligadas ao rural que possibilitassem o sustento de sua família. Acreditava que indo morar no rural de Porto Alegre teria um retorno imediato por meio do turismo realizado em sua propriedade. No entanto, este investimento foi vagarosamente demonstrando sua viabilidade, como ficou perceptível na descrição do processo de introdução da atividade turística. Exigiu um pouco de insistência do entrevistado, até que surgisse um interesse e as pessoas se mostrassem interessadas em conhecer o rural de Porto Alegre por meio do turismo.

Estes quatro informantes novos rurais forneceram relatos sobre a concretização de suas expectativas ao mudarem-se para o sul rural de Porto Alegre, demonstrando que os desgostos por ele sentidos não estavam relacionados com o espaço em si ou com o modo de vida adotado. Mas estava relacionado com a organização da propriedade e das atividades, até que os sítios ficassem da maneira como o almejavam.

Mesmo tendo estes problemas, três destas pessoas declararam estar satisfeitas em residir no rural de Porto Alegre. Somente o Entrevistado 19 demonstrou aborrecimento com os resultados obtidos com a atividade do turismo rural, e, indiretamente, com o espaço da referência para a pesquisa. Inconformismo que gerou o investimento em uma atividade ligada ao setor de serviços em fase de expansão.

Para o caso de dois informantes, a prática agrícola trouxe surpresas quanto à forma como eram realizadas. Esta descoberta, tanto da entrevistada 1, como do entrevistado 15, fez com que as expectativas de morar em um local tranquilo e calmo se concretizassem. Mas, em aspectos como uma maior autonomia, que se refletiria em maior tempo de permanência em seu sítio, alternativas para não poluir o ambiente e produção do próprio alimento, os resultados obtidos foram aquém das expectativas.

Diferente do exposto pelos demais informantes a entrevistada 21 conhecia o local onde iria morar, bem como as atividades que iria realizar em sua propriedade. Por isso, a mudança

de residência e o estilo de vida adotado estavam de acordo com suas expectativas. O local de residência lhe proporciona liberdade em vários aspectos: poder observar a paisagem e tomar as próprias decisões sobre os rumos do local onde se encontra instalada.

Como é possível observar, apenas para uma das entrevistadas as expectativas foram totalmente atendidas apresentando, na maioria dos casos, novas características não perceptíveis antes da mudança de residência. As características não percebidas por esta categoria antes de se mudar para o rural estão ligadas às dificuldades encontradas para organizar o sítio conforme os desejos. Em outros casos, alguns aspectos do rural que não eram conhecidos estão relacionados com as práticas agrícolas e com a própria viabilidade mercadológica de atividades ligadas ao rural. Neste caso, indicam que não era perceptível por atores externos características que são próprias do rural.

Além destes pontos referentes ao local escolhido para morar, a percepção do rural de Porto Alegre também apresentou variações. O entrevistado 6 antes de morar neste espaço o percebia como um local de lazer. Esta impressão originou-se de experiências tidas quando criança, em momentos em que freqüentava o bairro Lami com seus pais.

O Lami era como uma área de lazer. Quando eu vinha pra cá era sempre, foi uma área de lazer. Eu nunca tive o intuito de me envolver com o Lami, digamos assim, com a área rural. No momento em que eu tive contato com esse rural [...] eu senti que eu realmente tinha uma oportunidade de construir alguma coisa legal aqui dentro do Lami. (E6, G2, p. 8).

Este novo rural considera a importância de estar em harmonia com a natureza buscando um aprendizado na observação do convívio com os animais. Adepto de uma alimentação viva, onde os alimentos são consumidos semi cozidos, a qualidade dos produtos alimentícios é averiguada. No sítio ele cultiva alguns dos alimentos, outros são adquiridos na FEJB e dos agricultores agroecológicos que estão situados no entorno ao local ocupado por ele. Através de atividades de turismo rural e de consultas de terapia obtém uma renda para se sustentar.

Igualmente ao entrevistado 6, a entrevistada 8 tinha percepção do rural de Porto Alegre como um espaço de lazer, além de compor um local pelo qual tinha uma identificação. Quando se mudou para o bairro Lomba do Pinheiro, esperava encontrar um estilo de vida diferente do vivenciado nos bairros mais centrais da capital e isto se confirmou plenamente.

Em seu sítio, consegue ter um melhor discernimento sobre o que é necessário para se viver bem e não se sente pressionada para obter produtos dos quais não precisa.

Atualmente, esta informante ainda demonstra a mesma percepção de quando pretendia voltar às raízes tornando-se uma nova rural. Mas, ressaltando a importância que tem este espaço dentro do município, pois, segundo sua visão, a produção agrícola é expressiva.

No caso da Entrevista 19, inicialmente, quando se tornou novo rural, o entrevistado via o novo local como um potencial a ser explorado com a atividade do turismo, seu caráter preservado conciliado com a produção agrícola proporcionava um aprendizado aos habitantes de Porto Alegre com hábitos urbanos. Conforme esta menção que considerava uma possibilidade de geração de renda aproveitando estas características, o espaço compunha um instrumento que o faria reestruturar novamente sua vida. Além disso, descobriu o rural em Porto Alegre como sendo importante para as pessoas que vivem em um meio estritamente urbano. Através do turismo, permite às crianças poderem conhecer a origem dos produtos que elas consomem, proporcionando-lhes um aprendizado prático que dificilmente iriam ter nas escolas.

Os três últimos informantes apresentam trajetória de percepções diferenciadas. A percepção da entrevistada 12 do local onde foi morar praticamente não se alterou. Para ela, no momento da troca de residência, este local era percebido como diferente do espaço mais urbanizado da capital, mais calmo e com menos poluição. Desde que se mudou para este local, há 28 anos, o espaço rural continua apresentando estas mesmas características.

Entretanto, assume que ocorreram algumas alterações na forma como ela se sente no local. Este continua sendo maravilhoso, mas, atualmente é visto pela informante com preocupação, pois percebe que estão ocorrendo alguns desmembramentos de propriedades no sul de Porto Alegre. Sente que há um risco deste local se tornar mais urbanizado, perdendo a tranquilidade e ar puro que fortemente o caracterizam.

Uma das informantes (21) demonstrou ao longo do tempo pouca alteração de sua percepção, pois ela já conhecia o local onde iria morar, bem como as atividades que iria realizar em sua propriedade. Por isso, a mudança de residência e o estilo de vida adotado estavam de acordo com suas expectativas. O local de residência lhe proporciona liberdade em vários aspectos: poder observar a paisagem e tomar as próprias decisões sobre os rumos do local onde se encontra instalada. Também, sempre achou que viver neste espaço seria como residir em uma “cidadezinha de interior”. Atualmente, ela vivencia uma relação de proximidade com vizinhos o que, para ela, é um aspecto de cidades mais interioranas.

Entretanto, como aspecto secundário, é possível citar duas pequenas alterações na forma de ver o local de residência. Um deles está ligado à distancia que se encontra do Centro da cidade. Esta noção do tempo e dos quilômetros a serem percorridos não foram estimados por ela no momento de se mudar para o local. Outro aspecto está relacionado com a necessidade sentida por ela de ter alguém cuidando do sítio nos momentos em que a família sai para viajar. Um cuidado necessário com os animais, cachorros e galinhas, que não podem ficar muito tempo sem se alimentar, e com a segurança da própria residência. Estes dois aspectos não chegaram a comprometer o interesse em residir no sul rural. Foram incorporados à percepção que esta informante tinha do local.

Para outros dois informantes novos rurais, o caminho das percepções foi acompanhado pela descoberta da prática de produção agrícola. No caso da informante 1, no momento da entrevista, esta residia no sítio há um ano e um mês, e ainda não havia conseguido produzir alimentos como mandioca, batata e milho. O entrevistado 15 também teve sua percepção do sul rural de Porto Alegre alterada, pois esperava uma dificuldade menor no processo de produção agrícola. Pensava que seria mais fácil produzir os alimentos e não tinha noção da quantidade de trabalho e da necessidade de recursos financeiros. Somente havia visto produções agrícolas, nunca tinham experimentado cultivar algum produto, e não tinha escutado nenhuma explicação sobre isso. Pensava que onde fosse plantar, independentemente da época, haveria produção. Assim, teve decepções quanto a este aspecto.

Mesmo assim, diz que é fácil pensar em produzir de modo agroecológico, pois as técnicas, os saberes, já foram pesquisados, sendo necessário aplicá-los. Para ele, olhar o rural de fora trazia uma percepção mais lírica:

Fica meio que uma questão meia romântica assim do rural: “bá, aqui é legal, aqui é bonito, tudo o mais, aqui eu vou plantar a minha própria comida, vai dar tudo certo!” Daí tu acha que é do dia pra noite que isso vai acontecer, sabe! Fica imaginando assim de fora, e daí quando tu vem pra cá, as coisas acontecem assim, mas é bem mais lento, e é todo um processo, e é um processo que tu vai vivenciando tudo acontecer. (E15, G3, p. 15).

Diferenciando-se de outros novos rurais, para estes dois novos rurais as atividades agrícolas desenvolvidas fizeram emergir um elemento que faz parte deste meio. As dificuldades sentidas por eles estão concatenadas ao fato de que não haviam tido contato com a agricultura anteriormente ao estabelecimento de residência neste local. Por não conhecerem

as formas de cultivo e produção agrícola, acreditavam que não era necessário um conhecimento mais específico. Isso levou a uma desilusão inicial, pois o grau de dificuldade esperado era inferior. Eles encontram dificuldades relacionadas às práticas e técnicas agrícolas a serem adotadas, aos tipos de solo adequados à plantação e ao conhecimento de espécies de árvores.

Pode-se concluir esta breve seção salientando que praticamente todas as percepções dos informantes novos rurais antes e depois da residência no rural se diferenciaram. Algumas delas mudaram totalmente, como é o caso do entrevistado 6, outras passaram por acréscimos sem perder sua essência, como é o caso da entrevistada 21. As variações de percepções estão conectadas às diferentes experiências e ao contexto a que passam a estarem submetidos estes atores.

6 RURAL E PERCEPÇÕES

Neste capítulo, a intenção é aprofundar a análise das percepções do rural de Porto Alegre expressas no capítulo anterior, buscando compreender brevemente como experiências e o contexto que cada um dos informantes está inserido influencia nas suas percepções. Além desta análise, também será apresentada uma discussão sobre o rural baseada nas categorias de percepções identificadas buscando apontar aproximações com textos teóricos que discutem a temática rural. Uma última discussão foi elaborada com o intuito de indicar a importância que determinado “lugar agroecológico” vem assumindo recentemente na preservação do rural e do natural de Porto Alegre.

6.1 FATORES DETERMINANTES NAS PERCEPÇÕES

“Os dados apreendidos num determinado momento exibem significado, graças aos vínculos que os prendem aos apreendidos momentos antes”
(PENNA, 1997, p. 14).

A abordagem teórica indica que a forma de perceber origina-se de inúmeras experiências de cada ator, permeadas pelo contexto em que está inserido. A relação com o contexto acontece por uma via de mão dupla onde o contexto influencia a pessoa e esta exerce influência sobre ele (SOUZA, 2009).

A relação estabelecida com o meio faz com que surjam formas de interpretá-lo fundamentadas nestes vínculos. Esta relação se dá através de trocas onde o indivíduo fornece e recebe informações. A “troca e a interação que ocorre em determinado ambiente e com cada pessoa pode refletir diferentes formas de entender a realidade” (SOUZA, 2007, p. 104).

Assim, a forma de perceber o espaço é determinada por características individualizadas da pessoa e pela esfera que a circunda caracterizada por interações sociais, situações de cunho político particularizadas para um determinado tempo e espaço, condições econômicas, cultura, dentre outras características. “Cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive” (OLIVEIRA, 2006, p. 35).

A influência do meio sobre as pessoas pode ser observada em uma citação de um pequeno trecho da entrevista de uma informante. A forma como conheceu o rural de Porto Alegre deu-se pelos roteiros dos Caminhos Rurais. Antes de trabalhar na Secretaria Municipal de Turismo (SMTur) de Porto Alegre ela nem imaginava que existia na capital gaúcha um espaço rural. Provavelmente, este fator tenha direcionado algumas de suas explicações de como percebe estes roteiros da capital gaúcha e não propriamente o espaço rural. Esta indicação aparece na seguinte fala: “É o verde que a gente tem que ter, é o nosso pulmão, é o nosso verde, é o agroecológico esses são os **pontos fundamentais do Caminhos Rurais**” (E10, G2, p. 12, grifo nosso). Falando de características atribuídas por ela aos Caminhos Rurais e não ao rural de Porto Alegre mesmo quando a pergunta era sobre este espaço. Esta “confusão” está ligada com a forma como conheceu o espaço rural. Por isso, o meio no qual estava inserida, a SMTur, influenciou-a para que apreendesse, inicialmente, o rural de Porto Alegre como roteiros turísticos dos Caminhos Rurais.

Deste modo, algumas características do rural se tornam mais visíveis quando existem experiências anteriores que auxiliam no seu aparecimento. Isto porque, se as pessoas são capazes de citar características de um espaço ou de um lugar é por que passaram por experiências nas quais puderam, por meio das condições da percepção, identificar algumas de suas especificidades (MERLEAU-PONTY, 2006). Assim, as experiências vivenciadas anteriormente ou mais recentemente auxiliam para que as informações ou os dados sejam percebidos e assumam caráter considerável.

Para cada uma das categorias de percepções do rural de Porto Alegre, existem contexto e experiência diferenciados que influenciam e ajudam a explicar por que estes informantes identificam o rural de Porto Alegre da maneira como expressaram. Pode-se dizer que no caso da categoria agroecológico, os informantes estão envolvidos em experiências com agricultores agroecológicos por meio dos quais definem percepções através do contato que tem com estes.

No caso dos informantes que perceberam o espaço como sendo de qualidade, constatou-se que têm experiências que estão fortemente relacionadas com o rural: três deles tem suas ocupações profissionais diretamente ligadas com este espaço. Motivados por relações com atores do rural, algumas práticas são originadas. Dentre elas o próprio consumo de produtos mais específicos da FEJB: “[...] eu compro ali [ervas medicinais] porque um dos ervateiros ali eu trabalho, então com ele, eu tô sempre ali, eu to sempre comprando alguma coisinha dele.” (E4, G1, p. 6).

Em outros casos, identificam-se prováveis associações entre as atividades desenvolvidas no trabalho em espaço rural e as percepções. Um dos informantes que trabalha em uma ONG que atua no sul de Porto Alegre, descreve sua ocupação desta forma: “a gente trabalha justamente com a educação ambiental da comunidade do morro e das crianças de escolas no entorno, trazendo pra eles o que é uma unidade de conservação, como funciona como é protegida, [...] além de **mostra** toda vegetação, toda mata” (E18, G1, p. 4, grifo nosso). Indicando que atua desempenhando atividades de educação ambiental onde ensina crianças mostrando a vegetação que há nas comunidades. Ao observar sua percepção do rural de Porto Alegre identifica-se que este espaço também está vinculado ao mostrar, devendo existir para que as pessoas urbanas aprendam como ocorre a produção agrícola.

Uma relação parecida entre prática profissional e percepção é observada nas experiências de um novo rural que desenvolve a atividade do turismo rural em sua propriedade. Quando se mudou para o sítio, este se constituía em sua única fonte de renda visualizada através do turismo rural. O que se percebe é que a atividade que passou a desenvolver em seu sítio está presente na percepção do rural: “[...] **saber que o quê eu faço dá um retorno pro meio urbano muito bom**, que é tu manter em qualidade de vida aqui, ar puro, e tu dá em educação que tá faltando muita coisa pro meio urbano” (E19, G3, p. 19, grifo nosso).

O que primeiro chama atenção é um vínculo estabelecido entre atividades profissionais desempenhadas no rural de Porto Alegre e as percepções, indicando que a percepção está vinculada com práticas cotidianas. Esta identificação se aproxima da citada por Penna (1997, p. 191) onde o espaço de vida de uma pessoa determina uma seleção de aspectos do meio físico baseando-se em um princípio econômico onde conviver com a totalidade do meio seria perturbador. A pessoa, “em função de sua constituição e de suas estratégias de vida, segregaria da realidade apenas aqueles aspectos de fato relevantes para efeito de uma adaptação eficaz”. Então, como observado, as atividades profissionais compreendidas como estratégias de vida de uma pessoa determinam a forma como percebem o mundo.

A possibilidade de reproduzir-se por meios ligados ao rural determina que as percepções deste espaço estejam ligadas com as atividades de suas profissões. Estas percepções são mais bem compreendidas quando se observa que as necessidades de uma pessoa, determinam o planejamento da vida de maneira estratégica para supri-las. Assim, as necessidades direcionam a forma de conceber o mundo e subordinam processos perceptivos (PENNA, 1997).

No caso dos componentes do grupo lugar isolado, o contexto envolvido em dois informantes indica experiências fortemente relacionadas com o espaço urbano onde há relativamente mais proximidade entre às pessoas e destas com pontos comerciais:

[...] eu me criei dentro da cidade, eu aos 15 anos já fui trabalhar em banco, e eu sempre vivi assim no meio de pessoas comercialmente, financeiramente [...] **eu não gosto de viver sozinha assim, na solidão, eu preciso ver pessoas sempre.** Então o bairro onde eu moro hoje é um bairro muito movimentado. Eu to na minha cozinha eu to vendo carros passando, eu to vendo pessoas passando, to vendo caminhões, ônibus passando, to vendo... o ponto da minha [casa] é bem estratégico, assim, é de muito movimento (E3, G2, p. 3 e 4, grifo nosso).

eu sempre morei, no meio do cimento né, e mesmo viajando em qualquer outro lugar, eu sempre vejo uma casinha no meio do campo no meio do nada e penso, mas como é que aquela pessoa vive ali, longe de tudo. **Eu sempre tive tudo ao redor,** a farmácia ta a uma quadra de casa, o mercado ta do lado, a padaria ta na outra esquina (E10, G2, p. 8, grifo nosso).

Para quem sempre conviveu próximo as pessoas desde que começou a exercer atividades profissionais, o rural, enquanto espaço menos densamente povoado, apresenta-se como um local onde há uma distância maior entre as pessoas o que pode vir a expressar em menor quantidade de relações interpessoais (TUAN, 1983). Pois, a tendência aponta para a indicação de que em ambientes com maior quantidade de pessoas há possibilidade de ocorrer mais relações sociais entre as pessoas.

Acredita-se, também, que a sensação de solidão e isolamento está entrelaçada com a noção de espaciosidade. A espaciosidade é medida com a quantidade de espaço necessário para uma pessoa não sentir-se pressionada por outras pessoas. Este quesito varia de cultura para cultura e pode demonstrar oscilações em uma mesma cultura. Assim, a sensação de solidão experimentada em alguns ambientes, está ligada a estar só em um ambiente que é sentido como espaçoso demais. Por isso, em patamares variáveis, a sensação de solidão pode estar vinculada ao espaço mais extenso do rural (TUAN, 1983).

No caso do grupo de informantes da categoria contradições observa-se que estão muito próximos ao rural de Porto Alegre apresentando relações com atores que residem neste espaço. Havendo informantes que tem suas residências localizadas em bairros onde há rural, sendo novos rurais e moradores que não possuem rendas oriundas de atividades do rural.

A maioria das pessoas que expuseram as contrariedades do rural, não estava vinculada à instituições atuantes nesta área mais preservada de Porto Alegre, por isso não tinham

vínculos profissionais ligados, direta ou indiretamente, a este espaço. Possuíam uma fala e um discurso desvinculado destas influências.

Esta proximidade faz com que apareçam tanto características positivas relacionadas com belezas locais e culturais, quanto ameaças de comprometer a continuidade deste espaço rural e natural. Deste modo, suas percepções assumem um caráter que aponta o que lhes fascina e o que lhes preocupa pondo em risco um espaço que é apreciado.

Por último, o grupo liberdade expressa fortemente percepções do rural remetendo ao “sítio”, lugar onde convivem durante a maior parte do tempo. No caso deste grupo de percepções, pode-se dizer que a expressão espaço rural é “um símbolo comum de liberdade” por ser aberto ao olhar e ao pensamento (TUAN, 1983, p. 61).

Apesar de informantes deste grupo já terem uma percepção do rural de Porto Alegre antes de se mudarem para este espaço, o viver em um local sob condições que, na maioria dos casos eram novas, exigiu deles uma adaptação com o novo meio.

[...] a gente plantava por tudo, porque a gente não tinha também, apesar de ter lido, certas coisas o livro não vai te dizer, qual é o lado norte daqui que a gente... ta sabe uma posição solar aqui de determinado lugar, [mas] que horas que bate uma sombra lá? Se é bom ou se é ruim pra plantá? Ou se é mais seco, ou se é mais arenoso o solo... essas coisas assim tu vai vendo. (E15, G3, p. 12).

A fase de mudança de local de residência trouxe-lhes momentos em que experimentaram fortemente o novo ambiente. Confrontaram-se com realidades que não estavam totalmente adaptados por mais que imaginavam e tinham expectativas de como seria viver no rural.

Para estas situações vivenciadas Penna (1997) cita que “a percepção aparece como forma de atividade e como primeiro passo ao estágio para a total complementação do ajustamento do organismo ao meio”. Estando na base da ação dos indivíduos, a percepção auxilia-os a identificar as melhores soluções para problemas identificados e para que as pessoas apreendam como lidar com determinadas situações e mesmo como executar tarefas. Quando ainda não ocorre um ajustamento completo, a percepção continua atuando de maneira a proporcionar um conhecimento básico.

Posteriormente a esta fase de adaptação surgem outras que indicam que o meio passa a ser manipulado e consumido.

Durante um ano foi uma experiência muito radical na minha vida. Acostumado com movimento, atendendo, duzentas, trezentas pessoas por dia na Tristeza, me retirar pra um sítio onde eu realmente fique sozinho, esse primeiro ano de convívio foi muito difícil. **Mas também foi um aprendizado.** Eu aprendi a viver comigo e com os animais, eles são a minha companhia na verdade, hoje eu tenho outra, duas pessoas que me... que me ajudam com a manutenção do sítio, mas basicamente o primeiro ano, eu gramiei sozinho aqui, entendeu!?! **Isso me deu** uma certa, um outro descobrimento, **um outro reconhecimento da minha personalidade, fez me recordar a minha ligação com a terra, com a natureza** digamos assim né! (E6, G3, p. 4, grifo nosso).

Assim, a percepção é influenciada por fatores externos. Ela não depende somente dos sentidos e do cognitivo da pessoa, mas dos traços culturais, do contexto que determina diferentes relações sociais com pessoas e com o ambiente. Podendo alterar-se durante a vida da pessoa quando submetida a experiências com as quais não se sentia habituada.

6.2 RELAÇÕES ENTRE ABORDAGENS TEÓRICAS DO RURAL E PERCEPÇÕES DO RURAL DE PORTO ALEGRE

O real deve ser descrito, não construído ou constituído. Isso quer dizer que não posso assimilar a percepção às sínteses que são da ordem do juízo, dos atos ou da predicação.”

(MERLEAU-PONTY, 2006, p. 5).

Em sua totalidade, as cinco categorias de percepções do rural expõem o rural de Porto Alegre aproximando-se de informações sobre o rural delimitadas em textos teóricos que expõem compreensões do rural e as transformações deste espaço. Demonstrando que os informantes desta pesquisa de relações distintas com o rural não o percebem de maneira muito distante do que é identificado atualmente por pesquisadores brasileiros do rural.

Estas distintas percepções se associam a compreensões do rural conforme as interpretações do período posterior e anterior à década de 1970, quando se abordava o rural como sinônimo de agricultura, principalmente (PIRES, 2004, 153). Entretanto, observando-se palavras associativas, verifica-se que a categoria que percebe o rural de Porto Alegre como “isolado” parece “reproduzir as definições tradicionais das sociedades rurais” quando estas não entram em relação com o meio urbano (WANDERLEY, 2000, p. 17).

As percepções desta categoria indicam dois tipos específicos de isolamento deste espaço, são elas: isolamento de pessoas e relações sociais na própria comunidade rural e isolamento de estruturas e serviços urbanos. Não se relacionando com a falta de interação com o meio urbano, pois como se verifica para o espaço em questão nesta pesquisa, ocorrem diferenciadas relações sociais entre rural e urbano em Porto Alegre.

No caso do isolamento de relações sociais entre pessoas salienta-se que o menor número de pessoas residindo em um determinado local, não são fatores determinantes do número de relações próximas que ocorrem entre as pessoas. Pois foi identificado que em comunidades rurais ocorrem relações entre as pessoas que são imbuídas de maior confiança e amizade (GOMÉZ, 2001; SOLARI, 1973).

No rural existem formas de relacionamento distintas das existentes na cidade, indicando uma complexidade maior nas relações sociais. Na cidade, apesar das pessoas estarem muito próximas umas das outras em ruas, locais de trabalho e residências, a interação social não permite conhecer profundamente todas as pessoas com as quais se convive. Podendo apresentar relações sociais mais próximas, entretanto em “níveis” inferiores aos observados em meio rural.

Em uma interação entre moradores de uma comunidade localizada no meio rural, há um conjunto maior de fatores envolvidos. A vida social dos moradores de uma comunidade é mais aberta possibilitando que uma pessoa conheça a família, ocupações e parentes de seu vizinho assim como de outras unidades familiares localizadas na comunidade rural (SOLARI, 1973).

Então, o rural se transforma em espaço isolado de vida social quando se considera o número de pessoas com as quais pode se falar durante um dia. Por isso, o sentimento de solidão experimentado no rural precisa ser relativizado conforme a percepção de mundo de cada pessoa uma vez que ocorrem, neste meio, relações sociais íntimas entre os atores. O que demonstra proximidade social ao se observar a quantidade de características da vida dos locutores envolvida na conversa.

Para o caso das outras percepções da categoria lugar “isolado” identifica-se que percebem características do rural. Averigua-se que é típica do rural a situação de menor densidade populacional. Sendo uma de suas propriedades necessárias para a atividade agrícola. Do mesmo modo, a situação de isolamento de estruturas, tais como de água e esgoto e serviços de acesso às mercadorias como medicamentos e alimentos se constituem em situações presentes do rural. Estes espaços por serem distantes de centros de distribuição localizados nas cidades ainda não foram abrangidos pelo poder público e não constitui espaço viável para a atuação de serviços como de tele-entrega. Por mais que seja identificável em

alguns locais do rural de Porto Alegre, a presença destes serviços, não estão presentes para todo espaço.

No entanto, como já citado, nos tempos posteriores à década de 1970 ocorre uma alteração na forma de abordagem do rural. Acompanhada de redução no deslocamento de pessoas do rural para o urbano, ocorrendo casos de inversão onde as pessoas se deslocam do urbano para o rural. E descentralização econômica e política com instalação de indústrias no espaço rural, ocasionando o surgimento de novas oportunidades de trabalho no rural (PIRES, 2004).

“Acompanhando” as transformações nas maneiras de compreender o rural, as demais percepções do rural descrevem este espaço abordando suas diversidades de maneira semelhante à forma como o espaço rural é identificado e citado em noções teóricas publicados no Brasil e América Latina.

Uma das transformações atuais é o aumento da prática de consumo do rural e a representação desse espaço por pessoas residentes no espaço urbano. Pires (2004) destaca que as atividades não-agrícolas são decorrentes do consumo de bens e serviços por pessoas do espaço urbano, que passam a valorizar o rural, atribuindo-lhe qualidades positivas, tais como recreação, moradia e a proteção ambiental.

Identifica-se nas entrevistas do Grupo 1, assim como nos demais grupos, características do rural de Porto Alegre que demonstram como estas pessoas sentem o rural quando estão neste espaço e como gostariam de usá-lo caso tivessem um terreno e/ou tempo para se dedicar a produção do próprio alimento:

[...] é um outro ritmo de vida, sem o estress urbano, outra qualidade de vida assim, ambiental né, ar, água, produção do próprio alimento, sustentabilidade né da própria pessoa assim tenta contato maior. Ah, ficá lá fica lá curtindo a natureza, lá conhecendo a natureza, isso aí é tri bom, eu acho isso importante. (E4, G1, p. 15).

[...] todas as, as vantagens de morar longe do centro possam te dar, né [...] tranquilidade, silêncio, fauna, flora, né [...], natural, o próprio consumo direto, contato direto com a agricultura ecológica, poder plantar, colher em casa, talvez fosse fazer isso né (pausa) [...] um ambiente sadio, proximidade com o Guaíba, proximidade com as áreas mais rurais ainda, que eu gosto. (E7, G1, p. 15).

Destacam-se, além das demais amenidades percebidas no rural, o aspecto natural do rural. Segundo Froehlich (2002, p. 141), o rural “pode ser visto como refrigério justamente porque é associado a uma natureza idealizada como tendo propriedades repousantes, saudáveis e acolhedoras.” Estes aspectos são motivadores da busca por um local com as

peculiaridades do rural. Deste modo, reúne-se à característica de metrópoles de caos urbano, as características do rural provenientes de seu aspecto natural.

A categoria qualidade percebe um rural que, de diferentes formas, contribui para melhorias a Porto Alegre urbanizada. A partir disso identifica-se uma abordagem que considera complementaridades na aproximação entre rural e urbano. Kageyama (2008) salienta uma relação de complementaridade do rural com o urbano que ocorre por meio de produção e consumo. Na proximidade entre estes mundos, a função assumida pelo rural é paisagística e cultural, além da indispensável produção agrícola. O rural então assume um papel específico na reprodução e desenvolvimento da cidade.

A proximidade que se encontra o mundo rural e o urbano em Porto Alegre fornece instrumentos para o desenvolvimento uma vez que surgem vantagens provenientes da integração e proximidade de ambientes urbanos e rurais. Identifica-se, na categoria qualidade, interações de complementação que expressam o fornecimento pelo rural agroecológico de alimentos saudáveis baseados em produção sustentável aos moradores do urbano que não tem como produzi-los. Entretanto, observa-se que nestas percepções o urbano é sentido como um local pobre de compreensões sobre o rural. Necessitando instruir-se sobre as práticas rurais que originam os alimentos por eles consumidos. Esta prerrogativa trás associado à indispensabilidade deste espaço para a “educação rural”, para a despoluição da cidade e para que haja espaciosidade entre pessoas e residências.

Estas percepções apontam alternativas mais sustentáveis para o município através de uma produção localizada e ecológica. Aproxima-se em suas idéias de um modelo de desenvolvimento identificado na Itália, onde os locais de produção e consumo são fatores determinantes no desenvolvimento. Neste caso, camponeses de uma determinada região aproveitaram redes de municípios grandes e pequenos para comercializar seus produtos o que baixou seus custos de transação.¹ Conforme esta perspectiva, os centros urbanos assumem um papel relevante interferindo no desenvolvimento de áreas rurais quando o rural apresenta diversificação interna e integração externa (KAGEYAMA, 2008).

A produção ecológica tem como princípios determinantes da Agroecologia. Constata-se que agricultores familiares expressam capacidades de adequar os meios disponíveis no ecossistema com uma produção agrícola (PETERSEN; DAL SOGLIO; CAPORAL, 2009). Baseados em suas observações cotidianas e em trocas de experiências, agricultores familiares

¹ Os custos de transação são os custos presentes em todas as atividades de um sistema econômico que envolve a troca de mercadorias (COASE, 1993).

e novos rurais de Porto Alegre elaboraram maneiras de produção ecológica e auxiliam a compor um lugar com características ecológicas.

O desejo de residir num espaço rural representado mais fortemente pela categoria liberdade, apresenta-se em sentido contrário à noção que apontava a cidade como espaço de liberdade. No período recente e atual, esta palavra passa a estar ligada ao rural (FAVARETO, 2006).

Assim, o campo quando em posição de comparação com a vida na cidade, assume atribuições que eram associadas a esta. Dentre elas a forma de viver em uma vida mais comunitária, permeada por relações sociais mais próximas, típicas de cidade pouco urbanizadas. A experimentação destas sensações de proximidade social faz lembrar a forma de vida adotada em uma “cidadezinha de interior” (E21, G3).

Segundo Silva (2009), as pessoas que ligam ao campo um sentimento de liberdade não são contrárias às tecnologias disponíveis no mundo técnico-científico, como a internet, mas são avessas às formas contraditórias atuais das vivências da cidade e se mudam para o rural “pra fugir da loucura do urbano” (E1, G3, p. 9). Estes informantes sentem falta destas facilidades e da melhor qualidade dos serviços de telefonia celular e da agilidade e rapidez de acesso à internet na cidade.

Conforme uma abordagem mais recente do rural, a aproximação entre mundos antes tão distantes poderia ser compreendida através de uma perspectiva que considera a formação de um contínuo entre o rural e o urbano. Esta noção de continuidade entre estes dois espaços seria marcada por uma indistinção de atividades econômicas e mesmo de aspectos culturais.

Apesar de esta abordagem ter obtido destaque, as interações entre o urbano e o rural não causam uma homogeneização entre estes dois espaços, pois populações tradicionais, no caso agricultores familiares, captam mudanças e as transpõe à sua realidade, sem perder as características que os identificam (CARNEIRO, 1998). Algumas falas dos informantes (externos ao rural) demonstram relações com esta perspectiva quando expressam as diferenças que existem entre o local onde moram e o espaço rural. Ou quando percebem as diferenças que existem entre “a Porto Alegre” dos bairros centrais e “a Porto Alegre” que há ao sul de seu território.

Porque eles nos oferecem pra nos mostrar que em uma capital existe isso aí, muita gente não imaginava, tinha horas que a gente tava andando lá e achava que a gente tava aqui nos interior de Ivoti né, não que a gente tava dentro de Porto Alegre, eu imagino aquilo ali quando não era asfalto, que nem ela falou, a Mirta pra nós, era chão batido, bom também não existia estrada, esses Caminhos Rurais né, mas eu

imagino como é que era aquilo lá era bem interior, **mais interior ainda** né, hoje com asfalto já modifica as coisas né. (E3, G2, p. 11, grifo nosso).

Ou mesmo quando falam de características que este rural tem: “a questão de ter essa gente vivendo ah, [...] agroecológicos, vivendo disso, [...] vive disso né, isso é a vida dele, ele vive dos caminhos rurais, mas antes disso ele já vivia da produção que ele faz e que ele vende na feira” (E10, G2, p. 11).

Assim observa-se que a definição do contínuo entre o rural e o urbano não é condizente com o que se vê em Porto Alegre. As informantes citam a diferença que há entre os bairros centrais, onde está a efervescência urbana da capital, e o local onde existem características interioranas no qual são desenvolvidas atividades agrícolas mescladas com práticas turísticas com o intuito dos agricultores familiares obterem o necessário para a sobrevivência da família.

Em um trecho é destacada aspectos culturais das pessoas que vivem no rural de Porto Alegre e estão inseridas nos Caminhos Rurais:

[...] e junto com ele trás uma cultura né, que é a cultura daquelas pessoas que vivem uma vida, uma vida, não, não cimentada, digamos assim, que trazem coi, **costumes, talvez um pouco mais conservadores, que perde no dia a dia da metrópole** né, dia a dia do cimento que o acho. Eu falo do cimento porque eu acho um contraste muito grande assim né, a (rua) Independência com a zona sul eu acho que são dois opostos 100%, **o cimento e a planta e eu acho que junto com isso**, traz, tra, **traz toda uma cultura, uma cultura de família** assim sabe. Aquelas pessoas, a maioria que ta ali, herdo, herdo a terra do seu pai, da sua mãe, então tem aquela questão do pro, o próprio Sítio do Guilherme ali que é uma questão que ele herdou, que é uma questão de carinho pela terra, uma questão, um carinho pela terra [...]. Porque junto com o verde junto com essa terra, vem uma cultura de outra, a maioria ali são pessoas que vem com essa terra de geração assim, porque, eu não sei se tem algum, alguma das propriedades que chego lá e compro agora. Que nem a [...] Cycas e Palmeiras também, que tem o avô [...] que o avô compro, pra dar de presente pra filha e aquilo vai [...] vai mantendo sabe. E daí né, tu busco toda aquela questão de como valoriza aquela terra e como produzir, fazer, é tudo uma questão de gerações assim sabe é uma cultura que vem, que vem de outras gerações, que já estavam ali em Porto Alegre naquela zona rural, a muito mais tempo. (E10, G2, p. 13).

Observa-se que mesmo que os agricultores familiares estejam em interação constante com as pessoas do mundo urbano não deixaram de ter e expressar sua cultura. Principalmente, no que tange a tradição de passar as terras de pai para filho. Assim como esta informante expressou em sua entrevista, o apego e a valoração atribuída ao local onde residem os agricultores do sul de Porto Alegre são citados por eles nas visitas turísticas às propriedades.

Isto indica que o turismo rural que ocorre vinculado aos Caminhos Rurais abre espaço para manifestações de sentimentos que os agricultores têm por sua terra. Contribuindo para que mais pessoas conheçam as realidades do sul de Porto Alegre e para que venham a identificar enquanto um espaço onde o rural se faz presente. Não somente enquanto local de produção agrícola, mas como um local de cultura diferenciada dos espaços urbanos. Assim pode-se dizer que em Porto Alegre o espaço com características rurais não é percebido como homogêneo em aspectos culturais ao espaço urbanizado.

A categoria contradições expressa características que tencionam a Zona Sul de Porto Alegre, onde se localiza o rural. Estas situações de tensão são grandemente decorrentes da localização deste rural em uma capital do Brasil.

Na região metropolitana de Porto Alegre, especialmente na capital, o setor imobiliário apresenta-se influente na construção de prédios, loteamentos e condomínios em locais com distintas densidades populacionais e exercendo influência nos preços de lotes de terras: “aqui (cidade) pra onde se olha estão construindo, e derrubando casas antigas pra construir condomínios”. E “a área de Porto Alegre que é menos construída, que seria mais preservada” também tem sido influenciada por este ramo, não apresentando diferenciação das áreas urbanizadas: “eu tinha pensado em te falar com menos especulação imobiliária, mas eu acho que não mais, porque tão construindo por tudo” (E20, G1, p. 9). Segundo o INGÁ (2009), Estudos Ambientais, a ocupação para loteamentos e residências é de aproximadamente 500 hectares ao ano em áreas localizadas na Zona Sul cobertas com vegetação natural e com ocupações rurais.

As situações de contradições presentes em Porto Alegre assemelham-se a discussão trazida por Miranda (2004) entre “campo e cidade” na região metropolitana de Campinas. Numa análise sobre o setor imobiliário neste município, cita que este ramo muitas vezes influencia na definição da regulação dos usos que são dados ao solo dos municípios.

As preocupações relacionadas com o sul de Porto Alegre expressas nas percepções também são contempladas na análise de Miranda (2004) quando se referem à classificação de espaços enquanto áreas rurais ou urbanas. Em casos de definição da totalidade do território de municípios como urbano, salienta que surgem implicações relacionadas com a fragmentação do solo em unidades territoriais pequenas e com os custos referentes à extensão de infraestrutura urbana a regiões mais distantes.

Esta classificação pode problematizar as formas de regulação do uso e ocupação quando tenta conciliar a legislação para atender a distintos interesses, por vezes dificilmente compatíveis. Esta nomeação de territórios como urbanos, regrados por leis regulamentadoras

dos usos do solo, também apresenta dificuldades para impedir o surgimento de loteamentos irregulares, clandestinos e na forma de condomínios em áreas rurais (MIRANDA, 2004). O que também é apontado nas percepções: “até onde esses produtores vão ter força pra lutar contra um poder maior né [...] em função das invasões, esse que é o maior problema desses proprietários dessas regiões [...] é o pavor assim de todos os proprietários, não é só de alguns” (E13, G2, p. 13 e 16).

Oliveira² (1997 apud ESCORZA, 2004, p. 138) cita que a especulação também dificulta a criação de benefícios para a coletividade e a atuação de planejadores urbanos. Segundo Escorza (2004), a especulação do solo traz prejuízos para o coletivo de pessoas residentes, pois o preço da terra sobe, prejudicando principalmente as pessoas mais carentes que impossibilitadas de obter terrenos legalmente, se dirigem para locais distantes, desabrigados de estruturas urbanas necessárias à qualidade de vida. Por isso, a atuação do setor imobiliário quando influencia no aumento do preço de terras, causa exclusão social e é um dos causadores da origem de favelas em metrópoles e regiões metropolitanas: “esse problema da superlotação, super população, não é só o oficial né, existe o clandestino, o clandestino é cada vez maior, cada vez mais os morros tão sendo ocupados né!” (E7, G1, p. 14).

Além destes aspectos de cidades metrópoles, outra característica é a insegurança das ruas: “mas apesar de tudo isso que acontece de assalto de tudo, me parece que o espaço rural é um lugar mais seguro, é um lugar que se eu tivesse condições de morar eu moraria, até pela questão de segurança” (E11, G2, p. 13). Segundo Escorza (2004), locais perigosos não são necessariamente áreas urbanizadas mais antigas ou tradicionais, abrangendo também bairros residenciais e tranquilos. Potencializando o uso de tecnologias com o objetivo de proporcionar mais segurança.

As metrópoles e municípios em seu entorno apresentam um mundo de velocidade, de história acelerada, de valorização do efêmero e do instantâneo, conjuntamente com a cidade compartimentada, caracterizada pela realização de atividades ligadas à profissão, ao lazer e a moradia em distintos locais (SILVA, 2009).

No contexto permeado por estas características do mundo urbanizado, os problemas das cidades populosas, como a segurança, a ocupação clandestina, irregular e a segregação do solo rural e urbano são sentidas por moradores através de sensações desconfortáveis. Todas estas características traçam, em alguns dos seus moradores, o desejo de um cenário

² OLIVEIRA, A. **Estudo analítico e fenomenológico dos loteamentos fechados na cidade de São José dos Campos**. 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 1997.

diferenciado de uma vida baseada em outros moldes que não os valores de um sistema que se baseia no consumismo (SILVA, 2009).

Estas características apontadas são percebidas pelo grupo liberdade como conjunções deste mundo onde as condutas pessoais não respeitam a subjetividade de cada um de seus indivíduos ditando ritmos de vida a serem seguidos. A vida na cidade é vista como sufocante de vontades próprias de cada uma das pessoas, impondo o consumo de serviços e produtos. Fazendo com que mudem sua residência para um espaço onde a vida é menos submetida às pressões urbanas.

Nesta conjuntura, motivados por distintas experiências relacionadas com o rural este aparece como um local onde a forma de viver é percebida como diferente. Os moradores da cidade passam a sonhar com um refúgio no campo onde respirar ar mais puro, debruçam os olhos no horizonte. Provam a liberdade admirando a natureza. Almejam um lugar para residir onde a água seja limpa e os produtos sem agrotóxicos e abundantes. “Espera-se que a casa no campo seja o melhor dos aconchegos, sólido como a mais firme das terras, alimentado por um enraizamento temporal e espacial, fincado diretamente no chão e não pendurado em prédios.” (SILVA, 2009, p. 4, tradução nossa). “No momento em que esses novos estratos passam a colonizar o espaço, quando se começa a produzir bens e serviços para essa população, eles passam também a disputar a representação do rural com a população preexistente” (PIRES, 2004, p. 161).

A discussão que foi elaborada acima se deteve num ir e vir das percepções do rural para as referências teóricas que abordam o rural atualmente. Foi possível perceber que as percepções das distintas pessoas envolvidas com o rural, direta e indiretamente, denominam este espaço de maneira muito similar e até idêntica as definições do rural adotadas recentemente.

Inicialmente esta identificação chama a atenção, pois se trata de formas muito parecidas de se “interpretar” o rural feitas por pessoas que têm com ele relações totalmente diferentes. Uns se interessam por compreender suas transformações e outros o percebem como um local que pode ser usado de diferentes formas que tem características distintas, muitas vezes, obtendo informações sobre o rural por meio da feira ecológica ou pelo turismo rural. Circulando por locais que se relacionam com o rural ou pelo próprio espaço rural.

Para Mormont (1990), a compreensão do rural atualmente precisa separar o rural como espaço físico do rural como local de relações sociais. O autor assume esta postura como alternativa de pensar o rural, argumentando que os espaços rurais são continuamente usados por diferentes grupos sociais como forma de afirmação pessoal e até como um local que

presta uma identificação para estas pessoas que vão aos espaços rurais e também fazem usos de espaços marcadamente urbanos.

Usando distintos espaços produzem representações sobre estes diferentes espaços freqüentados e percebidos. Assim é que o rural passa a ser uma representação social produzida por diferentes grupos (PIRES, 2004). A partir desta concepção, o rural deixa de ser algo externo, entendido enquanto um espaço físico, e passa a, internamente, como no mundo das percepções, ser construído como um instrumento de identificação pessoal.

Deste modo, segundo Halfacree³ (1993 apud PIRES, 2004, p. 168) a “categoria” rural passa a distanciar-se do espaço físico que anteriormente o representava. Por causa desta desespacialização, o termo usado para designação do rural é ruralidades, permeado pela compreensão que o aborda como construção social.

As representações e interpretações do rural são variadas porque diferentes atores, vinculados a instituições ou não, tem interesses diferenciados relacionados com o rural e “disputam”/produzem distintas representações com o intuito de assumir uma postura. Assim, o número de ruralidades é proporcional à quantidade de grupos sociais de uma formação socioespacial (MORMONT, 1990).

Apesar desta constatação do rural como construção social não ocorre uma perda das características que marcam este espaço. Segundo Carneiro (1998, p. 5), na interação da cidade com o campo ocorreria uma diversificação de culturas que aconteceria de maneira irregular em suas mudanças de hábitos e costumes não descaracterizando a cultura urbana e rural. “Não se trata, portanto, de um processo inexorável de descaracterização dos núcleos rurais, mas da sua reestruturação a partir da incorporação de novos componentes econômicos, culturais e sociais.”

³ HALFACREE, K. Locality and social representation: space, discourse and alternative definitions of the rural. *Journal the rural studies*, London, v. 9, n. 1, p. 23-37. jan. 1993.

6.3 “LUGAR” AGROECOLÓGICO DE PORTO ALEGRE

Naquele Lami tem, porque algumas propriedades têm, algumas propriedades são agroecológicas e isso permite que as ao redor também sejam né! Eu acho que isso, se ampliassem isso ainda além do Lami começassem a aumentar esse círculo, acho que teria muita, teria muita aceitação. Por exemplo, se no Zaffari começassem a vender só produtos agroecológicos eu acho que teria saída 100%, eu acho que dava, eu acho que nós tamo chegando numa época que se tem que optar só por coisas agroecológicas e deixar as coisas, ah, cheias de fertilizantes e de [...] agrotóxicos e coisas cheias de químicos e venenos. Eu acho que se esses agroecológicos entrassem no mercado com mais força, com mais força eles iam ter as, iam repercutir, iam sair também, iam vender e ia ser melhor pra todo mundo. Então nessa questão agroecológica eu acho que esse espaço é maravilhoso, deveria crescer nesse sentido, deveria ter mais gente produzindo dessa forma e eu acho que teria mais saída e eu acho que Porto Alegre seria uma cidade ainda mais, mais saudável nesse sentido. (E10, G2, p. 12).

Assim como no bairro Lami, existe no sul de Porto Alegre, no espaço rural, um conjunto de agricultores agroecológicos. Estes agricultores envolvem-se em relações com um conjunto de outros atores tais como os grupos que compuseram os informantes para esta pesquisa: usuários da feira, turistas e mesmo os novos rurais. A presença de diferentes pessoas é um resultado da “permeabilidade” assumida pelos atores que circulando por diferentes locais, estendem suas ações por espaços urbanos e rurais, abrangendo suas propriedades, FEJB e os Caminhos Rurais.

Os locais de produção ecológica compõem um “instrumento” dos atores sociais das localidades encontradas mais ao sul do município. Mostrando-se organizado e marcado por relações intensas entre seus membros mais próximos e pessoas externas. Assistidos por órgãos públicos como a SMTur e a SMIC, do mesmo modo, ou mais, pela EMATER, conseguem encontrar incentivos para a permanência.

Além de terem potencial de jogarem conforme o meio, através de uma readaptação para continuarem e manterem a sua sobrevivência, estes relacionamentos intensos em esferas públicas, mistas e individuais, e as dimensões que a prática agroecológica assumidas em Porto Alegre demonstra a produção de alternativas frente à pressão que atualmente incide sobre o sul de Porto Alegre natural e rural.

Também é possível pensar em estratégias sustentáveis para toda a região. O espaço onde são realizadas atividades agrícolas em Porto Alegre não é suficiente para suprir a demanda por alimentos da capital. A população de Porto Alegre necessita de muito mais área para ser atendida em produtos alimentícios. Para esta situação, o interessante é o exemplo que

é trazido com a prática rural baseada em princípios da Agroecologia. Como foi destacado na categoria de percepções qualidade, estes agricultores possibilitam uma produção local e um consumo local empregando uma forma de viver e produzir mais sustentável.

Por meio disso, pode-se pensar em incentivos para este tipo de agricultura, não somente em Porto Alegre, mas em toda região metropolitana onde ainda existem áreas rurais, trazendo melhorias em diversos aspectos, mas, principalmente, no ambiental e no social. Possibilitando que famílias residentes em periferias e espaços menos privilegiados passem ter uma ocupação que lhes forneça alimentação saudável, assim como a região metropolitana poderia ser servida por alimentos mais adequados e condizentes com uma boa saúde.

Este quadro poderia a vir representar futuramente para famílias de toda a região metropolitana o que atualmente é visualizado em Porto Alegre quando se observa os novos rurais e as estratégias baseadas em autonomia que assumem agricultores familiares. Esta situação assemelhasse a denominada de *recampesinização* por Ploeg (2006), onde pessoas tornam-se camponesas vindas de qualquer outra condição. A situação camponesa apresenta diferentes graus em que são considerados alguns fatores, tais como: dependência em relação ao mercado e agentes, relativa autonomia, magnitude e controle de recursos gerados e níveis de produtividade.

O processo de recampesinização a que me refiro não se confunde, de forma alguma, com um mero “retorno ao passado”. Trata-se, ao contrário, de uma ativa reconstituição de relações de elementos (velhos e novos, materiais e simbólicos) que ajudam a encarar o mundo moderno, mas em muitos aspectos grosseiro e cruel, de forma mais adequada e atrativa. (PLOEG, 2006, p. 47).

A forma como estes atores engajam-se no espaço rural de Porto Alegre, e se encontram motivados e estimulados a continuar residindo em um espaço como este, pode surtir efeito contra o setor imobiliário que atua adquirindo terras para investimentos na forma de condomínios e loteamentos. Assim, poderão continuar desempenhando suas atividades ligadas ao rural e mantendo um espaço mais verde que é significativo para a qualidade de vida de toda a população de Porto Alegre, uma vez que o cultivo agroecológico é sustentável e os alimentos são mais saudáveis do que os produzidos conforme práticas de agricultura convencionais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que um pesquisador chega a um espaço para entendê-lo, o rural de Porto Alegre foi abordado conforme percepções de atores externos que se inserem no rural de diferentes formas e por períodos de tempo distintos. Assim, a maneira como esta pesquisa foi planejada abordou o rural em uma direção que partiu de “fora para dentro”.

Esta forma de pesquisar demonstrou, ao longo do trabalho, ser um interessante e adequado instrumento para obter dados da realidade de espaços e lugares. Uma pesquisa elaborada com a participação de um leque de pessoas selecionadas com o intuito de melhor representá-los, pode fornecer informações para elaboração de diagnósticos. Por meio de pesquisas baseadas em metodologias parecidas, podem ser identificadas quais são as necessidades e demandas de uma comunidade rural, vindo a contribuir para melhorias e para o desenvolvimento.

Dentro de uma temática de estudos rurais, este trabalho veio a ressaltar um conjunto de fatores que se fazem presentes no rural atualmente, principalmente, a presença de atores que estão indiretamente envolvidos com a prática rural, e que vem auxiliando na composição do que é o rural.

As relações diferenciadas com o rural de Porto Alegre, onde distintos grupos de pessoas originam práticas demonstram a existência de percepções deste espaço. Apesar de serem identificadas inicialmente algumas formas de interação com o rural de Porto Alegre, pela feira ecológica, pelo turismo rural e no caso dos novos rurais, estas formas de ligação não determinam um “tipo” específico de percepção do rural. Por isso, as percepções não são, necessariamente, similares dentro de cada um dos grupos desta pesquisa. Pelo contrário, dentre as categorias de percepções identificadas e agrupadas pela similaridade, não houve nem uma delas composta por informantes de um mesmo grupo, demonstrando que as percepções do rural podem variar mesmo entre pessoas que apresentam uma mesma forma de relação com este espaço.

As ligações com o mundo rural identificadas durante a coleta de dados foram além das estipuladas. Foi descoberto que além de ligarem-se ao rural pelas formas previstas, existem interações com este espaço circunscritas à profissão e aos laços pessoais. Estas formas de relacionamento com o espaço também são fatores determinantes das percepções, e contribuem para que surjam formas diferenciadas de perceber, inclusive entre pessoas de um mesmo grupo.

Assim, o rural de Porto Alegre foi descrito pelos informantes apresentando diferentes lugares. Conforme a categoria de lugar agroecológico, o rural de Porto Alegre é um espaço onde são cultivados alimentos baseando-se em princípios da Agroecologia. Para o grupo lugar qualidade, o espaço rural é percebido como imprescindível para uma cidade e para o município, aparecendo como fornecedor de alimentos, como um local onde o ar é puro e onde pode ocorrer o aprimoramento do conhecimento sobre as práticas do rural. No caso do grupo lugar “isolado”, o rural é percebido como um local não relacionado ao mundo urbano, onde estão disponíveis mercadorias e, principalmente, serviços. Na categoria que definiu o rural de Porto Alegre como lugar de contradições, aparecem as ameaças de ocupação irregular e originárias da incidência do setor imobiliário, bem como características do local, no que tange aos aspectos natural e rural, que o torna bonito e faz com que surja o desejo de manutenção do espaço. Por último, identificam-se na categoria lugar liberdade experiências desagradáveis vivenciadas no mundo urbano que fazem com que conviesse aos informantes um mundo distinto, o rural, onde as situações a que estariam expostos no dia a dia são agradáveis.

Abordando as percepções sob um viés que parte de um princípio descritivo, uma vez que, no mundo das percepções, “o real deve ser descrito, não construído ou constituído” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 5), buscou-se nesta pesquisa aproximar as percepções do rural de Porto Alegre com referências que auxiliassem na sua compreensão, e não elaborar uma análise de percepções. Assim, identifica-se que as percepções estão presentes nas pessoas, condicionadas por fatos da história de vida e permeadas pelas experiências vivenciadas mais recentemente. Esta característica das percepções faz com que o rural de Porto Alegre seja descrito conforme as sensações experimentadas no espaço rural e conforme o cotidiano onde se está constantemente exposto a novas experiências, reconfigurando percepções.

Deste modo, se observou que a qualidade atribuída às situações cotidianas da vida de cada um dos informantes, agradável ou desagradável, também se faz presente, indiretamente, na percepção do rural de Porto Alegre. Dependendo desta qualidade, a percepção assume uma postura de lugar que apresenta características combinantes com os desejos de vida ou de local não combinante com as afinidades de determinados grupos de pessoas. As situações cotidianas urbanas a que estão sujeitos os informantes do lugar “isolado” são explicadas, em sua maioria, como sendo agradáveis, uma vez que estes informantes demonstraram ter o desejo de continuar no mundo onde estão inseridos. Já para o grupo qualidade a situação é inversa, pois eles identificam no meio urbano, onde residem, situações desagradáveis, o que os incita a perceber o rural com bons atributos.

O conjunto de percepções do rural, identificado e agrupado conforme a similaridade de perceber aproxima-se, em suas formas de descrição, com outras abordagens expostas em textos teóricos sobre esta mesma temática. Assim, observou-se que para o caso do grupo de pessoas que citaram o rural de Porto Alegre como um lugar “isolado” verifica-se, em certa medida, aproximação com a abordagem do rural definida como tradicional. Nesta abordagem o rural era atrasado em contraponto com a cidade moderna. O rural era composto por uma sociedade que não se relacionava com a sociedade moderna localizada nas cidades e eram-lhe atribuídas características como a carência de serviços e de infra-estrutura.

Os demais grupos de percepções fazem descrições do mundo rural de Porto Alegre assemelhando-se a abordagens teóricas que consideram as diversidades do rural. Nestas abordagens o rural é um local onde ocorre produção agrícola. Entretanto, para além disso, é um local que atrai a atenção dos moradores de grandes cidades por apresentar aspectos condizentes com suas demandas, demonstrando “propriedades repousantes, saudáveis e acolhedoras” (FROEHLICH, 2002, p. 141).

Nesta perspectiva foram consideradas atividades desempenhadas no rural ligadas ao setor secundário e terciário e que anteriormente eram restritas às cidades. Pode-se citar a produção e beneficiamento de produtos agrícolas saudáveis e o turismo rural como exemplos destas atividades. Também é aproveitada a proximidade do mundo rural ao mundo urbano para a comercialização de produtos agrícolas, favorecendo o bem estar da população de ambos os espaços.

Diferentes atores descrevendo, através de percepções, o que é o rural identificam-se com abordagens teóricas quando assumem posições semelhantes às encontradas em textos. As aproximações entre percepções do rural de Porto Alegre e textos que abordam a temática rural salientam que existem formas semelhantes de referir-se ao rural em diferentes grupos sociais. Esta similaridade acontece mesmo entre pessoas que não desempenham atividades do rural, como os turistas. Por isso, percebe-se uma construção social do rural entre grupos sociais que se relacionam de diferentes formas com este espaço: consumindo-o, utilizando-o como meio de sobrevivência e mesmo pesquisando-o.

Por fim, acrescentasse às considerações expostas que a prática agrícola baseada em princípios da Agroecologia, desempenhada ao sul de Porto Alegre e presente na interação com o rural nos três grupos de informantes desta pesquisa, na medida em que permeia as relações em diferentes áreas e entre diferentes atores, passa a fornecer uma identificação para o rural de Porto Alegre. Esta associação ao rural de Porto Alegre da característica “lugar” de produção com base agroecológica pode proporcionar uma ‘identidade’ ao sul de Porto Alegre,

podendo tornar-se um instrumento de resistência às forças maiores que ameaçam transformar este espaço.

REFERÊNCIAS

ARCOOÍRIS. **Histórico [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <lillianbstn@hotmail.com> em 17 fev. 2010.

ARGILAGA, M. La observación participante. In: BAZTÁN, A. (Ed.). **Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995. p. 73-83.

ASSOCIAÇÃO PORTO ALEGRE RURAL. **Guia Porto Alegre rural: descubra o lado rural da capital gaúcha**. Porto Alegre: CRPA, 2009.

BARREIRO, D. (Org.). **Feira agroecológica: alimentos saudáveis gerando renda e promovendo relações justas e solidárias no mercado**. Ouricuri, PE: Caatinga, 2008. Disponível em: <http://www.caatinga.org.br/Cartilha_feira_agroecologica_2.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2010.

BASTIAN, L.; SOUZA, M. A introdução do turismo rural entre agricultores familiares da Zona Sul do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. In: JORNADAS DE JÓVENES INVESTIGADORES, 16., 2008, Montevideo, Uruguai. **Trabalhos completos...** Montevideo, Uruguai: UR, 2008. p. 3635-3643. CD-ROM.

BAZTÁN, A. (Ed.). **Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995.

BORBA, P. **O funcionamento da referência na perspectiva da análise do discurso: um estudo sobre o discurso do esquizofrênico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7105>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

BRICALLI, L. **Estudos das tipologias do turismo rural: Alfredo Chaves (ES)**. Santa Maria: Facos, 2005. (Série Dissertações em Turismo Rural, 4).

CAMINHOS RURAIS. **Histórico**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.caminhosrurais.tur.br/index.asp>>. Acesso em: 6 maio 2010.

CAPORAL, F.; COSTABEBER, J. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Disponível em: <<http://www.agroeco.org/socla/archivospdf/Agroecologia-Conceitos%20e%20principios1.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

CAREGNATO, R.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise do conteúdo. **Texto e Contexto: Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684. out./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 dez. 2009.

CARNEIRO, M. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 53-75. out. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

CAUHÉ, S. Entrevistas y cuestionarios. In: BAZTÁN, A. (Ed.). **Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995. p. 171-180.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COASE, R. Teoria da firma. In: WILLIAMSON, O.; WINTER, S. **The Nature of the firm: origins, evolution and development**. New York: Oxford University Press, 1993. p. 18-33.

COOLMÉIA. **Estatuto social: cooperativa ecológica Coolméia**. Porto Alegre, 2000.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2010.

DUARTE, T. **Os efeitos do turismo rural: um estudo de caso nas famílias agroecológicas dos Caminhos Rurais de Porto Alegre – RS**. 2009. Trabalho de Conclusão do Curso (Curso de Bacharel em Turismo) - Curso de Turismo, Centro Universitário Metodista, Porto Alegre, 2009.

ECHEVERRIA, T. **Caipiras e samurais modernos: um estudo sobre pequenos proprietários rurais na microbacia do rio Cachoeira**. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000069629>>. Acesso em: 4 abr. 2010.

ESCORZA, R. A urbanização do novo rural: condomínios horizontais em Vinhedo, SP. In: CAMPANHOLA, C; SILVA, J. (Ed.) **O novo rural brasileiro: novas ruralidade e urbanização**. Brasília: Embrapa Formação Tecnológica, 2004. cap. 5, p. 131-147.

FALCÃO, A. et al. **Sistemática de organização dos grupos agroecológicos em Porto Alegre**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2006.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão: do agrário ao territorial**. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-24042008-113514/>>. Acesso em: 16 set. 2009.

FLICK, U.; ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

FLICK, U.; GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

FLORES, A. **Porto Alegre: história e cultura**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. (Coleção Campo Teórico).

FROEHLICH, M. **Rural e natureza: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Micheul Pêcheux**. 2. ed. Campinas: EDUnicamp, 1990.

GERMANI, A. **Estudo sobre uso das espécies vegetais nos projetos paisagísticos para as áreas verdes públicas de Porto Alegre**. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6392>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

GIBSON, J. **The perception of the visual world**. Boston: Hought Mifflin, 1950.

GIESTA, L. **Organizações preocupadas com a gestão ambiental e de pessoas e com o reflexo na promoção de capital social: estudo de caso em cooperativas gaúchas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15329>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 244-270.

GIULIANI, G. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 5, n. 14, p. 55-68, out. 1990. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_05.htm>. Acesso em: 13 maio 2009.

GOMÉZ, S. ¿Nueva ruralidade?: un aporte al debate. **Estudios Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 5-32, out. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudios/dezessete/gomez17.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2009.

GOOGLE EARTH. [Porto Alegre: Avenida José Bonifácio]. Santa Clara, Califórnia, jan. 2009. 1 mapa, color. Escala 1:31.333. 4.66 MB. Coordenadas geográficas 30°02'11.90" S 51°12'56.61" O. Disponível em: <http://maps.google.com.br/maps?q=porto+alegre+mapa&oe=utf-8&client=firefox-a&rlz=1R1WZPB_pt-BR__BR363&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=Porto+Alegre+-+RS&gl=br&ei=VqoFTK6DF8iZuAfZsJ33DQ&sa=X&oi=geocode_result&ct=image&resnum=1&ved=0CB4Q8gEwAA>. Acesso em: 17 dez. 2009.

INDUSRSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira (1964-1984)**. 1992. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000055530>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

INGÁ. **Minicurso áreas naturais e rurais: Porto Alegre**. Porto Alegre, 2009. 1 CD-ROM.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/default.asp?o=2&i=P>>. Acesso em: 24 jan. 2010.

_____. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2000ru.asp>>. Acesso em: 2 fev. 2010.

_____. **Contagem da população 2007**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/cp/default.asp?o=7&i=P>>. Acesso em: 2 jan. 2010.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicações ao caso brasileiro**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2008. (Série Estudos Rurais).

KOZENIESKI, E. **Porto Alegre: Caminhos Rurais**. Porto Alegre, 2009. 1 mapa, color. Escala 1:1.350. Projeção cartográfica SAD-69. 2009 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lillianbstn@hotmail.com> em 21 fev. 2010.

_____. **Porto Alegre: comercialização na CEASA/RS**, 2009. 1 mapa, color. Escala 1:1.350. Projeção cartográfica SAD-69. 2009 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lillianbstn@hotmail.com> em 21 fev. 2010.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

MACEDO, F. **Porto Alegre: aspectos culturais**. Porto Alegre: PMPA, 1982.

MENEGAT, R. (Coord.). **Atlas ambiental de Porto Alegre**. 3. ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006. 1 atlas. Escalas variam.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MIRANDA, Z. Campo e cidade em Regiões Metropolitanas. In: CAMPANHOLA, C; SILVA, J. (Ed.). **O novo rural brasileiro: novas ruralidade e urbanização**. Brasília: Embrapa Formação Tecnológica, 2004. cap. 4, p. 107-130.

MORMONT, M. Restructuring agriculture in advanced societies: transformation, crisis and response. In: MARSDEN, T.; LOWE, P.; WHATMORE, S. (Ed.). **Rural restructuring: global processes and their responses**. London: David Fulton, 1990. p. 21-44. (Critical Perspectives on Rural Change Series).

MURILLO, L. **Uma proposta de interface entre dois domínios da análise de discurso: a linha francesa e a sua relação com a teoria crítica do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

OLIVEIRA, N. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, Curitiba, v. 16, p. 32-46. jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/INDVOL16.php>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

ORLANDINI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Micheul Pêcheux. Tradução do artigo Jonas de A. Romualdo. 2 ed. Campinas: EDUunicamp, 1990. p. 311-318.

PENNA, A. **Percepção e realidade**: introdução ao estudo da atividade perceptiva. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PETERSEN, P.; DAL SOGLIO, F.; CAPORAL, F. A construção de uma Ciência a serviço do campesinato. **Agriculturas**: experiências em Agroecologia, Rio de Janeiro, p. 67-84, out. 2009.

PIRES, A. Um estudo dentre outros possíveis: o rural como representação. In: CAMPANHOLA, C; SILVA, J. (Ed.). **O novo rural brasileiro**: novas ruralidade e urbanização. Brasília: Embrapa Formação Tecnológica, 2004. cap. 6, p. 149-174.

PLOEG, J. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PLOEG, J. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2006. p. 13-54.

PORTO ALEGRE. Secretaria do Turismo. **Caminhos Rurais**. Porto Alegre, RS, [2005]. 1 Folder.

_____. Secretaria do Turismo. Porto Alegre, RS, [2009]. 1 Folder.

_____. Secretaria Municipal da Produção Indústria e Comercio. **Resolução n° 01/2003**: institui o Regulamento das Feiras Ecológicas realizadas no município de Porto Alegre. Porto Alegre, 2003. Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lillianbstn@hotmail.com> em 17 set. 2009.

_____. Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comercio. **Lei complementar n°434, de 1° de dezembro de 1999**. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/spm/default.htm>>. Acesso em: 15 set. 2009.

_____. Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comercio. **Lei complementar n°482, de 26 de dezembro de 2002**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/509510/lei-complementar-482-02-porto-alegre-rs>>. Acesso em: 24 set. 2009.

_____. Secretaria Municipal de Planejamento. **Situação Demográfica De Porto Alegre: Censos 1980/1991/2000.** Disponível em:
<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/censos_de_80_90_e_2000.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2010.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre.** Porto Alegre, 2008. Disponível em:
<http://www.ecologia.ufrgs.br/labgeo/arquivos/downloads/dados/Diagnostico_Ambiental_POA/cd/Livro/diagnostico_ambiental_de_Porto_Alegre.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RAYMUNDO, M.; OLIVEIRA, M. **Mancha urbana e principais vias de Porto Alegre.** Porto Alegre: [s.n.], 2009. 1 mapa, color. Escala 1:6.000. CD-ROM.

RECHENBERG, F. **“Vamo fala do nosso Lami”**: um estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami, Porto Alegre. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11256>>. Acesso em: 3 mar. 2009.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 4, n. 7, p. 1-25 abr. 1979.

SABIÁ. **Feiras agroecológicas.** [2009]. Disponível em <<http://www.centrosabia.org.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2010.

SCHERER, C. Conhecendo as feiras: um estudo das feiras ecológicas da Cooperativa Ecológica Coolmeia. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14., 2002, Porto Alegre. **Livro de Resumos...** Porto Alegre: EDUFRGS, 2002. p. 707.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, v. 11, p. 88-125, jan./jun. 2004. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a06.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. Atividades não-agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru: EDUFRO, 2000. p. 15-50. (Coleção Turis).

SCUSSEL, M. **O lugar de morar em Porto Alegre**: uma abordagem para avaliar aspectos de qualificação do espaço residencial, à luz de princípios de sustentabilidade. 2007. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) - Faculdade de Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10989>>. Acesso em: 23 jan. 2010.

SEVCENKO, N. **São Paulo**: não temos a menor idéia. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/saopaulosevcenko.html>>. Acesso em: 3 jan. 2010.

SILVA, G. The rural imaginary of the urban reader: the mythic dream of a house in the country. **Brazilian Journalism Research**, Florianópolis, v. 5, p. 154-162, 2009. Disponível em: <<http://e-groups.unb.br/ojsdpp/viewarticle.php?id=226>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

SILVA, M. **Processo de inclusão de municípios em regiões metropolitanas**: a experiência da região metropolitana de Porto Alegre. 2003. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3824>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

SOLARI, A. O objetivo da sociologia rural. In: SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. **Vida rural e mudança social**: leituras básicas de sociologia rural. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1973. p. 3-14.

SOUZA, C.; MÜLLER, D. **Porto Alegre**: e sua evolução urbana. 2. ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2007.

SOUZA, F. **O espaço público contemporâneo**: a complexidade vista a partir de parques urbanos de Porto Alegre. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13539>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

SOUZA, J. **Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa Ecocitrus**: Vale do Caí RS. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18322>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

SOUZA, M. As interpretações da paisagem. **Perspectiva Geográfica**, Cascavel, PR, v. 3, n. 3, p. 103-114, 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/1290/0>>. Acesso em: 1 maio 2010.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

UIEDA, G. **Produção e comercialização de produtos em um modelo de economia solidária**: dois estudos de caso em Porto Alegre, RS. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11002>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

VALLES, M. (Org.). **Técnicas cualitativas de investigación social**: reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Síntesis, 1999.

VEIGA, J. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se pensa. Campinas: Autores Associados, 2003.

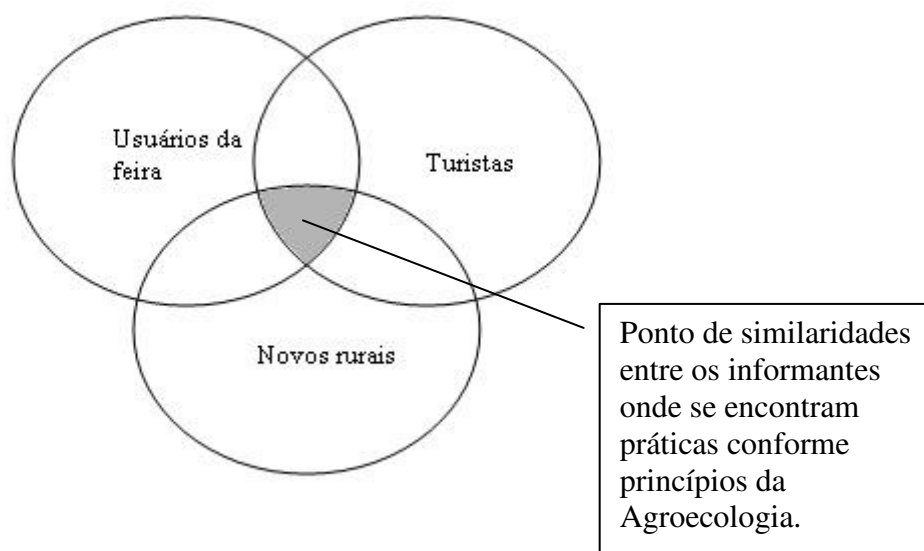
_____. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VILLAÇA, F. **Dilemas do plano diretor**. Disponível em: <<http://www.ongcidade.org/site/arquivos/artigos/dilemas436f9e94d59fb.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2010.

WANDERLEY, M. A emergência da nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quinze/nazare15.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2009.

XAVIER, H. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: ALEPH, 2007. (Série Turismo).

APENDICE A – Ponto de similaridade entre informantes



APÊNDICE B - Roteiros de entrevista

Roteiro de entrevista usuários da feira

- Caracterização da pessoa

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Filhos:

Aonde nasceu:

Em que bairro vive/ha quanto tempo mora neste bairro?

Em que municípios você morou?

Por que você veio morar em Poa?

Em alguns destes municípios que você morou, você residiu no espaço rural?

E como era esse lugar/você gostaria de morar?

Por que?

- Ocupação da pessoa atualmente

Qual a sua profissão?

Aonde você trabalha?

Como descreveria o seu trabalho?

Quais são suas atividades preferidas nos momentos que tem para lazer?

Quais os locais que mais frequenta em Poa?

Por que gosta de fazer estas atividades e ir a estes locais?

- Motivações ligadas ao rural

Onde adquire os alimentos para a sua família?

O que diferencia os alimentos ecológicos da feira dos comprados noutros locais?

Quais são os alimentos que você compra na feira?

Porque prefere comprar estes alimentos na feira/o que você acha da forma como os alimentos são produzidos/ como isso pode estar relacionado com a saúde.

Como tomou conhecimento da feira?

Há quanto tempo frequenta a feira?

De que “bancas” costuma comprar/como escolhe os alimentos?

O que você acha da forma de produção dos alimentos comprados na feira/como isso pode estar relacionado com a saúde.

O que você acha do meio ambiente onde estes alimentos são produzidos?

O que é sustentabilidade?

O que você acha dos agricultores da feira?

- Percepções do rural de Porto Alegre

O que você conhece do rural de Porto Alegre?
 O que você acha da Zona Rural de Porto Alegre?
 Quais seriam as vantagens e desvantagens de morar no espaço rural de Porto Alegre?

Roteiro de entrevista turistas

- Caracterização da pessoa

Nome:
 Idade:
 Sexo:
 Estado civil:
 Filhos:
 Aonde nasceu:
 Em que bairro vive/ha quanto tempo mora neste bairro?
 Em que municípios você morou?
 Por que você veio morar em Poa?
 Em alguns destes municípios que você morou, você residiu no espaço rural?
 E como era esse lugar/você gostaria de morar?
 Por que?

- Ocupação da pessoa atualmente

Qual a sua profissão?
 Aonde você trabalha?
 Como descreveria o seu trabalho?
 Quais são suas atividades preferidas nos momentos que tem para lazer?
 Quais os locais que mais frequenta em Poa?
 Por que gosta de fazer estas atividades e ir a estes locais?

- Motivações para o turismo no Caminhos Rurais

Em que lugares faz turismo?
 Como você diferencia estes locais do Caminhos Rurais de Porto Alegre?
 Porque optou pelo turismo neste local?
 Como tomou conhecimento do Caminhos Rurais?
 Você já veio outras vezes ao roteiro/Por que está retornando?

- Percepção da Zona Rural de Porto Alegre

O que você acha da Zona Rural de Porto Alegre?
 O que você acha do meio ambiente deste espaço?
 Quais seriam as vantagens e as desvantagens de morar no espaço rural de Porto Alegre?
 O que é sustentabilidade?
 Como isso pode estar relacionado com a saúde?

Roteiro de entrevista novos rurais

- Caracterização da pessoa

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Filhos:

Aonde nasceu:

Em que bairro vive/ha quanto tempo mora neste bairro?

Em que municípios você morou?

Por que você veio morar em Poa?

Em alguns destes municípios que você morou, você residiu no espaço rural?

E como era esse lugar/você gostaria de morar?

Por que?

- Ocupação da pessoa atualmente

Qual a sua profissão?

Aonde você trabalha?

Como descreveria o seu trabalho?

Quais são suas atividades preferidas nos momentos que tem para lazer?

Quais os locais que mais frequenta em Poa?

Por que gosta de fazer estas atividades e ir a estes locais?

- Percepções relacionadas ao rural de Porto Alegre

Há quanto tempo mora na Zona Rural de Porto Alegre?

Por que veio morar neste espaço rural/como você se sente morando aqui?

Da onde você veio?

Como você diferencia o local da onde você veio daqui?

O que você conhecia deste espaço rural antes de vir morar aqui?

Você fazia turismo ou visitas a este espaço antes de pensar em morar aqui?

Porque fazia turismo e visitas a este espaço?

O que você acha do meio ambiente deste espaço?

Quais são as vantagens e desvantagens de morar no espaço rural de Porto Alegre?

O que é sustentabilidade?

Como isso está relacionado com sa

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido

Este documento visa esclarecer os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa intitulada: “Percepção do espaço rural: descrição e análise a partir de cidadãos e neo-rurais da Zona Rural de Porto Alegre – RS” e você, _____, está sendo convidado/a a participar como voluntário/a.

Para além destes esclarecimentos sobre a pesquisa, este termo também contém os contatos residencial, institucional e telefônico da pesquisadora, para eventuais dúvidas ou esclarecimentos que possam surgir sobre a pesquisa e a participação nesta.

Concordando em participar, o termo deve ser assinado no final, pela pesquisadora e pessoa que cedeu a entrevista ficando cada uma com cópia.

É importante ressaltar que a participação nesta pesquisa não é obrigatória e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, solicitando que todo o material coletado até então seja descartado. A recusa não trará nenhum prejuízo na relação com a pesquisadora ou com a instituição. Além disso, fica garantida a confidencialidade das informações e dos dados pessoais coletados durante as entrevistas.

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pretende descrever quais são as percepções de cidadãos e neo-rurais do espaço rural de Porto Alegre (RS). A partir disso, analisar as diferentes formas de percebê-lo.

Para tanto, a pesquisa irá basear-se em entrevistas individuais com pessoas que frequentam a Feira da Agricultura Ecológica (FAE), turistas do Caminhos Rurais de Porto Alegre e neo-rurais que residem no espaço rural desta capital.

A partir do consentimento, as entrevistas serão gravadas digitalmente e depois transcritas literalmente, para que possam ser analisadas. Este material será catalogado de maneira a garantir que os dados pessoais de cada entrevistado não sejam divulgados e estará à disposição destes a todo tempo.

DADOS DA PESQUISA/PESQUISADORA/INSTITUIÇÃO

NOME DA PESQUISA: “Percepção do espaço rural: descrição e análise a partir de cidadãos e neo-rurais da Zona Rural de Porto Alegre – RS”

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Lillian Bastian

ENDEREÇO: Avenida João Pessoa, nº 41, apto 719, Centro, Porto Alegre.

ENDEREÇO ELETRÔNICO: lillianbstn@hotmail.com

TELEFONE: (51) 96240056

INSTITUIÇÃO DE PESQUISA: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PGDR/UFRGS

ENDEREÇO: Av. João Pessoa, 31. Centro - Porto Alegre, RS. Cep: 90040-000.

TELEFONE/FAX: (51) 3308-3281

Assinatura da Pesquisadora Responsável

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado pela pesquisadora *Lillian Bastian* dos objetivos e procedimentos que serão utilizados e confidencialidade da pesquisa. Através deste consentimento, concordo em participar da pesquisa acima descrita. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer constrangimento. Declaro também que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

_____, __/__/2009

(Nome por extenso)

(Assinatura)